



Contanto que você me ame

L. F. FREITAS

Ela não queria um
relacionamento sério.
Ele também não.
Mas quem disse que se
pode mandar no coração?

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Contanto que você me ame

L.F. Freitas

2019

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Copyright© 2019 LF Freitas

Capa: Gisele Souza

Sinopse

Aos 30 anos, Maurício jurava que tinha tudo que precisava: sexo casual, uma boa casa, uma filha adolescente que o chamava de velho de vez em quando e até uma cachorra, a Panqueca. Ou seja, tudo – quase – sob controle. Até que a tal cachorrinha foge...

Para Carina, as coisas não eram tão simples. Desacreditada no amor, tinha em seu gatinho Howie D. – sim, igual àquele da boy band – seu maior companheiro. Até que ele foge...

Uma troca de animais de estimação, encontros e desencontros, e um casal que vive feito cão e gato – literalmente.

Será que o destino se encarregará de unir dois corações tão diferentes e provar para Maurício e Carina que o amor pode vir de onde menos se espera?

Sumário

[Agradecimento](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo um – O significado de ficar sozinha](#)

[Capítulo dois – A forma do meu coração](#)

[Capítulo três – Inconsolável](#)

[Capítulo quatro – O telefonema](#)

[Capítulo cinco – Chances](#)

[Capítulo seis – Não vá partir meu coração](#)

[Capítulo sete – Deixa rolar](#)

[Capítulo oito – Aquele](#)

[Capítulo nove – OK](#)

[Capítulo dez – Afogando](#)

[Capítulo onze – De volta ao seu coração](#)

[Capítulo doze – Pinte o meu mundo](#)

[Capítulo treze – Tudo o que eu tenho para dar](#)

[Capítulo catorze – Incompleto](#)

[Capítulo quinze – Hot, hot, hot](#)

[Capítulo dezesseis – Eu quero assim](#)

[Capítulo dezessete – Mais do que isso](#)

[Capítulo dezoito – Contanto que você me ame](#)

[Epílogo](#)

Agradecimento

Às escritoras lindas, queridas e talentosas do grupo *Juntas e Shallow Now*, que tanto me ajudaram a resgatar a alegria de escrever. Obrigada por me receberem tão bem no grupo, por serem tão generosas e tão maravilhosas!

Prólogo

Olívia

Bem, devo começar dizendo que essa não é a minha história, embora eu tenha sido parte importante dela. Na verdade, essa história é do meu pai, e de como ele conheceu o grande amor da sua vida. Não foi uma história que aconteceu vários anos atrás, porque... bem, essa mulher não é a minha mãe.

Meu pai e minha mãe eram um lance... complicado. Na real, era para ter sido algo extremamente simples, meio descompromissado entre dois adolescentes. Só que ela engravidou e eles decidiram morar juntos, o que obviamente não foi a melhor das ideias, já que eles se separaram apenas alguns meses depois que eu nasci. Alguns anos depois, minha mãe faleceu, e então nos tornamos oficialmente apenas o meu pai e eu. Ah, e a Pan.

Certo, calma... Pan ainda não é a mulher da vida dele. É a Panqueca, nossa cachorra. E ela também teve um papel fundamental nessa história toda.

Para facilitar, vou deixar que ele e ela (a mulher da vida dele, claro. Não a Panqueca. Mas acho que deu para entender, né?) contem essa história. Até porque, apesar de eu, como já falei, ter sido fundamental nisso tudo, eu não estava presente em todos os momentos e, obviamente, não sei de todos os detalhes. E, sinceramente, nem estou interessada em saber. Primeiro, porque eu só tenho treze anos. E, segundo, porque é do meu pai que estamos falando. Alguns detalhes podem ser extremamente nojentos para mim, prefiro continuar sem saber deles.

O que posso adiantar a respeito dos protagonistas dessa história é que meu pai, Maurício, é um gato. Mas não conte a ele que eu falei isso. Apesar de eu chamá-lo o tempo todo de 'velho', ele tem apenas trinta anos, e, repito, é um cara bem bonito. Já a Carina, bem... ela também é muito bonita, verdade seja dita. E é bem legal também. Mas a melhor coisa dela é que ela trouxe o Howie para a minha vida.

Capítulo um – O significado de ficar sozinha

“You are missing in my heart (*Você é o que falta em meu coração*)

Tell me why I can't be there where you are (*Me diz por que não posso estar onde você está*)

Show me the meaning of being lonely (*Mostre-me o significado de ficar sozinho*)

Is this the feeling I need to walk with (*É esse sentimento que preciso suportar*)

Tell me why I can't be there where you are (*Me diz por que não posso estar onde você está*)

There's something missing in my heart” (*Tem algo faltando em meu coração*)

Show me the meaning of being lonely – Backstreet Boys

Carina

Às vésperas de completar os meus trinta anos, eu me tornara aquilo que minha mãe mais temia: a solteirona louca dos gatos.

Ou do gato, na verdade. No singular. Apenas um. Howie D. era um vira-lata malhado, única coisa boa que me restara do meu penúltimo namoro. Estávamos juntos em uma feira de adoção, bati o olho no Howie e fora amor à primeira vista. Paulo, meu namorado na época, tentara me convencer de que um cachorro seria mais legal. Foi bom não ter dado ouvidos a ele, já que nosso namoro terminara dois meses depois. E Howie continuava na minha vida desde então. Forte, fiel e esfomeado.

Às vezes eu tinha a impressão de que trabalhava para comprar ração para ele. Porque, por Deus, como o bichinho comia!

Enfim, tive mais um namoro depois, que durara menos de um ano. Ele também não gostava de gatos. Em especial, não gostava do *meu* gato. Que, por sua vez, também não gostava dele. Mas eu relevava isso, em nome

da tal paixão. Acreditava que aquele idiota fosse o amor da minha vida, queria me casar, ter filhos com ele e tudo mais. Porém, por mais que o amor parecesse forte, quando o filho da mãe me falou ‘Ou eu, ou o gato’, não foi nada difícil para mim fazer a escolha mais sensata. Depois que terminamos, descobri que ele me traía com a secretária da empresa do pai dele. Meu gato seguia sendo fiel a mim, o que me dava ainda mais certeza de ter decidido da forma correta.

Sendo assim, Howie era o que me restava de companhia para um sábado à noite. Ele, a coberta, um bom vinho e a TV, claro. No momento, assistia (pela quarta ou quinta vez) a um show dos Backstreet Boys (minha *boy band* favorita desde sempre e para sempre) durante o Festival Viña Del Mar, em 2019. Mesmo quarentões, eles continuavam maravilhosos. E acho que eu ainda seria capaz de largar tudo para me casar com o Kevin. O único ser na face da Terra que ainda seria capaz de me fazer usar a palavra ‘casamento’ em qualquer pensamento ligado à minha pessoa.

No momento, nós (eu na minha sala, eles na TV) cantávamos *Nunca te hare llorar*, versão em espanhol de *I'll Never Break Your Heart*. Tudo na mais completa paz, até ser obrigada a pausar quando minha mãe me ligou para contar sobre o convite que recebera para o casamento de uma das minhas primas.

Só para constar: minha prima *mais nova*. A penúltima solteira da família. Agora, restava apenas eu. Sinceramente, isso não me importava. Ao menos, não mais. Mas minha mãe era simplesmente obcecada pela ideia de me ver entrando em uma igreja de vestido branco e tudo mais.

Eu odiava roupas brancas. Os pelos pretos de Howie me traumatizaram com relação a isso.

Despachei a minha mãe e desliguei a ligação, voltando a assistir ao show. Passara-se apenas alguns minutos quando meu telefone voltou a tocar no mesmo momento em que a música do concerto mudava para *Quit Playing Games*. Achei graça do fato de aquela ser exatamente a música favorita da pessoa que me ligava. Era Lúcia, minha melhor amiga desde o ensino médio. Ela também estava tendo um sábado em casa, mas por motivos diferentes dos meus.

— Eles estão me deixando louca! Tivemos hoje uma conversa séria, mas, ainda assim, não resolveu de nada! Eles simplesmente não me ouvem! Não há diálogo eficaz nessa casa, não sei mais o que fazer!

Não dava para segurar o riso diante do depoimento dramático da minha amiga. Especialmente pela razão que expus:

— Lu, eles têm dois anos de idade. — ‘Eles’ eram Felipe e Caio, filhos gêmeos da Lúcia. — E se está achando difícil agora, espere só até Sofia chegar. — Minha amiga estava no quarto mês de gestação de uma menina.

— Não sei onde eu estava com a cabeça quando decidi ter outro filho. Dois já estava de muito bom tamanho. Aliás, em um tamanho bom até demais. Eles estão me enlouquecendo, é sério. Acabaram de dormir e é o único momento do dia, quando não estou trabalhando, em que consigo respirar. Bem, amanhã eu também terei um dia de paz. Eles vão ficar com os avós. Aliás, foi por isso que eu te liguei. O Cristiano estará de plantão amanhã, então, o que acha de passarmos o dia juntas? Como nos velhos tempos? Podemos ir ao shopping, almoçarmos por lá, pegar um cinema...

Eu amava a minha amiga. De verdade, de todo o meu coração. E realmente sentia falta dos tais velhos tempos, quando ela ainda estava solteira – e até mesmo depois de casada, antes da chegada dos gêmeos – e nós sempre saíamos juntas. Mas eu tinha tido uma semana tão cansativa e estressante, que apenas o que eu queria era passar o final de semana inteiro criando raízes no meu sofá. Só que Lúcia era mega dramática (canceriana em nível hard!) e eu sabia que dizer a verdade para ela iria fazê-la criar mil teorias de que eu não a amava mais e não queria mais sua companhia. Por isso, eu precisava pensar em uma desculpa que fosse suficientemente convincente.

Comecei a falar enquanto acariciava as costas de Howie.

— Então, amiga... eu adoraria. De verdade mesmo. Mas acontece que amanhã eu preciso... Bem... eu preciso... — Calei-me ao sentir algo diferente sob o pelo do meu gato. Algo como um caroço, bem nas costas dele. Aquilo me apavorou. — Preciso levar o Howie ao veterinário — completei com o que, agora, era verdade.

— Pelo amor de Deus, Carina, você não tem vergonha? Contar uma mentira para não sair comigo, beleza, mas algo assim, envolvendo a saúde do pobre bichinho? A que nível você chegou, hein?

O espanto de Lúcia tinha fundamento. Ela sabia que seria realmente um extremo para mim contar uma mentira que sugerisse uma doença em meu gato. Eu poderia adoecer hipoteticamente qualquer ser humano da face da terra, mas eu era simplesmente louca pelo Howie.

— Acha que eu inventaria algo assim, Lu? Acabei de sentir um caroço nas costas dele. Meu Deus, será que é um tumor?

— Talvez seja apenas uma verruga.

— Acha que eu não reconheceria uma verruga?

— O que eu acho... na verdade, o que eu tenho certeza... é que você é um tanto neurótica com esse gato. Se qualquer maneira, amanhã é domingo.

— Abriu uma clínica nova aqui perto, eles atendem aos domingos até meio-dia. Vou levá-lo pela manhã.

— Até meio-dia? Perfeito. Eu vou com você. Depois deixamos Howie em casa e seguimos para o shopping para almoçarmos. Perfeito!

Certo, agora eu não teria como dizer não.

Mas isso, no momento, não me importava mais. Toda a minha preocupação se resumia em garantir que meu Howie ficasse bem.

Maurício

O lado bom de ter sido pai ainda bem jovem era ter tido todo o pique e a energia para acompanhar de perto o crescimento da minha cria. Nas férias, eu a levava para a casa de campo do meu pai, e subíamos em árvores juntos. Pude dar a ela uma infância tão saudável quanto a minha e, mesmo

com o trabalho e a faculdade, estive ao lado dela nas brincadeiras pelo máximo que pude.

O lado ruim? É que agora eu estava com trinta anos... e tinha em casa uma criaturinha prestes a completar treze anos, extremamente rabugenta e que jogava contra mim argumentos completamente surreais como aquele.

— Quer dizer então que você não acha que eu devo te acompanhar para comprar o vestido para a sua festa, porque eu supostamente não entendo nada?

Sentada diante de mim, do outro lado da mesa onde tomávamos o café da manhã, a pequena petulante revirou os olhos antes de concordar:

— Isso mesmo.

— E você pode repetir o motivo para eu supostamente ‘não entender nada’? Acho que eu não ouvi muito bem.

Ela bufou, como se fosse um grande sacrifício ter que falar a mesma coisa duas vezes.

— Porque você é um velho, pai. Aceita!

Dito isso, ela tranquilamente voltou a atenção ao seu irritante smartfone. Certo, quando foi que eu tinha deixado de ser o pai legal para me tornar o ‘velho que não entende nada’?

Se tinha uma coisa que cuidar de Olívia havia me forçado a aprender era justamente entender o universo feminino. Se juntos subíamos em árvores e jogávamos futebol (aliás, minha filha até melhor do que eu, já que decidira aos seis anos, por conta própria, entrar para uma escolinha de um clube da cidade, e hoje era a camisa 11 da equipe feminina sub-13. Meu orgulho!), ela também tinha os momentos em que preferia brincar de boneca e eu nunca permiti que a masculinidade tóxica que eu nutria quando mais novo me impedisse de acompanhá-la também nessas brincadeiras. Eu não era o melhor nisso, mas sabia fazer nela alguns penteados simples. Eu sabia, inclusive, os nomes de todas as malditas princesas da Disney (embora algumas ainda me confundissem). Aliás, ela agora vinha com essa conversa de que eu não saberia ajudá-la a escolher um vestido, quando eu havia comprado roupas para ela durante sua vida inteira. Talvez tivesse cometido alguns equívocos, mas eu me esforçava. Pedi muito ajuda de ‘namoradas’

(o termo ‘casos passageiros’ era mais adequado), colegas de faculdade, de trabalho, vendedoras de lojas e até mesmo pesquisei moda feminina infantil na internet inúmeras vezes. Mas eu tinha aprendido. Como aquele projeto de gente agora ousava dizer que eu não entendia nada?

Na verdade, a resposta me era clara: eu me esforçara para aprender todo o necessário para criar uma criança. Sabia a diferença entre a Cinderela e a Bela Adormecida, mas desconhecia o que diabos diferenciava uma base de um corretivo. Aos doze, Olívia trocara as bonecas pela maquiagem, as brincadeiras pelas horas no celular conversando em seu grupo de amigas usando gírias e siglas que eu sequer era capaz de traduzir.

Talvez eu fosse, realmente, um velho que não entendia nada, no fim das contas.

Ou a minha garotinha tinha simplesmente crescido rápido demais. E eu não sabia se estava preparado para isso.

— Quando é mesmo o próximo jogo? — perguntei, mudando estrategicamente de assunto. Ao menos, para o meu alívio, ela ainda se importava com o futebol.

— Quarta-feira — ela respondeu, sem tirar os olhos do celular. — Você vai, não vai?

— Não sei se você vai querer lá um velho que não entende nada.

Ela abaixou um pouco a tela do celular, enfim me olhando por um instante, enquanto o esboço de um sorriso surgia no canto dos seus lábios.

— É um velho teimoso e dramático. Mas é a semifinal do campeonato. E os velhos pais de todas as meninas estarão por lá também. Claro, nenhum deles é tão gato quanto o meu, não é nada ruim ostentar um pouco.

Para alguma coisa eu ainda servia, afinal.

Senti algo gelado na minha mão e baixei os olhos, deparando-me com um focinho peludo e um par de olhos pidões que focavam na torrada sobre a mesa. Panqueca era o terceiro membro da nossa pequena família: uma cadela de porte médio/grande, adotada por nós de um abrigo há sete anos. Na época, a mãe de Olívia estava internada em estado grave, e um cachorro

foi a forma que encontrei para, de um jeito bem covarde, conseguir confortá-la um pouco para o que viria.

— Pai! — ouvi Olívia me repreender e só então me dei conta de que, de forma automática, tinha dado um pedaço da torrada a Panqueca — O veterinário falou para parar de dar nossa comida para ela.

— Esses veterinários são muito exagerados.

— Ela está três quilos acima do ideal.

— Resolvemos isso com a caminhada. Aliás, termine logo esse café, que vou aproveitar para fazer uma compra. Você me espera com ela do lado de fora do mercado.

— Sabe que Panqueca fica inquieta quando ficamos parados com ela na rua por muito tempo.

— Não será ‘por muito tempo’. Vou só comprar algumas poucas coisas. Depois, à tarde, poderíamos ir ao shopping, o que acha? Para comprar o seu vestido.

— Já disse que não quero a sua ajuda nisso.

Ninguém poderia me acusar de não tentar.

Carina

— ‘Acha que eu não reconhecera uma verruga?’

Era extremamente irritante o modo com que Lúcia tentava imitar o tom dramático da minha voz. Só não era pior do que a frase que eu tinha certeza de que ela diria a seguir.

— Eu avisei, não foi?

Odiava ouvir aquilo, embora já fosse o esperado. Saíamos agora da clínica veterinária e o diagnóstico do Howie era exatamente o que ela já tinha previsto: verruga.

É, eu tinha me desesperado e pagado uma consulta cara por causa de uma porcaria de uma verruga.

— Mas era bem grande, tive razão em me preocupar — rebati em minha defesa.

Ela revirou os olhos e riu. Apenas suspirei em silêncio. Sabia que não adiantaria tentar, a Lúcia não entenderia. Howie era parte da minha família. Na verdade, atualmente ele era toda a minha família. Minha mãe tinha o marido dela e os filhos do atual casamento para ocuparem sua cabeça, e a única preocupação comigo era com relação a eu arranjar um cara para me casar. Quando me ligava, ela nunca perguntava do meu trabalho, da minha saúde, do que eu havia feito ou planejava fazer, do que eu sentia e nem mesmo do Howie. Era sempre a mesma coisa: ‘sua prima se casou’, ‘a filha da minha amiga está grávida do segundo filho’, ou mesmo a abordagem mais direta: ‘quando você vai arranjar um marido?’ e outras variáveis. A verdade é que a gente nunca tinha se dado bem. A prova disso é que fazia quase dez anos que eu morava sozinha e durante todo esse tempo ela só tinha ido três vezes ao meu apartamento. Tinha dois irmãos, frutos do segundo casamento dela, um de dezesseis e outro de dezoito anos, e não possuía qualquer grau de intimidade com eles. Eram como pouco mais de dois conhecidos.

Sendo assim, quando me mudei de cidade, minha família passou a ser a Lúcia, com quem eu dividia o apartamento. Até que ela se casou e foi embora, e... bem... daí eu adotei o Howie, que era a minha única companhia.

Não que eu precisasse de mais alguma. Amava muito o meu gatinho, e já não conseguia imaginar a minha vida sem ele.

— Fechou direito a caixa? — perguntei a Lúcia, que tinha colocado o Howie na caixa de transporte, a qual ela mesma segurava, enquanto eu fazia o pagamento da consulta com a atendente da recepção.

— Claro que fechei. Relaxa, Cá. É só uma verruga, o Howiezinho vai ficar bem. Vamos agora deixá-lo em casa e sair para almoçarmos juntas como nos velhos tempos.

Por fim, acabei sorrindo. Lembrar os velhos tempos era uma boa ideia, no fim das contas. Sentia muito a falta da Lúcia.

Sáímos juntas da clínica. Ela seguiu carregando a caixa de transporte de Howie, enquanto eu guardava o cartão na carteira e a enfiava dentro da bolsa. Logo que chegamos à calçada, o burburinho de vozes aflitas logo chamou a minha atenção e, menos de um segundo depois, levantei o rosto aflita com o som que ouvi.

Eram tiros?

Uma correria iniciou-se na rua. Alguém esbarrou forte em Lúcia, fazendo com que ela deixasse cair a caixa de transporte. Foi tudo tão rápido, que não tive tempo de agir. Ao chocar-se contra o chão, a porta da caixa se abriu e Howie escapou. Assustado com os gritos e a intensa movimentação ao seu redor, ele saiu correndo sem rumo. Sequer pensei duas vezes antes de correr atrás dele, sem me preocupar em tentar saber de onde tinham vindo aqueles tiros para não ir em direção ao perigo. Contudo, logo o perdi de vista em meio à multidão.

Uma sensação sufocante invadiu o meu peito. Um misto de medo, desespero e impotência.

Maurício

Eu estava ainda na fila do caixa do mercado quando observei a movimentação suspeita na farmácia à frente, do outro lado da rua. Apesar de morarmos em uma cidade relativamente pequena, assaltos não eram algo tão incomum assim, e eu já havia presenciado alguns na vida para saber que era um péssimo negócio ficar perto. Larguei as compras e segui para a saída do mercado, onde Olívia me esperava enquanto brincava com Panqueca. Chegava ainda à porta quando, sem tirar os olhos dos três tipos suspeitos que entravam na farmácia, tive a confirmação ao meu temor quando um deles levou à mão à cintura, tirando de lá um revólver e anunciando o assalto. Olhei para o segurança do estabelecimento e percebi sua intenção

de reagir. Não pensei duas vezes e praticamente saltei em direção à minha filha, puxando-a comigo para trás de uma bancada de verduras bem à frente do mercado e abaixando-me com ela lá atrás. Com o susto, ela acabou afrouxando a mão que segurava a guia de Panqueca. Então, o primeiro tiro foi ouvido e, assustada, nossa cadela acabou por sair correndo, escapando para longe de nós.

Olívia gritou e tentou se levantar para ir atrás de Panqueca, mas eu a segurei com força, detendo-a. A troca de tiros continuou, o som acompanhado pelos gritos e pela correria das pessoas na rua. Proteger a minha filha era a coisa mais importante da minha vida. Ainda assim, não pude evitar olhar através das frestas da bancada que nos protegia, procurando por Panqueca e sentindo o peso da culpa por não ter ido atrás dela naquele momento.

Capítulo dois – A forma do meu coração

**“Sadness is beautiful, loneliness is tragical (*A tristeza é bonita, a solidão é trágica*)
so help me I can't win this war, oh no (*Então ajude-me, não consigo vencer essa guerra*)
Touch me now don't bother (*Toque-me agora, não se aborreça*)
if every second it makes me weaker (*se cada minuto isso me torna mais fraco*)
You can save me from the man I've become (*Você pode me salvar do homem que eu me tornei*)**

**Lookin' back on the things I've done (*Olhando para trás sobre as coisas que eu fiz*)
I was tryin' to be someone (*Eu estava tentando ser alguém*)
I played my part, and kept you in the dark (*Fiz minha parte e guardei você no escuro*)
Now let me show you (*Agora deixe-me mostrar-lhe*
the shape of my heart” (*a forma do meu coração*)**

The shape of my heart – Backstreet Boys

Carina

Já era noite quando enfim dei as buscas do dia como encerradas e voltei para casa. Meu coração doía insuportavelmente por estar sem o Howie. Ele já tinha vivido nas ruas antes de ser resgatado e colocado para a adoção, mas já fazia anos que ele morava comigo. Já estava acostumado a dormir comigo na cama, a viver em um lugar seguro e protegido. E eu nem poderia imaginar o sofrimento dele de estar de volta às ruas, especialmente em um mês de inverno como julho. Ele devia estar com fome, com frio, assustado. E se fosse atropelado? E se fosse atacado por um cachorro? E se alguma pessoa ruim lhe fizesse algum mal?

Eram infinitos ‘se’. E a cada um deles, meu coração doía um pouco mais.

Logo que abri a porta do meu apartamento, Lúcia veio correndo aflita em minha direção. Ela tinha ficado lá para o caso de Howie voltar. Eu morava no terceiro andar, em um apartamento todo telado, por isso era bem improvável que ele conseguisse entrar. Mas tinha deixado o porteiro de sobreaviso, e ele me garantiu que ficaria de olho caso visse meu gato rondando nos arredores. Seria bom ter alguém em casa caso isso ocorresse. Quando minha amiga percebeu que a caixa de transporte em minha mão estava vazia, ela me abraçou com força, repetindo o milésimo pedido de desculpas.

— Eu sinto muito, Cá! Juro que pensei ter fechado a caixa direito, como pude deixar isso acontecer?

— Tudo bem, Lu, não é culpa sua.

Sendo bem racional eu sabia que não era mesmo. Ela tinha se assustado com o som dos tiros, poderia ter acontecido até mesmo comigo.

Sobre o ocorrido, ouvi mais tarde os rumores pelas ruas de que três ladrões invadiram uma farmácia, mas o segurança estava armado, reagiu, então teve troca de tiros e todo aquele terror generalizado. Uma senhora tinha sido baleada de raspão, mas passava bem. Graças a Deus, ninguém tinha morrido ou se ferido com gravidade, e os bandidos foram levados para a delegacia.

Tudo para mim estaria em paz, se não fosse o terror de pensar em meu gatinho perdido pelas ruas.

Lúcia me puxou pela mão até o notebook aberto sobre a mesa de centro, enquanto falava sobre o que tinha feito:

— Postei um anúncio com a foto dele em tudo que é rede social, mandei para páginas grandes da cidade, para grupos de proteção animal... olha quantos compartilhamentos já teve. Vão achar o Howie, amiga. Coloquei o número do seu whatsapp. Vai ver como logo vai surgir uma mensagem de alguém dizendo que o encontrou.

Por instinto, peguei o celular e abri o aplicativo de mensagens o qual eu sempre evitava olhar no final de semana para não me estressar com

grupo do trabalho. Tinham quase dez mensagens de desconhecidos lá. Aflita, abri uma por uma. A primeira delas tinha a foto de um gato que não se parecia nada com o meu (era amarelo, enquanto o meu era preto e branco). As demais eram quase todas de pessoas contando que ficariam de olho ou tentando me tranquilizar dizendo que tudo ficaria bem. Uma delas era de alguém dizendo que eu era uma irresponsável por ter deixado o meu bichinho fugir.

Talvez eu realmente fosse.

Olhei para o sofá, onde os pequenos Felipe e Caio dormiam profundamente. No caminho até o meu apartamento, Lúcia passou na casa dos sogros para pegar os meninos, já que não sabia que horas eu voltaria da minha busca. E já estava bem tarde.

— Lu, melhor você ir. Os meninos estão cansados.

— Ah, claro que estão, correram o dia todo. Aliás, Caio quebrou um dos seus copos, espero que não se importe.

Eu realmente não me importava. Não queria saber de copos ou de qualquer coisa material naquele momento. Meu único pensamento era no meu gato.

Olhei para a minha amiga e percebi o semblante dela de cansaço. E era difícil ver Lúcia daquele jeito. Ela sempre fora a pessoa mais ativa e elétrica que eu conhecia, às vezes parecia incansável. Porém, no momento a carga provavelmente andava elevada demais. Ela tinha o seu próprio negócio: uma loja de roupas para festas, que estava crescendo e a qual ela pretendia em breve expandir abrindo outras unidades. O marido dela, Cristiano, era médico e trabalhava em um hospital particular e também no único hospital público da cidade. Os dois mal estavam dando conta dos gêmeos e, agora, já tinham outro bebê a caminho.

Aquele era um dia que ela tinha para se distrair e, no entanto, estava agora às voltas com a fuga do Howie.

— E hoje seria o seu dia de descanso, não é? Sinto muito por isso, Lu.

— Não, Cá. Foi tudo culpa minha. E não vou sossegar enquanto não acharmos o Howie.

— Já disse que você não tem culpa, e... Anda, vai pra casa. Precisa descansar. Já é quase meia-noite, não há nada o que podemos fazer agora.

— Mas você vai ficar bem sozinha?

Balancei a cabeça em uma afirmação e forcei um sorriso, embora ‘bem’ não fosse exatamente a melhor palavra para definir como eu ficaria. Não dava para ficar bem sabendo que Howie estava sozinho nas ruas. Mas era verdade que não havia mais o que ser feito. E Lúcia precisava descansar. Já tinha feito muito por mim naquele dia.

Peguei Felipe no colo, com cuidado para não o acordar, e Lúcia fez o mesmo com Caio. Descemos juntas pelo elevador até o térreo. O carro dela estava estacionado bem em frente ao prédio. Despedimo-nos com mais um abraço e ela me fez prometer que comeria alguma coisa e iria dormir. Eu duvidava muito que conseguisse pegar no sono pensando em Howie.

Quando voltei a entrar no prédio, parei no hall, só então reparando que havia um cachorro lá. Todo encolhido sobre um tapete colocado em um canto próximo às escadas. Havia uma guia presa à sua coleira, o que me fez pensar que deveria ser um animal perdido. Ou, o que seria bem provável: mais um abandonado. Havia uma rodovia importante ali perto e, por qualquer razão cruel e aleatória, várias pessoas achavam uma boa ideia deixarem seus cães ali pelo caminho e seguirem suas viagens.

Quanto mais eu conhecia as pessoas, mais concluía que os animais ditos irracionais eram sem dúvidas as melhores criações divinas.

Olhei para o senhor Luiz, o porteiro, e ele imediatamente explicou:

— O pobrezinho estava sentindo frio lá fora, coloquei pra dormir aqui, pelo menos essa noite.

— Fez bem, hoje está muito frio.

— É, mas nem todos pensam assim. Tem moradores já reclamando do bichinho.

Revirei os olhos, já imaginando quem seriam os tais moradores. Tinha um velho chato do quinto andar, e o casal do apartamento de frente para o meu, que não suportavam animais e sempre implicavam com o Howie.

— E o seu gatinho, dona Carina? — Sr. Luiz voltou a falar. — Nada dele ainda?

— Nada. Mas minha amiga colocou anúncios online, alguém vai achá-lo e entrar em contato.

— Com certeza que vai! Pode deixar que vou continuar de olho.

— Obrigada, Sr. Luiz. Boa noite!

— Boa noite, dona Carina.

Após apertar o botão do elevador, voltei a olhar para o cachorro. Pensei em como podiam existir pessoas capazes de abandonarem seus animais daquele jeito, à sua própria sorte. Enquanto tudo o que eu queria era ter o meu gatinho de volta.

Quando a porta do elevador se abriu, eu entrei.

Agora, além de Howie, eu também volta e meia pensava no podre cachorro que dormia na portaria. Esperava que nenhum dos vizinhos chatos voltasse a implicar com ele.

Maurício

Já fazia horas que ela estava ali. E aquilo me agoniava cada vez mais. A noite estava fria, já era quase uma da madrugada, e ainda assim Olívia estava sentada no banco da varanda, com os olhos fixos no portão de casa e o olhar atento para a rua através das grades, na certa esperando que Panqueca voltasse a qualquer momento.

Achava pouco provável que isso acontecesse. Panqueca era apenas um filhote quando a adotamos, sempre viveu conosco. Do jeito que a conhecia, imaginava que, após correr assustada por horas, tinha se encolhido em algum canto que julgasse mais protegido e lá estaria. Apesar do tamanho, nossa cadela era bem assustada.

Pensar nisso fazia eu me sentir ainda mais culpado por não ter ido atrás dela logo que ela saiu correndo. Porém, naquele momento, minha prioridade era proteger a minha filha.

Respirando fundo, fui até ela, sentando-me no banco ao seu lado.

— Está tarde, filha. Você tem aula amanhã.

— Não vou pra escola. Quero sair pra procurar a Pan.

— Não, você vai para a escola, já disse. Vou desmarcar meus pacientes de amanhã e eu mesmo vou procurar por ela. — Fiz uma pausa aguardando uma resposta. Como ela não disse nada, suspirei e voltei a repetir o pedido de desculpas. — Filha, sei que talvez você não entenda, mas... Eu faria tudo para evitar que você se machucasse.

— Não adiantou muito, pai. Porque eu estou machucada, de qualquer forma. Da pior forma possível. Eu não posso perder a Panqueca assim.

— Não vai perdê-la, querida. Eu vou encontrá-la, prometo pra você. Agora vá dormir, você tem escola amanhã.

— Vou mais tarde. Só quero agora ficar um pouco sozinha, pai. Por favor.

A tristeza na voz dela acabava comigo. Porém, atendi ao seu pedido e a deixei sozinha. Fui me deitar pensando no que faria caso não fosse capaz de cumprir a minha promessa de encontrar a nossa cachorra.

Capítulo três – Inconsolável

“Baby, I don't want to waste another day (*Baby, eu não quero desperdiçar outro dia*)

Keeping it inside, it's killing me (*Manter isso aqui dentro está me matando*)

'Cause all I ever want, it comes right down to you (*Porque tudo que eu sempre quis acaba convergindo pra você*)

I wish that I could find the words to say (*Eu queria encontrar as palavras para dizer*)

Baby I would tell you every time you leave (*Baby, eu te diria toda vez que você vai embora*)

I'm inconsolable (*Eu fico inconsolável*)

Inconsolable – Backstreet Boys

Carina

Eu mal havia conseguido pregar os olhos durante a noite. Nas poucas vezes em que consegui cochilar, acordava sobressaltada minutos depois, atormentada por pesadelos ou acreditando ter ouvido algum barulho que pudesse indicar que Howie estava voltando pra casa. Levantei-me bem mais cedo do que precisava e fui checar minhas mensagens e redes sociais para ver se havia alguma notícia sobre o Howie. Novamente, encontrei apenas mensagens de pessoas fazendo perguntas, desejando força... até uma oração de São Francisco me enviaram. Conseguia compreender a boa intenção daquelas pessoas, mas nada disso me ajudava de forma concreta.

Não consegui comer nada, então apenas tomei um banho, vesti uma roupa bem quente – novamente, fazia frio nesse dia – e saí, com meus cabelos castanhos bem longos e lisos ainda úmidos. Minha intenção era, antes de ir para o trabalho, dar mais algumas voltas nos arredores do local onde estava quando Howie fugiu no dia anterior. Desci até o térreo e, antes mesmo que a porta do elevador chegasse a se abrir por completo, consegui ouvir vozes no hall que pareciam indicar uma briga. E era exatamente isso.

Quando a porta se abriu, encontrei minha insuportável vizinha da frente, acompanhada de seu igualmente insuportável marido, ambos falando em voz alta, completamente exaltados, com o síndico do prédio, aparentemente alguma reclamação com relação ao porteiro. Sr. Luiz estava abaixado próximo à escada, acariciando o cachorro que ainda estava ali.

Já compreendendo qual era o assunto, vi-me obrigada a intervir:

— O pobre cão estava passando frio na rua, o Sr. Luiz apenas deixou que ele passasse a noite aqui dentro, na portaria. Como isso pode incomodar alguém?

— Isso aqui não é lugar para cachorro! — o nojento do marido resmungou, com a grosseria que já lhe era cotidiana. — Ele veio da rua, pode trazer pulgas, doenças.

— Sem contar que é um perigo para as nossas crianças! — A mulher concordou. Até onde eu sabia, os filhos deles já eram adultos e casados, nem moravam ali. — Imagine se esse bicho ataca algum deles, quem vai se responsabilizar?

— Os senhores têm razão — quem falou foi o babaca do síndico. E eu não esperava realmente nada mais corajoso vindo dele. Era um bundão! — Luiz teve uma boa intenção em abrigá-lo por essa noite, mas agora ele vai voltar para o lugar de onde veio.

Ele mal começou a enxotar o cachorro e eu o detive, colocando-me na frente dele.

— Até onde eu saiba, ao contrário do desejo de vocês, nesse prédio não está proibido ter animais — falei, encarando o casal que estava logo atrás do síndico.

— Isso não é um animal de estimação! — rebateu a mulher, num tom de nojo. — É um vira-lata sujo e sarnento sem dono.

— Bem, se era assim... Não é mais. — Segurei a guia do cão, puxando-o para perto de mim. — Ele vai ficar comigo. — Ao menos até eu encontrar um adotante ou outro lar temporário para ele, claro. Não sabia se Howie se adaptaria bem com um cachorro.

Seria outro problema enorme para resolver. Mas, naquele momento, não podia permitir que jogassem o pobre animal de volta na rua, ainda mais

com o frio que fazia.

Voltei ao elevador sob os protestos dos vizinhos insuportáveis, o silêncio do síndico e o olhar cúmplice do Sr. Luiz. Voltei ao meu apartamento e soltei o cachorro na sala. Sentindo-se bem à vontade, ele correu diretamente até o sofá, onde subiu e se acomodou confortavelmente.

— Espera, vamos estabelecer alguns limites aqui, rapazinho. Para começar, nada de sofá.

Puxei-o pela coleira de volta para o tapete e dei-lhe uma almofada para que se acomodasse melhor. O fato de ele estar com uma coleira indicava que em algum momento tivera uma família. Talvez não estivesse abandonado, mas perdido, assim como o Howie. Se fosse esse o caso, eu daria um jeito de encontrar os donos. Só precisava fazer isso rápido, pois logo meu gato estaria de volta.

Em um pulo, ele voltou para o sofá. Bufando, puxei-o de volta para o chão.

— Certo. Como eu já falei: nada de sofá. Você pode ficar aqui no tapete, olha. Tem até uma almofada pra você. O que mais você precisa? ...Claro, água! — Fui até a cozinha e peguei uma tigela no armário, enchendo-a com água do filtro. Quando voltei com ela para a sala e pus no chão, o bichinho bebeu em uma grande quantidade. Estava mesmo com bastante sede, pobrezinho. — Deve estar com fome também, não é? Mas eu só tenho comida de gato, e... são seis da manhã. Onde vou arrumar ração pra você a uma hora dessas?

Terminando de beber água, ele voltou a se deitar no tapete, dessa vez fazendo charme com a barriguinha para cima. Em meio a toda aquela tensão, eu enfim consegui sorrir e abaixei-me ao seu lado, passando a mão por sua barriga.

— Olha só, garoto... — Dei uma indiscreta olhada, percebendo meu engano no gênero usado. — Certo... então você é uma garota, não é? Você pode ficar aqui até amanhã. Tenho certeza de que ainda hoje encontrarei o Howie, e... acho que ele nunca teve contato com um cachorro, então não sei bem como ele vai reagir com você aqui. Mas eu não vou te deixar voltar pra rua, tá? Vou arrumar um lar pra você. Um bem legal, bem melhor do que o

último que você teve e que te abandonou. Mas agora eu preciso ir trabalhar, então você vai ter que ficar boazinha, tá? A caixa de areia do Howie está na área de serviço, será que você poderia usá-la para as suas necessidades, ou... Aff, é claro que não vai usar, não é? Tudo bem, eu limpo o que tiver que limpar quando voltar. Apenas seja uma boa menina e não fique latindo para incomodar os vizinhos chatos, tá? E... Bem, eu ainda preciso arranjar comida pra você.

Como se para me salvar, a campainha tocou. Estranhei que não tivessem me interfonado da portaria para anunciarem a visita, mas corri para abrir a porta aflita, numa esperança de que realmente ali estaria a minha salvação. E foi o que aconteceu. Era o Sr. Luiz, trazendo em mãos um saco de ração.

— Achei que fosse precisar disso. — Joguei-me nos braços dele, abraçando-o com força. — Calma, dona Carina. Estou largando agora o meu turno, e como moro aqui perto, corri em casa e peguei um pouco da ração dos meus cães. Não é muito, mas deve dar pra hoje e amanhã, pelo menos.

— Já é mais do que suficiente, Seu Luiz. Obrigada! Mas... o senhor disse que tem cães? Não quer ficar com ela?

— Eu adoraria, dona Carina. Mas já tenho quatro cachorros em casa, e minha mulher já me avisou que se eu aparecer com mais algum, ela me coloca pra fora de casa.

— Eu entendo. Mas... se conhecer alguém que queira ficar com ela...

— Sim, eu aviso. Mas... Achei que você iria ficar com ela.

— Eu não posso. Eu tenho o Howie, e ele logo estará de volta.

Sr. Luiz concordou, embora eu percebesse em seus olhos que ele tinha dúvidas de que aquilo realmente fosse acontecer. E isso fez o meu coração apertar ainda mais.

Embora tenha rodado toda a área no entorno do local de onde Howie fugiu, não encontrei nem o menor sinal dele. Como ainda estava muito cedo, o comércio ainda estava fechado e não consegui conversar com os lojistas para pedir para ficarem de olho caso vissem meu gatinho perdido. Pretendia voltar lá no horário do almoço para fazer isso. Morava em uma cidade relativamente pequena. Não era possível que ninguém visse o Howie!

Eu trabalhava no setor de Marketing de uma empresa situada próxima ao Centro da cidade. Logo que cheguei, avistei minha amiga Giovana sentada diante da minha mesa, mexendo distraída no celular. Como de costume, ela chegava alguns minutos adiantada e ficava me esperando para tomarmos café juntas enquanto aguardávamos o início do horário de expediente.

— Bom dia — cumprimentei com desânimo, logo que me aproximei.

Giovana me olhou rapidamente, voltando em seguida os olhos para a tela do celular, enquanto falava:

— Cá, que bom que chegou. Nossa, você não morre mais, ia agora mesmo te encaminhar uma mensagem que recebi pelo whatsapp. Pode ser que seja tudo mentira, mas é melhor prevenir, né? Já que você tem um gatinho, é bom ficar alerta. Estão contando sobre umas pessoas na cidade que pegam cães e gatos para realizar rituais macabros. Sabe, eles pegam os bichinhos, e...

— O Howie fugiu — contei em um só fôlego, antes que ela prosseguisse com aquela história sinistra que, apesar de eu saber que na certa não era nada além de uma lenda urbana ridícula, realmente não gostaria de ouvir naquele momento para não entrar na neurose de pensar que alguém pudesse ter feito alguma maldade com o meu bebê.

— Ai, meu Deus... como isso, Cá? — Ela se levantou, girando a cadeira para que eu me sentasse. — Senta aqui, conversa comigo. Cê tá bem?

Ela me fez realmente me sentar e abaixou-se à minha frente, preocupada. Giovana era uma ótima amiga. Dávamo-nos muito bem, apesar

da diferença de idade – ela tinha apenas vinte e um anos. Dividíamos o amor pelos animais. Ela tinha três cachorros e uns dez gatos. Contudo, ao contrário de mim, morava em uma casa grande, com bastante espaço para tantos bichos, e vivia com os pais já aposentados, que podiam cuidar dos animais enquanto ela estava no trabalho. O Howie não precisava de tanto espaço assim, e ficava bem sozinho durante oito horas por dia. Sabia que cachorros eram bem mais carentes.

Mas por que eu estava pensando naquilo? Ficar com aquela cadela não era uma opção pra mim naquele momento.

Tomei fôlego para começar a contar como tudo tinha acontecido, mas Douglas – meu outro amigo do setor – chegou nesse momento, também com os olhos vidrados no celular.

— Meninas, vocês já viram esse troço que tão repassando pelo whatsapp? Tem um grupo de loucos de uma seita bizarra matando animais em sacrifício. Parece que a cor do pelo e o tamanho do cachorro ou do gato tem que estar de acordo com o pedido que eles querem fazer. Quando querem dinheiro, por exemplo, usam gatos malh... ei, Giovana, você está se sentindo bem?

Após dar um tapa no braço do nosso amigo, Giovana o advertiu:

— Cala a boca, idiota! O Howie fugiu!

— Howie? — Ele franziu a testa, intrigado. — O carinha dos Backstreet Boys?

— Não! O gato malhado da Cá.

Douglas me olhou e, após poucos instantes, pareceu se dar conta do que tinha acabado de fazer.

— Mas... é claro que isso é uma grande mentira, as pessoas saem repassando sem checar as fontes, e... Tudo bobagem, imagina! Ei, Cá, como você está?

— Digamos que correntes de whatsapp sobre assassinos de gatinhos malhados não são exatamente um calmante para um momento assim.

— Desculpa, Cá! — ele realmente estava sentido por seu comentário. Douglas era um cara muito legal e, apesar de conhecê-lo há poucos meses,

já o considerava um amigo.

— É, desculpa. — Giovana também se lamentou. — Tem algo que a gente possa fazer para ajudar?

— Não. Digo, tem... Se puderem me ajudar a divulgar o anúncio sobre o desaparecimento dele. E... eu queria muito poder sair mais cedo hoje, para procurar um pouco mais pelas ruas.

— Fica tranquila, a gente te cobre hoje — Giovana garantiu, segurando a minha mão.

— Fico devendo uma pra vocês.

Ajeitei-me em minha mesa e chequei as horas no relógio de parede. Ainda eram sete da manhã. Sentia que aquele dia levaria uma eternidade para passar.

Capítulo quatro – O telefonema

**“Let me tell you the story (*Vou te contar a história*)
about the call that (*sobre o telefonema que*)
changed my destiny...” (*mudou o meu destino...*)**

The Call – Backstreet Boys

Maurício

Acordei com uma sensação estranha. Como se algo macio roçasse pelo meu rosto. Ainda em um processo de retomada de consciência, acreditei eu fosse Panqueca, que às vezes pulava em minha cama a apoiava o focinho em meu rosto pela manhã. Pensando nisso, despertei por completo, abrindo abruptamente os olhos e me sentando na cama, olhando para os dois lados, procurando pela cadela que não estava ali.

Provavelmente, havia sido apenas um sonho, embora uma leve sensação de algo parecido com dormência ainda se concentrasse em minha face esquerda.

Levantei-me da cama, tomei um bom banho e saí do quarto. Escutei um barulho no quintal e olhei pela janela da sala, vendo que Olívia saía nesse momento pelo portão, com sua bicicleta, usando uniforme escolar. Apesar da distância, percebi a expressão abatida no rosto dela. E isso fez com que a culpa voltasse a me atormentar. Preparei uma xícara de café bem forte e deixei-a sobre a mesa de centro na sala, enquanto sentava-me no sofá e usava o celular para ligar para o meu consultório, pedindo à minha secretária que desmarcasse os pacientes do dia. Eu não gostava de fazer isso, mas precisava me dedicar a encontrar Panqueca.

Feito isso, eu saí, e passei algumas horas pelos arredores, procurando pela minha cadela. Tudo tinha acontecido a poucas quadras de onde morávamos, por isso eu tinha a esperança de que ela tentasse voltar para casa. Falei com os vizinhos, pedindo que ficassem de olho e me procurassem caso tivessem alguma notícia dela. Nesse processo, alguém me falou sobre colar cartazes – algo que eu já havia pensado – e sobre divulgar em redes sociais – algo que nem se passara pela minha cabeça. Eu não era um grande amante da tecnologia e ainda era do tipo de cara que ligava para os amigos e marcava algo quando queria conversar com eles, e não que enviava mensagens através de aplicativos de internet. Porém, é claro, a ideia era ótima, além de muito eficaz.

Horas mais tarde, voltei para casa. Olívia logo voltaria do colégio e eu queria garantir que ela se alimentaria bem. Enquanto a aguardava, sentei-me no sofá da sala e abri o notebook, disposto a fazer uma postagem com uma foto de Panqueca no meu Facebook. Logo que abri a página, dei de cara com uma postagem curiosa compartilhada por um de meus pacientes: era a foto de um gato malhado, junto a um texto que dizia que ele havia se perdido de sua dona durante a troca de tiros ocorrida devido ao assalto no dia anterior. Pelo visto, Panqueca não tinha sido o único animal que fugiu assustado durante o tumulto do Centro.

Deixando aquilo de lado, fui para o meu perfil e comecei a preparar a postagem com uma foto recente de Panqueca, dados sobre o local de onde ela fugiu e a cor da coleira que estava usando. Incluía as informações de contato quando ouvi um barulho vindo da cozinha. Levantei-me e fui até lá, deparando-me com um prato com restos de torrada caído no chão.

— Panqueca? — perguntei por puro reflexo. Sabia que não poderia ser ela. O portão de casa estava fechado, ela não teria como ter entrado, ainda que encontrasse o caminho de volta.

Olhava ao redor tentando entender o que poderia ter derrubado aquele prato, quando senti novamente uma sensação parecida à que tive em meu rosto logo que acordei. Dessa vez, no entanto, era em minhas pernas. Olhei para baixo e me assustei com o animal que roçava na minha calça.

Era um gato.

Vi quando ela entrou em casa caminhando nas pontas dos pés, como uma criminosa preparando um roubo. Ali eu tive ainda mais certeza: ela já sabia.

Continuei onde estava, parado bem na porta da cozinha. A casa estava toda fechada e com as luzes apagadas, e a única iluminação vinha da porta da sala que fora aberta por Olívia, fazendo com que a luz solar iluminasse seus passos escada acima e permitindo com que eu pudesse espioná-la sem que ela me visse. Minhas suspeitas foram confirmadas quando, após alguns minutos, ela voltou a descer, olhando atenta no chão como quem procura por algo. Ao chegar na sala, ela acendeu a luz e sobressaltou para trás ao enfim me avistar, levando as duas mãos ao peito.

— Ai, pai! Meu Deus, assim você me mata de susto! O que está fazendo aí? Não deveria estar no trabalho?

— Como eu disse ontem, desmarquei meus pacientes para procurar pela Panqueca.

— E aí, alguma notícia dela?

A forma chorosa como ela fez a pergunta quase me derrubou. Quase. Não me permiti esquecer que a questão naquele momento era outra.

— Não, nenhuma notícia. Mas e você, o que está procurando?

— Eu? ...Nada.

— Desceu as escadas olhando tão atenta para o chão, parecia procurar alguma coisa.

— Er... Meu chinelo. Você viu por aí?

— Está aqui na cozinha. Venha pegá-lo.

Ela assentiu e veio em minha direção. Quando passou por mim pela porta da cozinha, parou ao se deparar com o gato que tranquilamente dormia bem em cima de nossa geladeira. Ela me olhou, nitidamente pensando em algo para dizer. Mas fui mais rápido, perguntando em um tom irônico:

— Não sabia que o nome dele era ‘Chinelo’.

— Er... Olha só... um gatinho!

— É... *um gatinho*. Acabei de conhecê-lo, na verdade. Mas, por qualquer razão, tenho a impressão de que você já o conheceu antes de mim.

— Por que acha isso?

— O pote de comida da Panqueca estava no seu quarto e ainda tinha alguns grãos de arroz no fundo dele. Parece que você andou improvisando na alimentação dele. Agora explique, como esse gato veio parar dentro da nossa casa?

Ela tomou fôlego, começando a contar tudo no ritmo apressado que já lhe era padrão:

— Ele apareceu ontem lá no quintal. No muro, na verdade. Eu o chamei e ele veio. Ele é muito bonzinho e muito carinhoso. Estava frio lá fora, fiquei com dó de deixá-lo lá, então o trouxe para dentro. Eu o coloquei na caminha da Panqueca, mas ele acabou dormindo na minha cama comigo. Dei a ele o nome de Sushi, acho que ele e Panqueca vão se dar muito bem.

— E a resposta é ‘não’. Ele não pode ficar, Olívia.

— Ah, pai, qual é? Eu me apeguei a ele! Já dei nome e tudo!

— É, mas esse não é o nome dele. Ele se chama Howie, vi uma postagem da dona dele no Facebook. Já mandei uma mensagem para ela, estou apenas aguardando uma resposta para marcarmos um local para eu entregá-lo a ela.

— Quem pode te garantir que seja o mesmo gato? É um vira-lata malhado, um tipo comum. Existem milhões de gatos exatamente iguais a ele.

— O que pode me garantir? Na verdade, nada. Mas o fato de ele estar com uma medalhinha na coleira escrito ‘Howie D.’ me dá uma boa dica de que talvez seja realmente ele.

Ela cruzou os braços e fez bico, resmungando:

— Devia ter me livrado dessa coleira.

Suspirei, desanimado. Odiava magoar a Olívia, mais do que qualquer outra coisa no mundo. Mas não passaria por cima do que era certo. E tentei mostrar isso a ela.

— Filha, ele tem uma dona que está preocupada com ele como nós estamos com a Panqueca. Você gostaria que alguém estivesse com nossa cachorra e não a devolvesse para nós?

— Tenho medo de a Panqueca nunca mais voltar.

Os olhos castanhos dela rapidamente transbordaram. Apressei-me em abraçá-la com força.

— Ela vai voltar, filha. Nós vamos encontrá-la. Mas o Howie também precisa voltar para a dona dele. Você entende, não é?

Ainda abraçado a ela, senti que ela balançou a cabeça em concordância. Nesse momento, meu celular tocou. Apressei-me em atender, acreditando que fosse a dona do gato. Mas era do meu consultório. Minha secretária ligava para avisar que não tinha conseguido entrar em contato com o Arthur, um senhor de sessenta e oito anos que era de longe o meu paciente mais ranzinza, e que ele agora estava lá, me esperando. Como meu consultório ficava a apenas quinze minutos da minha casa e eu sabia que o caso do senhor Arthur era coisa rápida, disse a ela que o pedisse para aguardar, que eu já estaria a caminho.

Desligando o celular, avisei à minha filha:

— Vou precisar ir ao consultório. Na volta vou passar na gráfica para mandar imprimir alguns cartazes com a foto da Panqueca. Coloquei anúncio nas redes sociais.

— Coloquei nas minhas também. O pessoal da escola e do futebol está me ajudando a divulgar.

— Então, fique tranquila, logo iremos encontrá-la.

— E o Sushi?

— O nome dele é Howie. Já mandei mensagem para a dona dele, e logo que ela me responder vou marcar para entregá-lo a ela. Espero que ainda hoje. Por isso, não se apegue. Apenas fique de olho para ele não fugir.

Sem aguardar por resposta – ou por mais insistências para que eu a deixasse ficar com o gato – apenas dei um beijo na testa de Olívia, apanhei as chaves do carro e saí.

Carina

Era simplesmente o pior dia para termos uma reunião na empresa. Eu não conseguia prestar a menor atenção e, quando fui convidada a falar sobre a nova campanha de marketing que iniciariamos na semana seguinte, acabei por gaguejar absurdamente. Agradei por Giovana estar ao meu lado e assumir para mim. A reunião durou pouco mais de uma hora, e logo que saímos da sala apressei-me em ligar o meu celular para verificar se havia alguma notícia de Howie. Como sempre, havia várias novas mensagens que não ajudavam em nada de forma prática. No entanto, a última que abri fez o meu coração parar por uma fração de segundo.

Estou com o seu gato.

Tentei te ligar, mas seu celular está desligado. Enfim, me liga quando puder.

O Howie está aqui em casa. Podemos marcar para eu levá-lo para você ainda hoje.

Parei de andar enquanto lia, sentindo minhas pernas tremerem e a primeira lágrima escorrer pelo meu rosto. Giovana e Douglas vieram me amparar, preocupados. Antes que me perguntassem qualquer coisa, fui logo contando, emocionada.

— Encontraram o Howie.

— Ai, meu Deus! — Giovana vibrou. — Onde ele está?

— Vou descobrir agora! — anunciei enquanto tocava na tela do celular a opção de discagem.

Fui atendida depois de poucos toques.

— Alô?

— Você está com o meu gato! — Foi a primeira coisa que consegui dizer. Giovana e Douglas não conseguiram deixar de rir do meu desespero. Claro, agora podiam se sentir livres para isso, pois aquela tormenta logo chegaria ao fim e eu teria o meu Howiezinho de volta.

— Ah... Carina, não é? Seu gato está comigo, sim.

— E como ele está? Está machucado? Magro? Desnutrido? — Sabia que Howie não tinha ficado fora de casa por tempo suficiente para perder uma quantidade significativa de peso, mas apenas a ideia de ele ter passado mais de vinte e quatro horas sem se alimentar direito já me causava desespero.

— Ele está bem, sim. Nenhum machucado nem sinal de desnutrição. A última vez que o vi antes de sair de casa ele estava dormindo tranquilamente em cima da minha geladeira, aliás.

Sorri, reconfortada com a imagem mental da cena. Era mesmo algo que Howie amava fazer. Aliás, uma mania comum a muitos gatos.

— Trabalho perto do Centro, estou saindo daqui em meia hora. Onde podemos nos encontrar? — Sequer perguntei se ele poderia me encontrar naquele momento. Estava parecendo a mais abusada das egoístas, mas o desespero para ter Howie de volta tomava conta de qualquer resquício de racionalidade que eu poderia ter.

— Bem, estou em meio a um trabalho agora, mas acho que consigo sair em meia hora também. Conhece o Sinaleiro?

Era o nome de uma lanchonete e pizzaria bem tradicional da cidade, situada bem no Centro. Todo mundo ali conhecia.

— Sim. Te encontro lá, então? Mas... está no trabalho? Não teria que ir em casa pegar o Howie? Disse que ele estava lá, dormindo em cima da geladeira.

— E está. Vou ligar para a minha filha e pedir para ela levá-lo e nos encontrar lá.

— Perfeito, então. Olha, muito obrigada. Desculpe se fui meio rude, mas... estou realmente muito aflita com tudo isso. Howie é a minha família.

— Entendo perfeitamente. Aliás, muito perfeitamente, porque estou vivendo uma situação parecida. Minha cachorra também fugiu ontem, assustada no mesmo tiroteio.

Em uma primeira reação automática, pensei em alguma palavra de lamento ou de apoio, mas levou menos de um segundo até que eu me lembrasse da minha nova hóspede. Seria coincidência demais...

— Espera... É uma cadela marrom, porte médio, com uma coleira vermelha?

— Você a viu?

— Mais do que isso... — Sorri, mal conseguindo acreditar no tamanho daquela coincidência. — Ela está comigo. Lá no meu apartamento.

— Quais as chances disso? Meu Deus, isso... Isso é incrível! Essa cachorra está conosco há anos, minha filha cresceu com ela... Meu Deus, como faço para pegá-la?

— Podemos trocar o local do encontro? Assim consigo passar em casa e pegá-la para levar pra você.

Ele concordou, eufórico, e indiquei outra lanchonete que ficava a uma quadra do meu prédio. Naquela conversa breve, notei que ele era um cara bem simpático, além de ser dono de uma voz bem gostosa de ouvir.

Porém, claro, nada disso importava no momento. Eu só queria encontrá-lo logo para ter meu gatinho de volta. E, o que era ainda mais maravilhoso, a cachorrinha que eu estava abrigando também voltaria para a sua família.

Seria o final mais feliz possível.

Capítulo cinco – Chances

“What if I never run into you? (*E se eu nunca tivesse esbarrado você?*)
What if you never smiled at me? (*E se você nunca tivesse sorrido pra mim?*)
What if I hadn't noticed you too? (*E se eu também não tivesse notado você?*)
And you never showed up where I happened to be? (*E você nunca tivesse aparecido onde eu estava?*)
(...)
Is it love? Is it fate? (*Isso é amor? É destino?*)
Who am I? Who's to say? (*Quem eu sou? Quem vai dizer?*)
Don't know exactly what it means (*Não sei exatamente o que isso significa*)
Is it love? Is it fate? (*Isso é amor? É destino?*)
Where it leads, who can say? (*Onde leva, quem pode dizer?*)
Maybe you and I were meant to be” (*Talvez você e eu estivéssemos predestinados*)

Chances – Backstreet Boys

Carina

Acabei fazendo um resumo da conversa para Douglas e Giovana. Ela se empolgou, achando tudo aquilo perfeito. Já ele, mostrou-se desconfiado.

— Ele por acaso te mandou alguma foto do Howie?

Era verdade, ele não tinha mandado foto, nem eu lembrei disso.

— Fiquei tão animada que até esqueci de pedir...

— Isso se resolve fácil — Giovana opinou. — Manda uma mensagem para ele agora e pede para ele enviar uma foto do Howie.

— Não dá — respondi. — Ele está no trabalho. Disse que ligaria para a filha levar o Howie ao local combinado.

— Tudo isso está muito mal contado — Douglas insistiu. — Esse cara pode ser um criminoso mal intencionado.

— Não acredito que seja isso, Douglas. Mas, de qualquer maneira, marcamos em um local público e muito movimentado.

— De qualquer forma, eu vou com você. Não vou te deixar ir sozinha encontrar um completo estranho.

Por mais que eu achasse que aquela preocupação fosse um tanto quanto exagerada, eu agradeci, dando um beijo no rosto do meu amigo. Douglas era extremamente preocupado e muito leal.

Finalizamos nosso trabalho do dia e conseguimos sair um pouco mais cedo, já que Giovana se prontificou em cuidar de tudo durante a nossa ausência. Ia passar em casa para apanhar a cachorrinha, mas Douglas achou mais prudente que primeiro fôssemos encontrar o cara para nos certificarmos de que ele havia mesmo levado o Howie. Como marcamos em um local próximo ao meu apartamento, eu levaria o Howie para casa e voltaria com a cachorra, enquanto Douglas aguardava na lanchonete com o tal Maurício.

Chegamos à lanchonete e paramos próximos à porta. Como Maurício disse que estaria usando uma camisa branca, juntando ao fato de o local estar com pouco movimento, não foi difícil localizá-lo. Sentado em uma mesa próxima ao balcão, ele parecia concentrado, digitando algo no celular. Logo pensei que ele, definitivamente, não aparentava ser um tipo suspeito, embora fosse bem diferente da imagem que eu tinha projetado em minha mente quando falei com ele pelo celular. O ar de seriedade com o qual me contara sobre a filha que sofria pela perda do cachorro fez com que eu inconscientemente imaginasse um cara de seus quarenta e poucos anos, com uma expressão mais séria, apesar de ter sido extremamente simpático comigo ao telefone. Porém, ele era bem jovem. Não tinha os cabelos grisalhos ou levemente calvos como cheguei a imaginar, mas castanho-claros e lisos, em um corte bem jovial. Era dono, também, de um porte atlético, com braços bem torneados. Devia ter a minha idade, talvez dois ou três anos a mais que eu, no máximo. Sem me dar conta, pensei que deveria ter sido pai muito jovem, ou então sua filha era bem mais nova do que eu havia imaginado. A segunda possibilidade não fazia muito sentido, já que

ele me disse que pediria para a menina levar o Howie. Definitivamente, não poderia ser uma garotinha de quatro ou cinco anos, óbvio.

Reparei também outra coisa nele, mas antes que eu sequer formulasse isso em minha mente, Douglas, ao meu lado, verbalizou com a voz baixa:

— Mas ele é um baita de um pedaço de mau caminho, hein?

— Já não acha mais que ele pode ser um criminoso? — brinquei.

— Caráter não tem cara, Cá. Estou ainda convicto de que fiz a coisa certa vindo com você. Aliás, não estou vendo a tal da filha trazendo o seu gato.

Ele tinha razão. Este era um fato que me agoniava. Sentia-me desesperada para ter o meu gatinho de volta.

Pensei em continuar observando de longe, mas ele me olhou, parecendo me reconhecer. Vencida, entrelacei meu braço ao de Douglas e fomos juntos até ele.

Maurício

Antes que eu sáísse do consultório, Olívia respondeu minha mensagem informando que já estava saindo de casa, levando junto o gato. O trajeto da nossa casa até ali ficava a uma distância muito parecida da minha clínica até ali. Ainda que eu tivesse ido de carro, caminhando minha filha não deveria levar mais do que uns quinze minutos, e já fazia quase meia hora que eu havia chegado.

Mandei mais uma mensagem para ela, perguntando se estava tudo bem. Tentei ligar, mas ela não atendeu, o que tornava minha preocupação ainda maior. Por mais que vivêssemos em um lugar tranquilo, o incidente do assalto com a troca de tiros ocorrido no dia anterior alertava que nenhum local era cem por cento seguro.

Abaixando o celular, levantei o rosto e avistei o casal parado próximo à entrada do estabelecimento. Meus olhos se detiveram imediatamente na mulher, e foi inevitável deixar de reparar no quanto ela era linda. Mas logo o pensamento mudou o foco quando percebi que ela também me olhava, como se já me conhecesse. Foi quando entendi que só poderia ser ela a Carina. Apenas estranhei o fato de que ela não estava com a Panqueca. Não era esse o combinado?

Entrelaçando o braço ao do rapaz que a acompanhava, ela o puxou, vindo os dois até mim.

— Oi... Maurício? — ela falou logo que se aproximei.

Sorri, tentando ser simpático apesar de, na realidade, estar uma pilha de preocupação com Olívia.

— Carina, não é? — Levantei-me, estendendo a mão para cumprimentá-la de maneira formal.

— Sim, sou eu. Esse é o Douglas, amigo do trabalho.

Também o cumprimentei com um aperto de mão e um leve sorriso, na sequência fazendo um gesto para convidá-los a se sentarem. Fiz o mesmo, logo justificando o motivo de minha aflição:

— Minha filha já era para estar aqui. Mas ela provavelmente deve ter encontrado uma amiga pelo caminho e parou para conversar. Sabe como são adolescentes, não é?

Carina sorriu, ainda olhando para mim. Percebi que parecia rolar um certo clima entre nós, embora não fosse o local ou a ocasião para isso. Pensei que, talvez, depois que fizéssemos a troca dos nossos animais e tudo fosse resolvido, eu poderia chamá-la para sair. Não estava à procura de relacionamentos sérios, mas uma boa companhia para uma saída em um sábado à noite ia bem de vez em quando.

Por falar em troca de animais, decidi expor outra preocupação daquele momento:

— Você disse que traria a Panqueca. Aconteceu alguma coisa?

— Ah, não. Meu apartamento é aqui perto. Achei melhor ir buscá-la depois que sua filha chegasse com o Howie, para que ela não tivesse que

ficar esperando. Alguns cachorros ficam estressados com longas esperas.

— Fez bem, é justamente o caso da Panqueca. Ela adora passear, mas fica inquieta se paramos com ela.

Calei-me subitamente quando o celular sobre a mesa emitiu um alerta de mensagem. Era, enfim, uma resposta de Olívia, com um simples ‘estou quase aí’. Aquilo me tranquilizou. Ela sabia bem o quanto eu ficava tenso quando ela não respondia as minhas mensagens.

— Minha filha avisou que está chegando.

— Não vejo a hora de ter meu Howie de volta! — Carina sorriu ainda mais, e pude também perceber que os olhos dela brilhavam, na certa segurando as lágrimas. Eu entendia bem como ela devia estar se sentindo, já que também não via a hora de reencontrar a Panqueca.

Olívia ficaria louca quando chegasse ali e descobrisse que nossa cachorrinha estava de volta. Não contei nada a ela, porque queria que fosse uma surpresa.

Carina olhou para o amigo sentado ao seu lado e pediu, enquanto lhe entregava uma chave:

— Douglas, pode ir lá pra mim, pegar a Panqueca?

— O combinado não era que eu ficaria aqui e você iria lá apenas quando o seu gato chegasse?

— Era, mas podemos adiantar um pouco as coisas, né? Anda, vai lá!

Segurei o riso diante do olhar de urgência e cumplicidade que ela lançou ao amigo, que bufou, apanhando a chave da mão dela e saindo da lanchonete. Enquanto se afastava da mesa, ele resmungou alguma coisa sobre não ter pressa para isso, o que me fez concluir que eu estava certo em minha suspeita: ela realmente fazia isso para ficar sozinha comigo. Eu de forma alguma tinha a intenção de parecer pretensioso, mas estava realmente bem claro que rolava um clima entre a gente.

— Quantos anos tem a sua filha? — ela perguntou, em uma tentativa clara de puxar assunto.

— Fará treze em alguns dias — contei, orgulhoso.

— Sério? Ou você foi pai muito cedo, ou sua aparência te faz parecer bem mais jovem do que de fato é.

— Tenho trinta, era um moleque quando Olívia nasceu. Agora ela me chama de velho.

— Normal de adolescentes.

Uma atendente se aproximou, perguntando se queríamos pedir alguma coisa. Pedi apenas uma água, e Carina um suco em lata. Logo que a funcionária anotou os pedidos e saiu, perguntei:

— E você? Tem filhos, além do Howie?

— Ah, não. Apenas o Howie, acredito que por um longo tempo.

— Não estou muito acostumado a gatos, mas os acho animais bem interessantes.

— Eles são fascinantes, para falar a verdade. Mas eu também gosto de cães. Cheguei a cogitar adotar um, mas quando vi o Howie na feira de adoção, acabei não resistindo. Foi amor à primeira vista. E olha que eu nem acredito nessas coisas.

— Dizem que são eles que nos escolhem, e não o contrário. Também foi assim quando adotamos a Panqueca.

— Mas e você? Apenas Olívia de filha? Digo, ela e a Panqueca, né?

Nesse momento nossos pedidos chegaram e eu respondi enquanto abria a garrafa de água e enchia um copo.

— Só, e são mais do que suficiente. Bem, a Panqueca não dá tanto trabalho assim. Tirando esse susto por ter sumido dessa vez. Já a Olívia... Se eu achava que não era fácil criar uma criança sozinho, criar uma adolescente é um tanto mais complicado.

Ela fez uma expressão que eu comumente via nos olhos das pessoas quando descobriam que eu criava a minha filha sozinho. Eu até conseguia imaginar o que se passava por suas mentes quando ouviam isso. Primeiro, se perguntavam se eu seria viúvo ou um caso tenso de divórcio com brigas judiciais pela guarda da criança; ou ainda de uma mulher que abandonou a família. Não era exatamente nenhuma dessas três situações, embora uma delas se assemelhasse mais ao caso.

— A mãe da minha filha faleceu há alguns anos, mas nós já não estávamos mais juntos quando isso aconteceu. Olívia tinha apenas um ano quando nos separamos, e a guarda dela ficou comigo desde o início.

— Entendo. Desculpe se fui indiscreta.

— Não se preocupe, não tenho qualquer problema em falar a respeito disso.

Carina

A sinceridade que ele demonstrou ao dizer aquilo foi bem reconfortante, já que por um momento eu me achei a mais indiscreta das criaturas. Era bem verdade que o assunto da filha tinha sido jogado por mim como um pretexto para chegar à confirmação de que ele realmente fosse solteiro. Não havia nenhuma aliança em seu dedo, mas isso não era exatamente um indicativo confiável.

Existia algo nele que ocasionara em mim um encantamento à primeira vista. Ou, na verdade, um conjunto de coisas. Já o tinha achado legal desde o primeiro contato ao telefone. Ele tinha uma voz gostosa de se ouvir, um jeito simpático e agradável de falar e gostava de animais, o que rendia a ele uns mil pontos (especialmente depois do trauma que eu tive com meus últimos namorados babacas que tinham implicância com o meu gato). Ah, e é claro: ele era o cara que traria o Howie de volta para a minha vida. Isso já dava a ele mais um milhão de pontos. E pessoalmente foi, tipo... UAU! Como Douglas bem havia pontuado, ele era um baita de um pedaço de mau caminho. Eu estava sozinha já há um bom tempo e, para o desespero da minha mãe e total destruição do seu sonho de me ver entrando de branco em uma igreja, casar-me tanto não estava nos meus planos como eu não buscava, definitivamente, por qualquer relacionamento sério. Tinha me tornado uma adepta aos casinhos passageiros, e me sentia bem segura assim. Já estava mais do que convencida de que me apaixonar não era um bom negócio.

Porém, nada me impedia de flertar um pouco e de, quem sabe, ter a oportunidade de um – ou alguns – encontro casual com um cara bonito e aparentemente bem gente boa.

Voltamos a conversar. Em uma TV do estabelecimento passou uma propaganda do campeonato brasileiro, ele comentou que a filha jogava futebol e eu contei que tinha chegado a trabalhar no marketing das redes sociais de um time da cidade. Falamos um pouco de futebol e foi bem agradável encontrar um homem hétero que não estranhava o fato de eu entender bem do assunto. Acho que ter uma filha jogadora ajudava a eliminar aquele machismo já meio padrão com relação a isso. Contei que eu era de uma cidade vizinha, mas que tinha me mudado para lá há uma década, ao contrário dele, que tinha nascido e sido criado ali. Morávamos em bairros vizinhos, o que me deixava meio chateada por, em dez anos, ainda não ter tido a chance de esbarrar naquele homão lindo.

Um assunto levou a outro, que levou a mais outro e, quando me dei conta, já falávamos sobre filmes. Foi nesse momento que vi alguém acenando do lado de fora da lanchonete e avistei Douglas, fazendo sinal para que eu olhasse o meu celular. Fiz o que ele pediu, encontrando uma mensagem.

Vem aqui fora que preciso falar com você, mas não deixa o bonitão ver que estou aqui.

Maurício de fato não tinha visto Douglas, então pedi licença dizendo que ia ao banheiro e fui até meu amigo que, na calçada, trazia Panqueca em uma guia.

— O que aconteceu? — perguntei, preocupada. Olhei logo para a cachorra, achando que pudesse ter ocorrido algo com ela.

— Carina, cadê a tal filha trazendo o seu gato?

— Ela ainda não chegou.

— Ela não estava aqui perto?

— É, mas não deu tempo ainda.

— Não deu tempo? Carina, para te deixar mais tempo com o bonitão, eu fui bem devagar, parei ali na outra lanchonete perto do seu prédio para fazer um lanche, encontrei um amigo por lá e passei um tempo conversando com ele, depois foi pro seu apartamento, limpei todo o xixi que a Panqueca fez pela sala, dei comida, esperei que ela comesse, voltei andando bem devagar... Já tem quase duas horas que te deixei sozinha com o cara, e essa filha ainda não chegou?

Quase duas horas?

Incrédula, olhei no visor do celular. Tinha se passado realmente algo em torno disso. Só então me dei conta de que já anoitecia. Durante a conversa, eu me distraí tanto que esqueci completamente do tempo.

Mas... como era possível que a menina não tivesse chegado?

Olhei novamente para dentro da lanchonete. Vi que Maurício falava ao telefone, e podia imaginar que também só agora tivesse se dado conta da passagem do tempo e ligava para a filha para saber o que tinha acontecido.

— Será que aconteceu algo com a menina? — perguntei, preocupada.

— Claro que aconteceu, Carina. Aconteceu que essa menina nem deve existir. Esse cara é um golpista.

— Não viaja, Douglas! Que tipo de golpe ele pode querer me passar?

— Sei lá... ele pode estar querendo a cachorra. Você chegaria aqui trazendo a cachorra, ele a pegava, inventava que ia buscar o gato e sumia levando a pobrezinha com ele.

— Era só ele me dizer que a cachorra era dele e eu devolveria. Pra que inventar isso de estar com o Howie?

— Porque talvez a cachorra não seja dele. Você não viu hoje aquela notícia do whatsapp?

— Não era uma notícia. Era uma *Fake News* das mais bizarras.

— Tá, então pensa numa hipótese melhor pra esse cara estar querendo levar a pobre bichinha com ele. Mas eu não vou deixar isso, não.

Claro, nem eu deixaria que ele levasse a cadela caso não me entregasse o Howie. Esse era o acordo, não era?

Douglas continuou a falar, mas eu já não prestei mais qualquer atenção. Fixei meus olhos em Maurício, que ainda falava ao telefone. Uma decepção gigante se avolumava em meu peito. Eu tinha confiado nele. Eu tinha realmente confiado e, mais do que isso, senti por ele admiração por toda a história de ter sido pai muito jovem, ter criado a filha sozinho, o amor que demonstrava ter pela Panqueca (e agora eu sabia que esse provavelmente nem era o nome da cachorrinha)... tudo mentira. Mas o pior de tudo, para mim, estava em ter me iludido com a esperança de ter o meu gatinho de volta. Eu tinha me sentido em paz ao pensar que Howie não voltaria a passar uma noite pelas ruas, longe de sua casa... longe de mim. Agora, tudo aquilo desmoronava e, junto à tristeza, vinha a raiva. Uma imensa e incontrolável raiva.

Deixei Douglas falando sozinho e voltei a entrar na lanchonete. Parei diante da mesa no momento em que ele desligava o celular e olhava para mim, tomando fôlego para dizer alguma coisa. Fui mais rápida:

— Onde está o meu gato?

Ele pareceu se assustar com a rispidez da pergunta. Na certa, não esperava por isso.

Capítulo seis – Não vá partir meu coração

**“I'm not that kind of person who can fall in and out of love with you (*Eu não sou o tipo de pessoa que pode se apaixonar e desapaixonar por você*)
That's not what love's supposed to do (*Não é assim que o amor deveria ser*)**

Baby, don't go breaking my heart, breaking my heart (*Querida, não vá partir meu coração, partir meu coração*)

Baby, don't go breaking my heart, breaking my heart (*Querida, não vá partir meu coração, partir meu coração*)

Cause it's the only one I got” (*Porque é o único que eu tenho*)

Don't go breaking my heart – Backstreet Boys

Maurício

Logo que Carina se afastou dizendo que iria ao banheiro, eu chequei o meu celular para verificar se havia alguma mensagem de Olívia, e foi então que me assombrei ao ver o horário. Eu tinha perdido completamente a noção da passagem de tempo. Já tinha percebido que Olívia demorava para chegar, mas não me dei conta de que tanto tempo tivesse se passado. Preocupado, tentei ligar para ela. Tocou até cair na caixa postal. Tentei de novo, e de novo... Comecei a enviar mensagens, uma seguida da outra, perguntando onde ela estava. Eu já estava a ponto de me levantar e ir procurá-la pelas ruas, quando meu celular tocou. A foto de um homem de sessenta e cinco anos surgiu na tela, e atendi aflito, torcendo para que fosse alguma notícia da minha filha.

E, graças a Deus, era exatamente isso.

— Ela está aqui, Maurício — foi a primeira coisa que ele comunicou, antes mesmo que eu dissesse qualquer coisa.

Soltei o ar dos pulmões em uma sensação de puro alívio.

— O que ela está fazendo aí? E por que não atende os meus telefonemas?

Ele riu e isso não me causou espanto. Meu pai tinha o costume de encobrir as travessuras da neta. Sempre fora assim.

— Ela não me explicou direito, mas apareceu aqui chorando e trazendo um gato, dizendo que você queria tirá-lo dela para dar a outra pessoa. Fez todo aquele drama que a gente já conhece, e...

— E você se comoveu e disse que ia me convencer a ficar com o gato, estou certo?

— Sabe que não consigo negar nada à minha neta.

Novamente, nenhuma surpresa. Eu tinha perdido a minha mãe pouco mais de um ano antes de descobrir que minha até então namorada do ensino médio estava grávida. Meu pai, obviamente, não lidou a princípio nada bem com a notícia de que seu filho de dezessete anos iria ser pai. Mas, no fim das contas, podia dizer que Olívia o salvou da depressão na qual tinha se afundado após a morte da esposa. Ele era louco pela neta e fora o meu único apoio presente na criação dela. Se não fosse por ele, eu não teria com quem deixá-la para conseguir trabalhar e cursar minha faculdade de Odontologia.

Mas eu sabia que a determinação dele em realizar a vontade de Olívia naquele momento iria ruir quando eu contasse a verdadeira versão dos fatos:

— Pai, esse gato já tem uma dona. Vim me encontrar com ela e pedi para que Olívia o trouxesse para o devolvermos.

— Se é assim, a coisa muda um pouco de figura. Mas a Olívia está arrasada, filho. Chorou muito quando me contou sobre a Panqueca ter fugido.

— Pois é... só que a Panqueca foi encontrada justamente pela mesma dona do gato. Viemos fazer a troca.

— Isso a Olívia também não me contou.

— Porque eu não contei a ela. Queria que fosse uma surpresa, e... bem, também tive medo de que algo desse errado, por isso não quis criar expectativas nela. De qualquer forma, eu não imaginava que ela fosse decidir fugir com o gato.

— Ela disse que saiu para levar o gato para você entregar a alguém, mas, quando chegou em frente ao local marcado, não teve coragem de entrar, porque não quis perder também o Sushi, como perdeu a Panqueca.

De novo aquele nome...

— O nome do gato é Howie, pai. E ele já tem uma família, uma moça muito legal, que não merece passar por isso. E, além do mais, como vou explicar isso pra ela?

— Peça um dia a mais. Deixe a Olívia passar a noite aqui, vou conversar com ela, tenho certeza de que ela vai entender.

— Tá, pai. Por favor, faça isso. Achei que as coisas ficariam mais fáceis quando Olívia crescesse um pouco mais, mas... Acho que não estou tendo muito sucesso como pai de uma adolescente.

— É difícil, mas não impossível. Meu filho também me deu um tanto de trabalho durante essa fase.

— É, deve ser a tal da Lei do Retorno. Amanhã cedo eu vou aí para pegar a Olívia.

— Não se preocupe, deixe que eu a levo. Vou conversar com ela. Sabe que tenho jeito com isso.

Eu tinha minhas dúvidas a respeito disso. Não que meu pai deixasse de ter jeito com a neta, mas em geral, não era exatamente ele quem conseguia convencê-la de alguma coisa, mas geralmente o contrário. Esperava que ele tivesse sucesso dessa vez. Provavelmente, quando ela soubesse que a dona do gato estava com Panqueca, a coisa mudaria um pouco. Mas eu não duvidava que, no fim das contas, Olívia ia querer ficar com os dois animais.

Eu poderia apostar tudo o que eu tinha que meu pai tentaria convencê-la prometendo dar a ela outro gato. Era bem a cara dele.

Nós nos despedimos e encerrei a ligação no momento em que Carina voltava a se aproximar. Tomei fôlego para contar tudo a ela, pensando em por onde começaria. Mas ela se adiantou, em um tom extremamente ríspido:

— Onde está o meu gato?

Fiquei pensando no motivo para uma mudança tão brusca. Ainda assim, tentei explicar:

— Meu pai acabou de me ligar. Parece que a Olívia foi para a casa dele, ao invés de vir para cá. Ela é só uma menina, acabou se apegando ao gato, e...

— Não existe menina nenhuma, não é? Você não está com o meu gato. De alguma forma descobriu que eu estava com aquela cachorra e inventou tudo isso para que eu a entregasse pra você.

— O quê? Não! Digo, claro que quero que me entregue a cachorra, ela é minha.

— Foram meus vizinhos que mandaram você fazer isso, não foi? Aqueles infelizes armaram um jeito de se livrarem da pobre cachorrinha por pura implicância. E eu achando que você era legal, o tempo todo você estava compactuando com uma maldade dessas!

— O quê? ‘Se livrar’? Eu nunca faria parte de algo assim. — Aquela mulher tinha enlouquecido, não havia outra explicação. Mas, por respeito, não quis dizer a ela isso de forma tão explícita.

— Ou então, vai ver que o Douglas tem razão e você faz parte da tal seita que usa animaizinhos em sacrifício para conseguir favores.

— Certo, você é louca — Para o inferno com o respeito. Ela já estava começando a ir longe demais em seus devaneios.

— Nada muda o fato de você ser um mentiroso.

— Eu não sou um mentiroso. Eu estou mesmo com o seu gato, e vou entregá-lo a você. Podemos marcar novamente amanhã.

— Não vou marcar com você nunca mais! Que provas tenho de que você está mesmo com o Howie? Não me mandou nem mesmo uma foto dele.

— Ainda posso te mandar! Posso ligar para o meu pai e pedir que...

— Chega de mentiras! Você é o pior tipo de ser humano, usando animais em troca de... sabe-se lá o quê.

— Eu só quero a minha cachorra de volta!

— Acha mesmo que vou te entregar? Eu não tenho como ter um cachorro agora, mas ficarei com ela até conseguir um adotante. E se você voltar a me procurar, eu vou chamar a polícia!

Levantei-me para tentar argumentar, mas nesse momento três homens se aproximaram.

— Dona, esse cara está te importunando? — perguntou um deles.

Carina assentiu e se afastou, sem dar maiores explicações. Eu ia segui-la, mas os caras se colocaram em minha frente, bloqueando meu caminho. Para o meu alívio, um deles me reconheceu.

— Mas é o doutor Maurício!

— Conhece esse babaca? — o outro perguntou ao amigo.

— Ele é meu dentista. Doutor, eu não imaginava que o senhor fosse de importunar mulheres.

— Eu não estava importunando ninguém. Deixem-me passar! — O meu paciente não demonstrou resistência, mas os outros dois continuaram a me deter. — Aquela mulher está roubando o meu cachorro!

— Eu vi mesmo um cachorro lá fora com ela — meu paciente comentou. Como eles haviam chegado há pouco tempo, deduzi que quando ela saiu dizendo que iria ao banheiro, deve ter ido até a rua encontrar o amigo que tinha trazido a Panqueca.

— Saiam da minha frente, não posso deixar aquela louca levar a minha cachorra!

Meu paciente argumentou com os amigos, pedindo que me deixassem passar, e antes mesmo que eles concordassem eu consegui empurrar um deles e correr para a saída da lanchonete. Ao chegar à rua, não vi qualquer sinal de Carina ou de Panqueca. Elas haviam ido embora.

Aquela filha da mãe tinha levado a minha cachorra!

Pensei em ir até a casa do meu pai para conversar com Olívia, mas decidi que aquele não era o melhor momento para isso. Eu estava uma pilha e sabia que acabaria brigando feio com ela por conta de sua desobediência. Não que ela deixasse de merecer um bom sermão e até mesmo alguma punição, mas não queria extrapolar na dose e, no estado de nervos em que eu me encontrava, seria bem capaz de eu acabar gritando muito mais do que o ideal.

Ao invés disso, fui para casa e, no caminho, liguei para o meu pai e expliquei todo o ocorrido, pedindo a ele que tirasse algumas fotos do gato para que eu pudesse mandar para provar à louca da dona que eu estava mesmo com ele e, dessa forma, conseguir negociar uma troca. Meu pai disse que optara por não contar a Olívia sobre a Panqueca, para não a fazer se sentir culpada pela possibilidade de termos perdido nossa cachorra definitivamente. E eu não aprovava nem um pouco essa mania de superproteção. Olívia já estava bem grandinha, já deveria lidar com as consequências de seus atos. Contudo, ele me contou sobre o quanto ela havia chorado quando conversou com ele a respeito da saudade que sentia de Panqueca e do quanto agora já amava o ‘Sushi’ e não queria perdê-lo também. Prefери, então, apenas deixar o assunto para o dia seguinte. Mesmo porque, ela não estava atendendo aos meus telefonemas.

Era só o que me faltava: além de ter aprontado comigo algo naquele nível, minha filha adolescente agora também se dava ao direito de estar com raiva de mim. Era muito mais simples lidar com ela quando tinha cinco anos, sem qualquer sombra de dúvida.

Logo que cheguei em casa e sentei-me no sofá, meu celular emitiu um alerta de mensagem e verifiquei, constatando ser o que eu já esperava: as fotos tiradas pelo meu pai. Como eu havia pedido, eram várias, de diversos ângulos, para que não restasse dúvida de que era mesmo o Howie (e Olívia estava certa em trocar o nome do pobre gato. Este era ridículo!). Eu não sabia se meu pai fizera isso com uma boa intenção ou apenas para dar um ar sarcástico à situação, mas em uma das fotos o bichano estava deitado sobre

o jornal de hoje, com a data e as notícias de capa bem visíveis, como se fosse uma vítima de sequestro ou coisa parecida. Provocativa ou não, decidi que essa foto também seria enviada. Todas elas seriam, para não restar qualquer dúvida à mente psicótica daquela louca. Tentei encaminhar as imagens, mas algo deu errado. Logo entendi o que era: a maluca tinha bloqueado o meu número.

Era só o que me faltava...

Capítulo sete – Deixa rolar

**“If you ever feel (*Você já se sentiu*)
Like no one cares (*Como se ninguém se importasse*)
When you try your best (*Quando você dá o seu melhor*)
But you get nowhere (*Mas não chega a lugar nenhum*)
Don't give in (*Não desista*)
Cause good times will come again (*Porque os bons momentos voltarão*)
When they criticize (*Quando criticarem*)
Every move you make (*Cada movimento seu*)
And you've had as much (*E você já aguentou muito mais*)
As you're gonna take (*Do que deveria*)
Don't you worry (*Não se preocupe*)
Soon enough (*Em breve*)
Things will change” (*As coisas irão mudar*)**

Roll with it – Backstreet boys

Carina

Sempre que ouvia o toque de um telefone, já tinha a reação imediata de um sobressalto, junto com a sensação de que meu coração acelerava tanto a ponto de quase sair pela boca. Dessa vez, não foi diferente, mas me acalmei em menos de um segundo quando me dei conta de que não era o meu celular que tocava, mas sim o telefone convencional da minha casa. Sabia que apenas duas pessoas ligavam para mim. A primeira era a minha mãe, mas ela só costumava me ligar aos fins de semana, com a desculpa de que seria mais fácil me encontrar em casa – muito embora eu trabalhasse com home office às terças e quintas, como era o caso agora. Já sabendo que

não era ela, só me restava a segunda alternativa. Logo que atendi, percebi meu acerto ao ouvir a voz de minha melhor amiga.

— Pela voz desanimada, nem vou perguntar se teve algum sinal do Howie.

Suspirei, jogando a cabeça para trás na cadeira do pequeno escritório improvisado no quarto vago do meu apartamento.

— Dois dias sem qualquer notícia. Tirando as pistas falsas que continuo recebendo o tempo inteiro pelo whatsapp.

— Eu te falei que isso só ia piorar depois que você colocou uma oferta de recompensa.

Eu sabia disso. Sabia, inclusive, que oferecer recompensas poderia atrair mais loucos como o carinha do dia anterior. Mas era uma medida desesperada para um momento desesperado. Logo iria anoitecer e meu coração doía ao pensar no meu gatinho passando mais uma noite ao relento.

— Ele vai aparecer, amiga. Estou compartilhando o anúncio sem parar, e o Cristiano também. Já mandamos para todos os nossos amigos, conhecidos... o Cris mandou para todos os colegas do hospital. Logo alguém vai te procurar dizendo que o encontrou.

— Tomara, Lu.

— Enquanto isso, me diz... vai fazer o quê amanhã?

— Amanhã é quarta-feira, Lu. Vou trabalhar na empresa. Aliás, achei que você fosse fazer o mesmo. Decidiu bancar a empresária rica e deixar a loja só com os funcionários?

— Meu sonho um dia poder fazer isso, mas ainda não é o caso. Estou falando da parte da noite, o que vai fazer?

— Vir para casa descansar para trabalhar com home office na quinta. Achei que depois dos gêmeos você tivesse cansado de baladas. Aliás, bem no meio da semana, nunca nem foi o seu estilo.

— Quem falou em balada, garota? Escuta só, sabe a Paulinha? A afilhada do Cris, filha daquele primo dele, o Rogério? Então, a menina joga futebol, está no time feminino sub-13 da cidade.

— Eu nem sabia que essa cidade tinha um time feminino. Muito menos um sub-13.

— É coisa nova. Teve muita procura, decidiram criar. Mas parece que as meninas estão mandando bem no campeonato regional. Enfim, vai ter um jogo importante amanhã, e...

— E o Cristiano quer ir porque é louco pela afilhada, mas quer que você o acompanhe e você odeia futebol.

— Se fosse um time masculino adulto eu ainda me distrairia olhando para as pernas dos jogadores. Um monte de menininhas, amiga... isso deve ser um saco! Digo, claro, pra mim, que não gosto de futebol. Sei que você curte.

— Categorias infantis não são exatamente o meu foco. Nem mesmo campeonatos regionais. Além do mais, amiga... eu preciso fazer companhia para a cachorrinha.

Olhei para baixo da mesa, onde a minha nova colega de apartamento dormia profundamente, aninhada em meus pés. A companhia dela vinha sendo essencial para suportar a tristeza e a saudade pela falta de Howie. Lógico que ela não o substituía, mas cuidar dela mantinha minha mente ocupada, e tê-la perto de mim me consolava nos momentos de choro. Que eram constantes, aliás.

— Não use o pobre animal como desculpa. Aliás, quando você vai dar um nome a ela?

— Não vou. Não quero me apegar. Ela é maravilhosa, mas logo o Howie vai voltar, então preciso encontrar um novo lar para ela.

— De qualquer maneira, ela não vai morrer se passar algumas horinhas sozinha. Vai, o clube não fica longe, serão só algumas horas . É um programa extremamente chato, eu sei, mas é a nossa chance de enfim termos algumas horinhas juntas.

— Não sei, Lu. Não estou muito a fim de sair.

— Por favor, Cá! Nem precisa dirigir, a gente passa aí e te pega, e te levamos em casa no final. Vai, por favor, por favor, por favor!

Lúcia sabia que eu tinha uma dificuldade terrível de dizer não às pessoas que gostava. Por isso, acabei concordando, já sabendo que ela não desistiria até que isso acontecesse.

— Vai ser ótimo, amiga! Assim você se distrai um pouco da preocupação com o Howie, e para também de pensar no carinha bonito, porém estranho, de ontem.

— Quem disse que preciso de alguma distração para não pensar no cara, Lúcia? É só um cara que queria me aplicar um golpe.

— Não, era um cara bonito e bom de lábia, que te seduziu com o papinho dele.

— Ele não me seduziu, já disse.

— Tudo o que você precisa é sair mais, conhecer uns caras legais e solteiros...

Foi então que senti o tom de malícia na voz da minha amiga. E pensei em como eu realmente deveria estar psicologicamente mal por não ter percebido as intenções dela desde o início.

— Sei... Tipo o primo do seu marido?

— Nem pensei nisso. Mas, bem... ele está solteiro. Eu sei, ele tem uma filha e isso pode ser meio complicado. Mas a ex dele é super tranquila, já até se casou de novo, e eles se dão até bem. E a Paulinha é um doce de menina, você vai adorar conhecê-la.

— Quer que eu conheça de uma vez não só o cara como a filha dele. Já está até planejando algo sério entre nós, não é?

— Vocês fariam um casal tão lindo! Mas... não! Juro que não, estou te convidando realmente apenas para me fazer companhia. Eu não armaria algo tão tedioso para um primeiro encontro oficial. Mas, bem... vocês vão se conhecer, e... Quem sabe vocês mesmo não decidam marcar algo mais interessante para outro dia?

Eu duvidava muito que tivesse cabeça para encontros enquanto meu gatinho estivesse desaparecido, mas concordei apenas para não prorrogar o assunto. Já tinha feito a pior parte, que foi concordar em ir ao tal jogo de futebol infantil.

Conversamos mais alguns minutos, até que desliguei a ligação e dei mais uma checada nas mensagens no meu celular. Mais um monte de pistas e informações inúteis que em nada me ajudavam a encontrar Howie.

Levantei-me um pouco da cadeira de trabalho, tomei um bom banho, fiz uma refeição rápida e dei comida à cachorra. Deixei-a comendo na sala enquanto ia à cozinha lavar a louca e, quando retornei, ela estava deitada no sofá.

— Nada disso, mocinha! Desça já daí! — Fui até ela e a puxei pela coleira, trazendo-a de volta ao chão. Eu tinha comprado uma caminha para ela e, ainda assim, ela seguia com a mania de subir no sofá. — Já disse que não pode fazer isso, Panqueca!

Ela levantou as orelhas e me olhou com curiosidade, e foi só então que me dei conta do nome que usei para chamá-la. Tratei de me corrigir:

— Desculpe, sei que esse não é o seu nome. E eu nem sei por que o usei. Logo você terá uma família definitiva, e eles darão um nome bem bonito para você.

Ela se deitou no chão, com a cabeça apoiada no meu pé. Não resisti e acabei me sentando ao seu lado, fazendo carinho em suas orelhas.

— Eu tinha ficado muito feliz, sabia? Não só pela esperança de ter meu gatinho de volta, mas pela possibilidade de você pertencer a uma família. Você merece uma família muito especial, e prometo que encontrarei uma pra você.

Ela veio para o meu colo, aconchegando-se melhor. Fiquei algum tempo ali em silêncio, fazendo carinho nela e dividindo meus pensamentos entre a saudade de Howie e as auto advertências para não me apegar demais àquela cachorrinha. Eu não poderia ficar com ela.

Depois de algum tempo, voltei para o escritório, retomando o trabalho. Fui até bem tarde e nem percebi quando, vencida pelo cansaço, abaixei a cabeça sobre a mesa e acabei pegando no sono.

Acordei assustada já pela manhã, atrasada para o trabalho.

Maurício

Sentado no sofá ao lado da minha filha, analisei atentamente a mensagem escrita no aplicativo de mensagens do celular nas mãos dela, que seria enviada juntamente com as fotos tiradas do gato – que no momento, mais uma vez dormia em cima da minha geladeira.

Meu pai trouxera Olívia para casa no final da tarde do dia anterior, e tive com ela uma conversa de horas em que, agora já um pouco mais calmo, enfatizei o quanto estava decepcionado com a atitude dela, e contei todo o ocorrido. Ela realmente ficou arrasada quando ouviu a parte sobre a Panqueca estar com a dona do gato, e foi apenas esse argumento que consegui convencê-la de que deveríamos devolver o bichano, para que assim também pudéssemos ter nossa cachorra de volta.

Pela manhã, essa tinha sido a primeira coisa que fizemos. Sentados lado a lado no sofá da sala, eu a auxiliei a escrever a mensagem no celular dela (já que a estressadinha da Carina havia bloqueado o meu número). No texto, Olívia se apresentava e pedia desculpas pelo que fizera. Muito embora meu stress com as teorias completamente insanas levantadas por aquela mulher não me deixassem necessariamente com vontade de ser cordial com ela, sabia que minha filha devia aquelas desculpas. E para que dessa vez não houvesse qualquer dúvida sobre estarmos dizendo a verdade, as fotos do gato iam junto com o texto.

— Eu realmente não queria que o Sushi fosse embora, pai... — Olívia tentou mais uma vez, me olhando com os olhos brilhando em lágrimas.

Eu sabia que era algo difícil para ela. Mas era o certo a ser feito.

— A Carina é a família dele, querida. Ele deve estar sentindo a falta dela. Voltar para ela é o melhor.

— Mesmo essa tal Carina sendo uma louca psicótica alucinada?

— De onde você tirou isso?

— Ouvi você se referindo a ela assim com o vovô.

Se ela tinha ouvido, eu não teria como negar, enfim.

— É, mesmo assim. E Panqueca também deve estar com saudades de casa, assim como estamos dela.

— Ela está mesmo com a Pan? Você chegou a vê-la?

— Ela disse que sim, acho que não teria razões para mentir. E acho que a gente não quer arriscar perder a nossa Panqueca, não é?

Ela movimentou a cabeça em uma negativa e, após respirar fundo, enviou a mensagem. Puxei-a para mais perto de mim com o braço que contornava seu ombro e beijei-lhe no alto da cabeça, orgulhoso.

— Fez o certo, filha. Agora vamos tomar café. Precisa se alimentar bem, porque hoje é o grande dia.

Ela tentou sorrir, sem muito sucesso, mas levantou-se e me acompanhou até a cozinha. Pegou o gato em cima da geladeira e o colocou em seu colo, enquanto se sentava na cadeira para comer. Não quis entrar no assunto da despedida, por isso falei de outras coisas, enquanto me sentava do outro lado da mesa.

— E então, animada para hoje?

— É só mais um jogo.

— É a semifinal. A vitória é importante.

— Obrigada por aumentar a minha tensão, pai.

— A tensão é melhor do que a tristeza.

Ela deu de ombros e perguntou:

— Você vai lá pra me ver, não vai?

— Lógico. Não perderia por nada. Hoje tenho pacientes até o último horário, mas farei o possível para chegar a tempo de pegar o início da partida. Seu avô vai buscá-la na saída da escola e levar pro clube. Está levando o uniforme na mochila?

— Sim, conferi tudo ontem à noite. Vou ter que deixar o celular em casa, porque o técnico falou que vai proibir a nossa entrada no clube com telefone. Acho uma besteira. Várias meninas ficam tirando selfies na hora do treino e sei que isso é ruim, mas a maioria, como eu, não fazemos isso. Não é justo pagarmos pelo erro de algumas.

— Se você não faz isso, não vai precisar levar celular.

— Posso precisar para uma emergência.

— Seu avô estará contigo, não terá emergência nenhuma. Aliás, é ótimo que deixe o celular em casa, só para não correr o risco de você de novo mudar de ideia com relação ao gato e acabar mandando outras mensagens para a dona dele.

— Não faria isso. Não agora que sei que ela está com a Panqueca. Você devia ter me contado isso desde o início.

— Não, filha. Você devia ter agido da forma correta desde o início. Sabe que o correto era ter levado o gato, independente da Panqueca estar ou não com a moça. Era o certo a ser feito.

— É... eu sei.

Mudamos novamente de assunto e terminamos nosso café. Antes de sair, Olívia colocou comida para o gato e conversou um pouco com ele, em voz baixa. Ela sabia que, mesmo que Carina entrasse em contato comigo (como foi orientado na mensagem enviada a ela) ainda neste dia, eu não teria como largar meus pacientes para ir em casa pegar o gato e levar para ela. Além disso, depois do jogo, aproveitando que Olívia dormiria na casa do avô, eu pretendia sair com um grupo de amigos. Caso fosse uma noite de sorte, provavelmente só voltaria para casa na manhã seguinte.

Sendo assim, a estressadinha teria que esperar no mínimo mais um dia inteiro para ter seu bichano de volta. Confesso que, mesmo que de forma não proposital, aquilo me dava a sensação de ter uma espécie de mini-vingança pelo surto dado por aquela louca na lanchonete.

— Vamos logo, filha — eu disse, enquanto Olívia ainda se despedia do animal. — Senão você vai acabar se atrasando para a escola e eu para o primeiro atendimento.

Concordando, Olívia deu um beijo na cabeça do gato, pegou a mochila deixada sobre o sofá e saiu comigo.

Capítulo oito – Aquele

“I guess you were lost when I met you (*Acho que você estava perdida quando te conheci*)

Still there were tears in your eyes (*Ainda havia lágrimas em seus olhos*)

So out of trust and I knew (*Tão desconfiada e eu sabia*)

No more than mysteries and lies (*Nada mais de segredos e mentiras*)

There you were, wild and free (*Lá estava você, selvagem e livre*)

Reachin' out like you needed me (*Chamando-me como quem pede ajuda*)

A helping hand to make it right (*Uma mão para ajudar a ficar tudo bem*)

I am holding you all through the night” (*Abraçarei você a noite toda*)

The one – Backstreet Boys

Carina

Aquela quarta-feira, definitivamente, não tinha começado bem. O que me deu uma boa dica de que o restante do dia seguiria o mesmo ritmo. Acabara por adormecer profundamente na mesa do escritório – coisa que nunca acontecia comigo, mas provavelmente um reflexo das últimas noites mal dormidas por conta da preocupação com o Howie. Além de acordar pela manhã já atrasada para o trabalho, estava com uma dor insuportável nas costas e no pescoço em decorrência da posição nada confortável na qual adormecera. Para me atrapalhar ainda mais, a cachorrinha tinha feito xixi pela sala inteira e ainda precisei correr para limpar tudo. Espalhei jornais pelo chão, na esperança de que ela entendesse que ali seria o local ideal para usar como banheiro, a alimentei, tomei um banho, vesti a primeira roupa que apareceu na minha frente e saí. Estava um tempo chuvoso, o que fez com que o trânsito ficasse mais lento que o normal. No fim das contas, meu atraso na chegada ao trabalho foi de quase duas horas.

Logo que cheguei e consegui me organizar para começar o meu expediente, resolvi dar uma olhada rápida no celular para verificar se havia chegado alguma notícia sobre o Howie. Foi então que notei que, para completar o azar do meu dia, havia esquecido meu telefone em casa.

Acabei ficando na empresa até depois do horário, para compensar um pouco o meu atraso na chegada e o dia que tinha saído mais cedo para me encontrar com aquele enganador. Voei para casa sabendo que apenas teria tempo de pegar um casaco (a temperatura continuava a cair) e, claro, limpar a sujeira que a cachorra provavelmente fizera nos lugares errados, ignorando totalmente o jornal que espalhei pela casa.

— Desça já desse sofá, menina! — ordenei enquanto adentrava o apartamento.

Ela desceu, mas provavelmente não foi para atender à minha ordem, mas para vir me recepcionar na porta, abanando o rabo.

— Sinto muito, mas vou ter que te deixar sozinha por mais algumas horas — informei enquanto fazia carinho em sua cabeça. — Mas volto logo, prometo. Agora venha, vou colocar mais um pouco de ração pra você enquanto dou uma limpeza rápida nessa sala.

Quando cheguei ao pote de comida, no entanto, constatei que se mantinha cheio, do mesmo jeito que eu deixara quando saí. Ela vinha comendo muito pouco, e isso me preocupava. Devia estar sentindo falta de sua antiga casa.

Pensei novamente em como eu gostaria que aquele homem tivesse dito a verdade e fosse realmente o tutor dela. E isso fez o meu ódio por ele aumentar. Acho que seria capaz de voar no pescoço dele caso o encontrasse novamente.

Limpei tudo, troquei de roupa e peguei meu celular esquecido na mesa do escritório. Desanimei-me ao constatar que ele estava zerado, sem carga alguma. Teria que sair sem ele mais uma vez.

O interfone tocou e, já sabendo que era Lúcia passando para me buscar, apenas me despedi da cachorrinha, peguei minha bolsa e saí.

Lá ia eu para um nada emocionante programa para uma noite fria, quando tudo o que eu mais desejava era ficar em minha casa, embaixo das

cobertas. De preferência, com Howie comigo.

Infelizmente, nada disso seria possível.

Maurício

Tudo estava criteriosamente programado para que eu pudesse sair do consultório com tempo suficiente para chegar ao clube com calma, talvez ainda comprar algo para comer, encontrar meu pai na arquibancada (porque ele provavelmente tinha guardado o meu lugar) e ainda acompanhar a entrada das jogadoras em campo, fazendo coro de gritos com o nome da minha filha. Era um jogo importante e eu queria aproveitar bem cada minuto dele. Porém, havia um obstáculo em meio a isso. Um completamente imprevisto. E ele se chamava Arthur.

Meu paciente quase septuagenário tinha decidido voltar, não apenas sem ligar antes para marcar, como também no exato momento em que eu liberava aquele que deveria ser o último atendimento do dia. E se o Senhor Arthur chegava em um local batendo o pé de que seria atendido, não havia qualquer pessoa ou mesmo divindade que o fizesse mudar de ideia.

Esse atendimento extra acabou tomando quase uma hora a mais do meu tempo. Quando enfim pude sair do consultório, a chuva tinha dado um tempo, mas os reflexos dela no trânsito ainda podiam ser sentidos. Levei mais tempo que o padrão para conseguir chegar ao clube. Deixei meu carro no amplo espaço que servia ao mesmo tempo como estacionamento e praça de alimentação. O cheiro delicioso dos lanches servidos pelos food trucks dali era tentador, mas eu não poderia perder nem mais um minuto. Ouvi os gritos vindos do campo, o que denunciava que a partida tinha acabado de começar. Eu tinha perdido a entrada das jogadoras, mas não me permitiria perder nem um minuto a mais. Travei as portas do carro e virei-me subitamente para seguir para o campo. Nisso, levei um forte esbarrão, seguido por um banho de algo gelado. Quando olhei para a pessoa que trombara comigo, mal pude acreditar que seria realmente ela.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, nada sutil.
Ela levantou o rosto, só então parecendo me reconhecer.

Carina

Pouco antes...

Provavelmente, eu nunca na vida sentira tanta vontade de matar a minha melhor amiga como naquele momento. Em quinze anos de amizade, era inconcebível que ela ainda não me conhecesse bem o suficiente para saber o tipo de cara que poderia vir a ter alguma remota chance comigo. E eu nem estava falando de aparência física. Eu simplesmente detestava homens pegajosos, e o tal primo do marido dela era exatamente um sujeito neste perfil. A ponto de ser chato. Incrivelmente chato.

Por falar em chatice, outra coisa detestável nele era o tom constante de ostentação em seus assuntos. Em uma breve conversa de dez minutos com ele (ou deveria chamar de monólogo?), eu já sabia que ele era médico cardiologista, que sua casa tinha uma enorme piscina, que passara as últimas férias em Cancun... até a marca e modelo de seu carro. Eu não tinha perguntado sobre nenhuma dessas coisas. Na verdade a única pergunta que fiz a ele foi sobre as horas, já que estava sem o meu celular.

Tudo isso, aliado à noite extremamente mal dormida, contribuía para aumentar o meu sono.

— Jura que achou que isso fosse uma boa ideia? — sussurrei à Lúcia, que estava sentada na arquibancada à minha direita, enquanto o chato estava à minha esquerda.

Ela sussurrou em resposta:

— As crianças estão com os avós, Cristiano e eu vamos dar uma esticada depois daqui, e eu estou ao lado da minha melhor amiga. É claro que foi uma ótima ideia.

— Espero que me deixe em casa antes dessa ‘esticada’ e nem ouse a permitir que esse mala me ofereça carona.

— Sério que tá tão ruim assim, amiga? Jurava que ele fosse super gente boa. E, apesar de não ser exatamente um galã de novela, ele é bonito.

— Vai ver com você ele supostamente é gente boa porque nunca tentou te seduzir. Sinto que a qualquer momento ele vai me passar até mesmo os valores dos extratos bancários dele.

— E são altos. Sua mãe com certeza aprovaria.

— É só o que importa a ela. Mas nós duas somos muito diferentes, você sabe disso. Eu não fico buscando homens ricos para me relacionar. Na verdade, nem ando buscando homem algum.

— Não foi com a intenção de que vocês tivessem algo sério nem nada parecido.

— Nem sério, nem casual. Esse cara é insuportável!

— Foi mal, Cá. Juro que não achei que ele fosse tão desagradável.

— Talvez nem seja tanto assim. A verdade, Lu, é que estou cansada. Essa noite eu acabei dormindo de qualquer jeito na mesa de trabalho. Estou louca para chegar em casa e dormir na minha cama.

— Amiga, se está tão mal, posso te levar em casa.

Óbvio que eu não pediria algo assim. Claro que, se estivesse com o meu celular, eu mesma pediria um Uber para ir embora. Mas, como não estava, podia esperar o jogo chegar ao fim. Aliás, já estava prestes a começar. As meninas já começavam a entrar em campo.

— Não se preocupa, Lu. Só preciso de alguma coisa para me manter acordada. Um café, energético, qualquer coisa do tipo.

— Podemos ir lá fora para comprar algo.

— Não, deixa que eu vou. Você está grávida, sossega aí.

— Desde quando grávidas não podem andar, Cá?

— É cansativo ficar subindo e descendo arquibancadas, até pra mim. Então sossega aí que já venho.

Sequer comuniquei ao meu ‘acompanhante’ que iria ao pátio comprar algo, para não correr o risco de ele insistir em ir comigo. Porém, acho que ele nem percebeu que eu me afastei, pois já estava com o celular em mãos, filmando a filha que entrava em campo. Desci as arquibancadas e segui para o estacionamento, onde ficavam os food trucks. Passei por todos à procura de café ou energético, mas como não achei nenhum dos dois, acabei optando por uma Coca-Cola. No maior copo que tivessem para servir. Segui segurando o copo sem tampa com uma mão, enquanto com o outro enfiava o troco da compra na minha bolsa a tiracolo. Até que meu caminho foi subitamente bloqueado por alguém, em quem me choquei de forma abrupta, derrubando, assim, todo o meu refrigerante. Cambaleei para trás com o esbarrão e por pouco não caí.

— O que está fazendo aqui? — ouvi a voz que perguntava de forma nada cordial.

Quando levantei o rosto, levei um choque ao reconhecer aquele sujeito.

Capítulo nove – OK

“If I, I only knew that one day I would find (*Se eu soubesse que um dia encontraria*)

Someone like you (*Alguém como você*)

I'd take back all those nights I wasted (*eu levaria de volta todas aquelas noites que eu perdi*)

Looking for the right one at the wrong door (*Procurando o caminho certo na porta errada*)

We fit together, you make me better (*Nós nos encaixamos, você me faz melhor*)

Whatever it takes, I'm here forever (*Seja o que for preciso, estou aqui para sempre*)

Bad things'll happen (*Coisas ruins vão acontecer*)

But none of that matters (*Mas nada disso importa*)

We'll find a way (*Nós vamos encontrar um jeito*)

As long as I'm with you, I'm OK” (*contanto que eu esteja com você, eu estou bem*)

Carina

— Que inferno... você está me seguindo? — questionei, furiosa. Percebi que a camisa branca dele estava agora encharcada com o líquido preto do que seria a minha bebida, mas no fundo pensei que aquilo era muito bem feito!

— Eu estou te seguindo? Eu vim assistir ao jogo da minha filha!

Ah, claro... lá ia o mau-caráter insistir naquela mentira de filha.

— Olha só, aviso logo que eu não vim sozinha, entendeu? Estou com três amigos! Nem ouse tentar nada contra mim.

— Adoraria dizer o mesmo a você, mas estou meio atrasado, porque você já fez algo contra mim.

Ele abriu os braços, mostrando a camisa suja de Coca-Cola. Apesar de ter sido um acidente, não ia perder meu tempo me justificando ou pedindo desculpas. Como disse, no fim das contas, era muito bem-feito que passasse por isso.

— E pelo visto você não quer mesmo o seu gato de volta, não é? — ele perguntou.

Recuei um passo, advertindo:

— Já avisei para parar com essas mentiras. Estou com dois amigos homens aqui comigo, vou agora mesmo ligar para eles e... — Calei-me ao colocar a mão dentro da bolsa e não encontrar o meu celular. — Certo, não estou com o meu celular hoje, mas eu ainda posso gritar aqui, e sei que alguém virá em minha defesa e...

Ele balançou as mãos, ao mesmo tempo em que a expressão irritada no rosto dele se aliviava.

— Espera, disse que está sem o celular? Então não viu as fotos que te enviei?

— Como ousa mandar fotos para mim, seu pervertido?

— O quê? Sua louca, não é nada disso! Na verdade, foi a minha filha que te mandou as fotos, já que você bloqueou o meu número. São fotos do Sushi.

— Do quê?

— Digo... não é esse o nome dele. Enfim, fotos do seu gato.

Ele apanhou o celular no bolso de trás da calça e começou a mexer na tela, visivelmente procurando algo. Eu devia ter gritado ou saído correndo naquele momento, mas algo me fez ficar para ver até onde aquele louco iria. Uma mistura de curiosidade com audácia.

— Deixa eu adivinhar... Pegou na internet fotos aleatórias de gatos malhados porque acha que eu não reconheceria o meu próprio gato? Ou, pior, andou stalkeando minhas redes sociais e pegou fotos dele lá? Não subestime a minha inteligência.

— Bem, a não ser que você tenha nas suas redes sociais alguma foto do seu gato dormindo em cima do jornal de ontem... — Ele virou a tela do

celular para mim.

Ao ver a imagem, ainda tive a reação automática de fazer uma careta de dúvida, mas levou apenas alguns instantes até que meus olhos absorvessem a visão e eu reconhecesse o meu gatinho ali.

Meu Deus, era o meu Howie D.!

Estiquei as mãos, apanhando o celular e trazendo-o para mais próximo de meus olhos. Ampliei a imagem, olhando com atenção cada detalhe para confirmar que era mesmo o meu bebê.

— Isso não é uma montagem, não é? Você está mesmo com o meu Howie? Mas então, por que a sua filha não apareceu naquele dia?

Ele bufou e apanhou o celular de volta, voltando a mexer nele enquanto falava:

— Eu não contei a Olívia sobre você estar com a Panqueca. Não quis gerar expectativas nela, tive medo de algo dar errado. Só que ela se apegou ao gato e chegou a levá-lo para devolver a você, mas acabou desistindo no caminho e fugiu para a casa do meu pai. Para provar que não ‘inventei’ essa filha, aqui está.

Ele me devolveu o celular. Peguei o aparelho, olhando para a tela e me deparando com a página do Facebook de Olívia Andrade. Uma adolescente com uma camisa do time de futebol da cidade sorria na foto de perfil. Aquilo, claro, não provava nada. Podia ser apenas uma menina qualquer. Porém, fui subindo as postagens do perfil e parei em uma que meio que provava tudo. Era uma foto descontraída do homem à minha frente, abraçado à garota do Facebook. Junto aos dois estava um cachorro. A mesma cachorrinha que eu abrigava em minha casa. A publicação feita há três dias tinha dezenas de comentários, além da seguinte legenda:

Sentimos sua falta, Pan. Volta logo pra casa.

Meu peito doeu diante daquilo. Se eu, que era adulta, estava sofrendo daquele jeito pela falta do meu bichinho, como aquela menina devia estar se sentindo? Lembrei-me de toda a história que Maurício me

contara sobre ele ter criado sozinho a filha desde que a mãe dela falecera. Eu tinha perdido o meu pai também quando era apenas uma menina, e conhecia bem a dimensão daquela dor. Panqueca deveria ser um suporte emocional fundamental para ela, e esse reencontro não ocorrera ainda por minha causa.

Agora, eu me sentia um monstro.

— Era tudo verdade? — indaguei, voltando a olhar para Maurício.
— Podemos então fazer a troca? Ainda hoje.

— Podemos fazer a troca. Mas, não hoje, já tenho um compromisso. Agora, apenas quando eu puder.

Ele, então, tomou uma atitude que eu jamais esperaria naquela situação. Ele simplesmente tirou a jaqueta que estava usando, em seguida tirando a camisa.

— Ei! — gritei, espantada. — O que está fazendo?

— O que você acha? Jogou um litro de refrigerante na minha camisa. Por sorte eu tenho outra no carro.

Ele abriu a porta do veículo e de lá tirou outra camisa. Antes que começasse a vesti-la, no entanto, meus olhos inconscientemente foram atraídos para seu abdômen definido, cheio de gominhos bem marcados. A expressão cafona do meu amigo Douglas, novamente, caía perfeitamente na situação: *pedaço de mau caminho*. De que outra forma eu definiria melhor aquele homem diante de mim?

— Por que não tira uma foto? Assim você pode admirar pelo resto da vida — ele disse, arrancando-me de meu transe.

Balancei a cabeça e virei o rosto, enquanto ele vestia a camisa limpa e colocava a jaqueta por cima.

— Não estou admirando coisa nenhuma. Só me distraí pensando em como faremos para realizar a troca.

— Já disse: agora, você vai esperar que eu marque algo com você. O que acha? Que eu vou sair daqui agora para pegar o seu gato? Vim assistir ao jogo da minha filha, é uma partida importante. E estou aqui perdendo o

meu tempo com você. Só espero que não tenha perdido nenhuma jogada importante.

Mal ele disse essas palavras e o público na arquibancada gritou eufórica em um sonoro ‘Gol’, emplacando na sequência um coro com o nome ‘Olívia’.

Ao que tudo indicava, ele tinha perdido um gol da filha. A sensação de que eu era um monstro cresceu um pouco mais nesse momento.

Ele me fuzilou com os olhos por um momento, antes de voltar a fechar a porta do carro e seguir em passos firmes em direção ao campo. Chamei por ele e apressei-me em segui-lo. Não poderia deixar que fosse embora daquele jeito. Eu tinha excluído e bloqueado o número dele, apagado todas as mensagens, e agora não tinha mais seu telefone para entrar em contato. E eu não poderia correr o risco de ele mudar de ideia e eu não ter o meu gato de volta.

Contudo, mal dei uns cinco passos e meu pé virou sobre o salto do sapato, fazendo com que eu caísse no chão, soltando um grito pelo impacto e pela dor.

Maurício

Quando ouvi o som do baque, seguido pelo grito, instintivamente parei de andar e olhei para trás. Encontrei Carina caída no chão, reclamando de dor enquanto levava a mão ao pé. Que inferno, eu não era o tipo de homem que naquela situação simplesmente iria embora deixando uma mulher ferida e sozinha para trás. Por mais que estivesse ainda bem irritado com a pessoinha em questão.

Bufando, retornei até ela, estendendo a mão para ajudá-la a se levantar. Após me olhar em silêncio por alguns instantes, ela tentou se levantar sozinha. Aguardei pacientemente até que ela se desse conta de que não conseguia, para só então aceitar, enfim, a minha ajuda.

— Meu salto quebrou... — ela constatou, enquanto levantava a perna para trás, começando a tirar o calçado.

— Quanto você calça? — perguntei, reparando que ela tinha um pé pequeno.

Ela me olhou como se eu tivesse feito um questionamento altamente pessoal e embaraçante.

— Que raios de pergunta indiscreta é essa?

— Só estou querendo ajudar.

— Em quê? Vai comprar um sapato pra mim, por acaso?

— Dá pra responder, ou vai me obrigar a ficar parado aqui esperando a resposta e com isso perder outro gol da minha filha?

Ela fez bico e voltou a tirar a sandália do pé, enquanto resmungava em resposta:

— Trinta e cinco. Que diferença faz?

Soltei-a e ela se apoiou em um poste de luz enquanto virava o rosto para me seguir com os olhos. Voltei até o meu carro e abri a porta do carona, apanhando o par de havaianas deixado lá. Não era grande coisa, mas era bem melhor do que ficar descalça. Levei até ela, explicando:

— É da minha filha. Ela esqueceu no carro há quase uma semana. Enfim, não é nada elegante, mas é só um jogo de futebol infantil, então...

— Obrigada! — ela me interrompeu, surpreendendo-me com o súbito agradecimento. — E desculpe por toda a situação que eu te causei outro dia. E por não ter acreditado em você.

Enfim, aquele pedido me desarmou por completo. Tanto quanto a forma sincera com que ela me olhava nos olhos enquanto dizia isso. Ia responder alguma coisa, mas detive-me quando ela tentou colocar o pé agora descalço no chinelo que eu deixara no chão diante dela, mas soltou um grito de dor.

— Que merda... acho que torci o pé...

— Certo... deixa que eu te ajudo.

Novamente servi de apoio para ela, auxiliando-a a tirar o sapato também do outro pé, onde ela conseguiu calçar o chinelo. O outro, no entanto, ela mal conseguia apoiar no chão. Porém, era teimosa e começou a tentar andar em direção à quadra. Eu a apoiei para que ela conseguisse dar alguns passos.

— Desse jeito só vai chegar lá quando o jogo acabar — comentei.

— É, eu sei. Mas meus acompanhantes estão lá, então tenho que voltar. Não precisa me ajudar, vai lá ver a sua filha e deixa que eu dou um jeito.

— Que jeito? Se eu te soltar, você vai direto ao chão. Não tem como ligar para seus amigos virem te ajudar?

— Estou sem celular, esqueceu?

— Pode ligar do meu.

— E o que te faz achar que sei o número de algum deles de cabeça?

— Certo... Então, vamos ter que agilizar um pouco isso.

Sem sequer pedir licença, eu a levantei nos braços, passando a carregá-la. Ela ficou sem reação por alguns breves instantes, até começar a se sacudir.

— Mas o que acha que está fazendo?

— Te levando até os seus amigos e indo ver a minha filha jogar.

— Não precisa desse extremo. Me põe no chão agora!

— Olha só, estressadinha...

— Me chamou de quê?

— Tá... Carina... A gente não começou muito bem, e... Na verdade, até que começamos, mas você tratou de estragar tudo e...

— Sua filha estragou tudo quando tentou fugir com o meu gato!

— Mas minha filha tem treze anos. Você provavelmente já passou dos vinte e cinco.

— Como ousa especular a minha idade? Isso é grosseiro! E, só pra constar, eu tenho vinte e nove. Não que isso seja da sua conta.

— Realmente não é. Mas o que importa é que você é uma mulher adulta, então agora que já sabe da verdade, pode colaborar para que a gente termine isso da melhor forma possível.

— Vai terminar. Com você devolvendo o meu gato.

— E você a minha cachorra.

— Claro que vou devolver. Ela já urinou em praticamente todo o meu apartamento.

— Ela sempre morou em casa com quintal, não está acostumada com ambientes fechados.

— Então, logo ela voltará a ter o seu quintal. Vamos resolver isso. Amanhã.

— Certo, amanhã. Sem falta. Vamos dar um fim a isso.

— Um fim já mais do que devido.

Nos calamos e segui com ela nos braços até o campo. Subi as escadas para as arquibancadas e chegamos lá em cima no momento em que vi minha filha avançar com a bola em direção ao gol. Preparei-me para soltar um grito de gol, mas o juiz apitou ao mesmo tempo que, no meu colo, Carina anunciou:

— Ela está impedida.

— Não estava, não! Ela ia marcar essa!

— Estava, sim. Até ela sabe, olha... nem contestou o juiz.

É, Olívia de fato não contestou e seguiu com o jogo. Antes disso, no entanto, ela olhou para a arquibancada, do lado oposto de onde estávamos e acenou para alguém. Segui os olhos na mesma direção, ainda acreditando que fosse alguma amiga de escola, mas deparei-me com um garoto da idade dela acenando de volta. Eu o conhecia. Era o João Gabriel, amigo do colégio. Há tempos eu tinha notado como os olhos dela brilhavam sempre que estava na presença dele.

Nunca imaginei que fosse ser um pai ciumento ou coisa do tipo, mas... Qual é? Ela ainda nem tinha completado treze anos. Não era nova demais para ficar trocando acenos com meninos?

— Minha amiga está ali — Ouvi a voz de Carina trazendo-me de volta à realidade. Olhei para onde ela apontava e avistei uma mulher sentada sozinha. Levei-a até lá, perguntando-me onde estariam os outros amigos. Ela tinha usado o plural, não tinha?

— Meu Deus, Cá! — A mulher se levantou logo que nos viu, assustada. — O que aconteceu com você?

— Meu salto quebrou e acho que torci o pé. Onde estão Cristiano e... o primo dele? — Ela visivelmente não sabia o nome do outro cara, o que me dizia que eles não eram necessariamente amigos.

Não que isso fosse da minha conta.

— Ligaram do hospital. Teve um acidente com um ônibus na estrada, muita gente ferida... enfim, vida de médico. O Cris deixou a chave do carro comigo. Mas por falar em médico, acho que você precisa de um. — Ela finalmente me olhou e sorriu. — Se é que já não encontrou, né?

Já que a estressadinha não nos apresentava, mostrei-me educado.

— Prazer, eu sou o Maurício.

— Eu sei, doutor. Já levei meus filhos no seu consultório. Meu nome é Lúcia.

Olhei-a com mais atenção. Era um ótimo fisionomista, por isso não demorei a me lembrar dela.

— Claro... a mãe dos gêmeos! Que coincidência. Como vai?

— Ei, para tudo! — Carina falou. — Você é médico?

— Dentista, na verdade — respondi, tratando de mudar de assunto. — Acha que consegue se sentar?

Ela sacudiu a cabeça, como se só então se desse conta de que eu ainda a segurava nos braços. Não que aquilo estivesse sendo um incômodo para mim. Ela era bem leve e os cabelos dela tinham um cheiro bom.

Coloquei-a sentada na arquibancada, sendo auxiliada pela amiga que voltou a se sentar ao seu lado. Uma sensação estranha me tomou quando encerrei o contato corporal mantido enquanto a segurava.

Carina

Eu queria que ele me soltasse. Racionalmente, achava a situação desconfortável, especialmente pelo clima nada bom que nos rondava desde a ocasião na lanchonete. Porém, ao mesmo tempo, era como se meu corpo gritasse para não deixar o calor de seus braços. Porém, é claro, lutei para me desvencilhar dessa sensação. Só podia ser um tipo muito inconveniente de carência, não havia outra explicação.

Logo que me deixou sentada ao lado de Lúcia, Maurício perguntou:

— Como farão para irem embora? Não vai conseguir sair daqui com esse pé machucado.

— Ah, tá brincando? — Lúcia se adiantou em responder. — Nada do que a gente já não tenha passado antes. No aniversário de dezoito anos da Cá, ela bebeu tanto, mas tanto, que acabou apagando e eu tive que levá-la de volta pra casa praticamente nas costas.

— Obrigada por compartilhar a recordação — comentei, irônica. Guardei para mim o comentário que, na ocasião, ela tinha onze anos a menos, além de não ter uma melancia crescendo na barriga.

Aliás, eu nem tinha bebido ‘tanto’. Apenas era um pouco fraca para álcool.

Mas, era um fato, a gente daria um jeito. Meu pé doía bastante, mas não parecia estar quebrado nem nada mais grave. Com jeitinho, eu conseguiria andar até o carro da Lúcia.

Para testar tal possibilidade, apoiei devagar o pé dolorido no chão. Minha visão escureceu por um instante, tamanha era a dor que senti, e não pude evitar soltar um grito.

É, talvez eu precisasse de muito jeitinho para conseguir tal feito.

— Tem certeza de que vai ficar bem? — ele insistiu. Confesso ter ficado comovida com a preocupação. Especialmente porque ele tinha todos

os motivos do mundo para estar sentindo por mim o mesmo ódio que eu senti por ele até saber que ele falara a verdade o tempo todo.

— Vou, obrigada pela preocupação. Eu só preciso que você me perdoe e que não desista de devolver o meu gato.

Mesmo sem olhar para Lúcia, pude sentir a mudança em sua respiração, denunciando que estava surpresa com a informação. Mas ela não disse nada, então deixaria para contar tudo a ela mais tarde, depois que ele se afastasse.

Maurício abriu um leve sorriso, quase como os que mostrara quando nos conhecemos, antes que eu surtasse achando que ele era um sequestrador de animais. *Quase*. Ele aparentemente ainda não tinha se libertando por completo do ranço contra mim.

Bem, e eu não o culpava por isso, no fim das contas.

— Não vou desistir. Faremos a troca amanhã. Pode deixar que entro em contato com você. Cuide bem da Panqueca até lá.

— Pode deixar. E também devolverei o chinelo da sua filha. Obrigada por me emprestá-lo.

— Sem problemas.

Houve uma gritaria no estádio quando uma menina do time adversário quase marcou um gol, que foi defendido pela goleira. Olhamos todos para o campo, e então voltamos a nos encarar e ele anunciou:

— Bem, meu pai está em algum lugar da arquibancada me esperando. Vou até lá fazer companhia a ele. Nos vemos amanhã. E cuida desse pé. Faça compressas de gelo logo que chegar em casa.

— Pode deixar. Obrigada.

Ele sorriu mais uma vez para mim, depois acenou para Lúcia e se virou, afastando-se.

Sem me dar conta, acabei suspirando enquanto o via se afastar.

E Lúcia não esperou nem um segundo para me cobrar um relatório da situação. Suspirei, pensando em por onde deveria começar.

Capítulo dez – Afogando

“Cause everytime I breathe I take you in (*Porque toda vez que eu respiro, eu te recebo*)

And my heart beats again (*E meu coração bate de novo*)

Baby, I can't help it (*Baby, não posso evitar*)

You keep me drowning in your love (*Você me mantém afogando em seu amor*)

Everytime I try to rise above (*Toda vez que tento voltar à tona*)

I'm swept away by love (*Sou arrebatado pelo amor*)

Baby, I can't help it (*Amor, não posso evitar*)

You keep me drowning in your love (*Você me mantém afogando em seu amor*)

Maybe I'm a drifter (*Talvez eu seja alguém sem destino*)

Maybe not (*Talvez não*)

'Cause I have known the safety (*Pois almejo pela segurança*)

Of flowing freely in your arms (*De flutuar livremente em seus braços*)

I don't need another lifeline (*Não preciso de outro modo de vida*)

It's not for me (*Isso não é para mim*)

'Cause only you can save me (*Porque só você pode me salvar*)

Oh, can't you see?” (*Oh, você não consegue ver?*)

Drowning – Backstreet Boys

Maurício

Já estávamos a dez minutos do final do segundo tempo e o jogo seguia um a um. Sentado ao meu lado, meu pai gritava mais do que em uma final de copa do mundo, mas eu não estava muito atrás na empolgação. Para muitos dos ali presentes, aquilo era provavelmente apenas uma brincadeira, um ‘joguinho de meninas’ como estava já cansado de ouvir. Mas meu pai e

eu sabíamos bem o quanto aquilo era importante para Olívia. Desde bem pequena que minha filha sempre falava sobre o sonho de um dia ser uma jogadora da seleção brasileira feminina e bem que, a princípio, o avô tentou convencê-la a tentar uma atividade mais ‘delicada’, por isso chegou a matriculá-la no balé. Porém, com o tempo ele percebeu que Olívia tinha uma verdadeira paixão pelo futebol, algo que, ao contrário do que pensávamos no início, não foi sumindo enquanto ela crescia, mas apenas aumentando.

E meu pai, que tinha se mostrado tão resistente a isso, hoje era, junto comigo, o maior incentivador da carreira da neta.

— Olívia está dispersa... — ele comentou em determinado momento.
— Está perdendo muitas oportunidades de marcar.

— Ela marcou um gol logo no início — respondi, embora também tivesse percebido as oportunidades que ela havia desperdiçado.

— Já era para ter marcado uns cinco. Ela não está se concentrando. Provavelmente tem a ver com o sumiço da Panqueca, e também com a expectativa de perder o... como é mesmo o nome que ela deu ao gato?

— Sushi. Mas o nome dele na verdade é outro, e, por um acaso do destino, a dona dele está sentada bem ali. — Apontei discretamente para onde Carina estava e meu pai seguiu os olhos na mesma direção.

— A grávida?

— A que está ao lado dela.

— E você não vai falar com ela? Resolver logo isso e pegar sua cachorra de volta?

— Já falei. Nos esbarramos no estacionamento logo que cheguei. — Literalmente nos esbarramos, no caso. Com direito a um banho de refrigerante, que nada tirava da minha mente ter sido de propósito. — A gente meio que se entendeu, vamos marcar para fazer a troca.

— Com uma mulher linda como aquela, você deveria marcar para mais do que isso.

Já era um comentário esperado. Tanto quanto o que veio a seguir:

— Quando é que você vai decidir seguir com sua vida? Não falo para se casar nem nada, mas... Uma companhia iria bem.

— Olha só quem fala: o cara que está viúvo há catorze anos.

— Eu amava muito a sua mãe, essa é a diferença. Você e Ana nem estavam mais juntos quando ela morreu. Aliás, você meio que se acomodou sozinho bem antes disso, logo que se separou dela.

— Não me acomodei sozinho, pai. Que exagero.

— É, você ainda mantém uma vida sexual ativa. Mas, quer saber, filho? Sabe que isso não é tudo na vida. — Meu pai era um romântico incorrigível.

— Acho que deveria pensar nisso para a *sua* vida, pai. Eu realmente não estou atrás de compromissos sérios. Nunca estive, na verdade. Ana e eu só ficamos juntos pela Olívia. Tanto que não deu certo, você sabe.

— Oras, vocês eram pouco mais do que duas crianças, e ainda brincando de cuidar de outra. Agora você é um homem adulto, bem sucedido em seu trabalho, e Olívia já não é mais tão dependente de você. Já fica sozinha em casa, já sai com os amigos, daqui a pouco ela começa a namorar e você continua aí, sozinho.

— Será que podemos mudar de assunto? — A conversa, definitivamente, não estava tomando um bom rumo.

Ele acabou concordando. Não porque queria deixar o assunto de lado, mas porque, nesse momento, Olívia voltou a avançar com a bola nos pés em direção ao gol. Toda a torcida gritou quando ela marcou, mas acho que qualquer um seria capaz de ouvir os gritos meus e do meu pai, que se sobressaíam a todos os demais. Enquanto comemorava o gol, Olívia nos olhou e apontou o dedo em nossa direção, como se dedicando a vitória a nós dois. Lancei um beijo a ela, sentindo-me o pai mais orgulhoso do universo. A partida reiniciou, faltando apenas poucos minutos para o final. Nisso, inconscientemente percorri os olhos pela arquibancada, até focar em Carina, que também me olhava e sorria, na certa achando graça do meu modo pai-coruja. Não resisti em sorrir de volta.

Parecia que a simpatia entre nós começava a voltar.

— Sobre a troca dos animais, filho... — meu pai voltou a falar, dessa vez já meio rouco de tanto berrar o nome da neta. — Resolva isso o quanto antes. De preferência, ainda hoje.

— Já marquei com uns amigos depois do jogo.

— Simples: desmarque.

— Sou um pai jovem e solteiro. Preciso aproveitar os dias que minha filha fica com o avô para me divertir um pouco.

— Um dia verá como, em algum momento, esse tipo de diversão passa a não ser mais o suficiente para a sua vida. Espero que não seja tarde demais quando perceber isso.

Sempre julguei aqueles conselhos do meu pai um tanto quanto exagerados. Nesse momento, no entanto, pela primeira vez pensei um pouco a respeito.

Talvez eu estivesse começando a me cansar um pouco de tudo aquilo.

Carina

Sabia que, pela Lúcia, nós já teríamos ido embora há tempos, mas ela prometera que levaria Paulinha de volta para a casa da mãe, a pedido do pai que tivera que sair correndo para a tal emergência no hospital. Ela desceu até a grade que contornava o campo, para assim falar com a menina e combinar de encontrá-la na saída do vestiário. Continuei ali, sentada no mesmo local, até porque não conseguia ainda andar.

Segui os olhos pela grade, mais ao lado, e novamente sorri com a cena que avistei: Maurício abraçava a filha, em uma empolgação que faria inveja a qualquer outro pai ou mãe ali presente. Dava para perceber de longe o orgulho que sentia daquela menina e isso era algo tão bom de ver. Era como se aquecesse o meu coração. E eu não podia deixar de reparar que ele parecia ainda mais bonito naquela situação.

Forçando-me a me focar no que realmente importava no momento, voltei a olhar para Lúcia. Ela já não estava mais conversando com a menina. Dessa vez, falava ao telefone, e deduzi que fosse com o Cristiano. Conhecia minha amiga o bastante para perceber que estava tensa com a responsabilidade sobre suas costas. Além de ter sido incumbida de cuidar de uma adolescente, ainda tinha que arrumar um jeito de conseguir me levar até o carro e, depois, ainda me deixar em casa.

Eu não só odiava dar aquele trabalho à minha amiga, como também estava bem preocupada com como eu conseguiria chegar até o carro. Diferentemente do que Maurício fizera, ela não tinha como me carregar. E eu sinceramente não acreditava que conseguiria ir até lá pulando em um pé só. Ainda mais com aquelas escadas da arquibancada.

— Posso ajudar? — ouvi a voz ao meu lado e sobressaltei, só então vendo que Maurício sentava-se no lugar de Lúcia. Ele provavelmente tinha subido pelo outro lado da arquibancada e por isso eu não o vi.

— Ah... imagina, você já ajudou demais por hoje.

— Vi sua amiga conversando com a Paula, colega de time da minha filha. Elas são parentes?

— Mais ou menos. A menina é filha do primo do marido dela.

— Sei. Aquele seu amigo que você não lembra o nome.

— Ele não é meu amigo. Enfim, não vem ao caso. A Lu vai levar a menina pra casa da mãe, já que o pai teve que ir para o hospital.

— Bem, eu poderia te levar em casa, então. Aliás, ainda não está tão tarde, poderíamos aproveitar para resolver logo a questão da troca dos nossos animais.

O argumento pesou mais do que qualquer outro. Pensar que eu enfim poderia ter o meu Howie de volta, depois de tantos dias. Porém, claro, eu precisava ser um pouco racional. Não era porque eu tinha me enganado a respeito de uma desconfiança sobre ele que deveria agora confiar cegamente. Ele ainda era um desconhecido, no fim das contas.

— Você não tinha um compromisso?

— Liguei para um dos meus amigos e informei que não iria. Gostaria de resolver essa questão o quanto antes.

— Não quero incomodar você e sua filha.

— Bem, Olívia não vai para casa comigo. Pediu para passar a noite na casa do avô.

— Então, o plano seria...?

— Passamos na minha casa, pegamos o seu gato, partimos para a sua casa, te deixo lá, pego a Panqueca e vou embora.

— Não quero parecer rude, Maurício. Mas você ainda é um desconhecido.

— Bem, sou o dentista dos filhos da sua amiga e você dirá a ela que está saindo daqui comigo. Qualquer coisa que aconteça contigo eu serei naturalmente o principal suspeito, não seria uma boa propaganda para mim. Todo mundo na cidade me conhece.

— Um pouco presunçoso da sua parte. Eu não te conhecia até outro dia. Não é o único dentista da cidade.

— Não, mas sou muito bom. Posso te dar a primeira consulta de graça, além de bons descontos caso precise de algum procedimento.

— Você realmente é muito presunçoso.

Lúcia retornou nesse momento, parecendo animada ao ver que Maurício estava disposto a ajudar. Quando ele comentou sobre o plano de me levar em casa após passarmos na casa dele para eu pegar o meu gato de volta, ela mostrou-se ainda mais empolgada, e eu fingi não perceber que não era apenas por resolvermos o problema de como eu iria embora com o pé machucado, ou por eu enfim poder ter o Howie de volta. Durante o jogo, eu contara sobre o dentista dos filhos dela ser o mesmo cara com quem eu me encontrara alguns dias antes e a quem eu tinha acusado de ser um sequestrador de animais, e sobre o grande engano que cometi. Ela, mais do que prontamente, falara sobre ele ser um cara bem legal, além de enfatizar o que eu tinha percebido desde o início: ele era lindo. Tanto quanto era presunçoso. Talvez até um pouco mais.

Ah, e, assim como eu, ele era solteiro. Esse fato tinha sido muito enfatizado por Lúcia também.

Com minha melhor amiga ali argumentando que aquela era uma ótima ideia, eu não tinha muito como escapar. Acabei concordando.

Após me despedir dela, Maurício voltou a me pegar em seus braços com uma facilidade incrível, como se eu fosse extremamente leve, como uma pluma. E aí seguimos para o estacionamento, enquanto eu voltava a me inebriar com o perfume masculino e os braços fortes que me seguravam.

Capítulo onze – De volta ao seu coração

“Baby if I only knew (*Querida, se eu ao menos soubesse*)

The words to say (*As palavras a dizer*)

The road to take (*A estrada a pegar*)

To find a way back to your heart (*Para achar um caminho de volta ao seu coração*)

What can I do (*O que posso fazer*)

To get to you (*Para chegar à você*)

And find a way back to your heart” (*E achar um caminho de volta ao seu coração*)

Back to your heart – Backstreet Boys

Carina

Logo que o carro parou em frente à casa, senti pena de Panqueca por pensar na agonia que ela devia sentir em meu apartamento estando acostumada a morar em um local grande como aquele. Além da casa de dois andares, o espaço de quintal ao redor dela parecia bem amplo.

Quando ele saiu do carro e abriu a porta do meu lado, estendendo a mão para me ajudar, fui rápida ao negar o convite:

— Posso esperar aqui fora.

— Na verdade, acho que eu preferia que você mesma pegasse o seu gato.

Ainda levei uma fração de segundo para compreender o que ele queria dizer com aquilo. E precisei me controlar para não rir.

— Sério? Você tem medo do Howie?

— Não é medo. E não é do Howie especificamente. Eu apenas... Não estou muito acostumado a gatos. Olívia anda com ele no colo para cima e para baixo, tranquilamente. Já eu... na verdade nem sei como segurá-lo. Posso acabar machucando ele, sei lá.

Não mais resisti e acabei rindo. Pensei em comentar que ele poderia segurar Howie do mesmo jeito com que me carregara nos braços, mas temi que fosse um comentário um tanto quanto ousado. Não estava ali para flertar, apenas para recuperar o meu gato.

Vencida, acabei segurando a mão dele e descendo do carro. Ele ainda perguntou se queria que ele me carregasse e, apesar de a ideia ser tentadora, neguei. Apoiando-me nele, eu já conseguia me locomover, ainda que de forma lenta. Sem escadas a coisa era bem mais simples.

Ele abriu o portão e, quando entrei, confirmei minhas suspeitas sobre o quintal ser mesmo bem amplo. Além de ser muito bem cuidado. O chão era todo gramado, com uma trilha em pedras que levava até a varanda. Havia, de um lado, uma simpática casa de bonecas e, do outro, uma pequena trave e rede de gol. Alguns brinquedos de cachorro estavam espalhados pelo chão.

Subir os dois degraus da varanda foi um pouco mais complicado, mas Maurício me ajudou nisso. Então ele abriu a porta, acendeu a luz e entramos em uma espaçosa sala de estar. Meus olhos atentos no ambiente ao meu redor, no entanto, agora tinham um único foco: procurar pelo meu gato.

— Sushi? — Maurício chamou, enquanto me guiava até um dos sofás.

Eu prontamente o corriji:

— O nome dele é Howie.

Deixando-me sentada, ele questionou, curioso:

— De onde veio esse nome?

— Do Howie D. — Ele continuou a me olhar em dúvida, mostrando que minha resposta não tinha sido clara o bastante. — Dos Backstreet Boys.

— Sério? Nossa, tem uns vinte anos que não escuto falar desses caras.

— Como assim? Eles ainda estão na ativa.

— Jura? Um bando de quarentões sensualizando com musiquinhas adolescentes?

— Não são *musiquinhas adolescentes*!

— É sério que você gosta mesmo disso?

E ele voltava a mostrar sua face insuportável.

— Quer saber? Apenas traga o meu Howie, estou ansiosa para vê-lo!

Ele concordou e seguiu para a cozinha, onde, segundo ele tinha me contado no caminho até ali, era o local preferido do meu gatinho na casa. No caminho, resmungou:

— ‘Howie D.’...

— Qual é o problema com o nome, hein? Me diz, e de onde veio ‘Panqueca’?

— Da comida, não é óbvio?

— Não é um nome muito original.

— Ao menos, panquecas nunca saem de moda.

Bufei, optando por ignorar o comentário. Virei o rosto em direção às escadas e avistei a bola de pelos que descia ainda parecendo um pouco desconfiada. Sorri, emocionada.

— Howie? ...Meu bebê, é a mamãe!

Ele enfim pareceu confirmar suas suspeitas e soltou um miado que eu sabia que ele só soltava quando estava feliz. E veio até mim, subindo no meu colo. Abracei-o, enchendo-o de beijos. Em geral, Howie não apreciava muito tanto contato, mas dessa vez não pareceu se importar. Também estava sentindo a minha falta.

Ouvindo aquilo, Maurício voltou e parou ainda na porta da cozinha, olhando-nos e sorrindo.

Sorri de volta, emocionada e agradecida.

Maurício

Precisava confessar que estava feliz naquele momento por ter decidido resolver a troca dos animais ainda naquele dia. Sentada em meu sofá, Carina chorava baixinho, abraçada ao seu gato, e a cena de alguma forma me emocionava. Contudo, ao mesmo tempo em que aquilo me fez pensar na alegria que Olívia sentiria quando chegasse em casa no dia seguinte e encontrasse Panqueca de volta, também imaginei o quanto ficaria desolada pelo gato não estar mais ali. Talvez tivesse sido melhor deixar aquilo para o dia seguinte, para que dessa forma Olívia pudesse se despedir do bichano. Porém, talvez adiar servisse apenas para prorrogar o sofrimento das duas.

Ter filhos era ser obrigado a fazer escolhas bem difíceis. O tempo inteiro. Eu já deveria estar acostumado com isso, mas algo em mim dizia que jamais iria me acostumar. Provavelmente, quando Olívia tivesse trinta ou quarenta anos eu ainda ia continuar a tomar boa parte das decisões da minha vida pensando no que seria melhor para ela.

A paternidade era um caminho longo e sem volta.

— Obrigada! — Ela me olhou, sorrindo em meio às lágrimas. — Obrigada por cuidar dele durante esses dias, e por devolvê-lo para mim mesmo depois de tudo o que eu fiz.

— Não tem o que agradecer. Afinal, você também abrigou e cuidou da minha cachorra nesses últimos dias. Enfim, aceita beber alguma coisa? Posso pedir algo para comermos também, se estiver com fome.

— Não, obrigada. Eu só quero ir para casa com o Howie. E enfim conseguir voltar a ter uma boa noite de sono sabendo que ele está comigo novamente.

— Entendo. Bem, vou te levar em casa, então. E trazer a Panqueca de volta.

Percebi que o sorriso dela estremeceu quando eu disse aquilo, quase como se apenas naquele instante ela realmente se desse conta de que

Panqueca iria embora de sua casa. Perguntei-me se, assim como minha filha, Carina também havia se apegado à sua hóspede de quatro patas.

— Você se importaria de esperar apenas alguns minutos? — perguntei. — Mesmo tendo trocado de camisa, ainda me sinto meio grudento de refrigerante. Só o tempo de eu tomar um banho rápido, não levo mais do que dez minutos.

— Leve o tempo que precisar, não se preocupe. Eu espero aqui.

Sorri em concordância e fui rapidamente até a cozinha, apanhando uma bolsa de gelo que mantinha sempre no freezer (tinha uma atleta em casa, afinal). Levei para a sala e entreguei a Carina.

— Enquanto isso, coloque sobre o pé. Se essa dor não melhorar até amanhã, recomendo que procure um ortopedista.

— Obrigada. Não se preocupe, vai melhorar. Eu vivo torcendo o pé com saltos. Dói bastante na hora, mas depois passa.

— Espero que sim. Pé é coisa séria. Uma vez a Olívia torceu o dela durante um treino e precisou ficar quase um mês de molho.

— Nem brinca com algo assim! Não tenho como ficar um mês parada.

— Com sorte, ficará apenas umas três semanas.

Ela pegou uma almofada ao seu lado no sofá e a jogou contra mim. Rimos juntos, como se fosse algo extremamente corriqueiro e... natural.

Parecia natural que ficássemos tão à vontade na presença um do outro.

— Então, volto logo. Se quiser ligar a TV...

— Não, estou ótima. Tenho muito assunto para colocar em dia com o Howie.

Trocamos mais um sorriso e eu subi as escadas para o meu quarto. Fui direto para o banheiro, onde tomei um banho realmente rápido, já que não queria fazer Carina esperar por muito tempo. Vesti rapidamente roupas limpas e voltei a descer as escadas. No entanto, parei logo que cheguei à sala, surpreso com a cena que encontrei.

Vendo Carina dormindo profundamente sobre o meu sofá, abraçada ao seu gato – que também dormia – e com a bolsa de gelo que deixei com ela caída no chão, não pude conter mais um sorriso.

Abaixei-me ao lado dela e a chamei com a voz baixa:

— Ei, Carina? ...Estressadinha, acorda! — Levei a mão delicadamente ao seu braço e a sacudi de leve. Mas ela sequer se moveu. Ao contrário do gato, que acordou e me olhou, como se desconfiado. — É, Howie... pelo visto, a sua ‘mãe’ realmente está bem cansada. O que acha? Deixamos que ela durma ou acordamos ela?

Como se compreendendo a pergunta, o gato pulou para o chão e seguiu caminhando até o primeiro degrau da escada, onde parou e me olhou. Por mais louco que pudesse parecer, eu quase seria capaz de ouvir um ‘Você não vem, humano?’ saindo da boca do bichano.

— Tem razão. Melhor levá-la para um lugar mais confortável.

Repetindo o que eu tinha feito horas mais cedo, voltei a erguer Carina em meus braços. Subi as escadas com cuidado, levando-a até o último quarto ao final do corredor, que pertencia à minha filha. Tirei os chinelos de seus pés (ou um deles, o outro havia caído pelo caminho) e a pequena bolsa que ela trazia a tiracolo, deixando-a sobre a escrivaninha. Tive ainda a preocupação de cobri-la, já que fazia bastante frio naquela noite. Logo que fiz isso, Howie voltou a pular sobre ela, encolhendo-se deitado sobre sua barriga. Acho que era a deixa para que eu saísse e os deixasse descansar.

Antes de fechar a porta, no entanto, parei por um instante, admirando o rosto sereno com o qual ela dormia. Não havia mais nada ali da ‘estressadinha’, afinal.

Gostaria de dizer que ela agora me parecia tão linda quanto quando a vi pela primeira vez. Mas estaria mentindo.

Estava mais linda do que nunca.

Logo que a deixara no quarto de Olívia, voltei para a sala, na intenção de guardar a bolsa de compressa que ficara lá caída no chão. Após fazer isso, decidi ficar um pouco no primeiro andar da casa. Preparei um lanche rápido na cozinha e fui para o sofá, onde fiquei assistindo a alguns filmes. Ainda não eram nem dez da noite, e eu estava com muita coisa na cabeça para decidir ir dormir. No entanto, acho que subestimei meu próprio cansaço físico e, em determinado momento, acabei por também adormecer. Acordei com o som da porta sendo aberta, seguido pela voz da minha filha.

— Pai?

Abri os olhos, me deparando com Olívia, que me fitava com preocupação.

— Acordou mais cedo hoje? — ela indagou, confusa. — Ou dormiu aqui no sofá?

— Acho que a segunda opção.

— Vovô me disse que você decidiu não sair com os amigos ontem. Aconteceu alguma coisa?

— Que horas são? — resmunguei, ainda tentando despertar por completo. Sinceramente, acho que eu não tinha mais idade para dormir de qualquer jeito daquela maneira.

Talvez Olívia tivesse razão quando dizia que eu estava velho.

— São seis e dez. Vovô me trouxe aqui porque preciso pegar outra camisa do uniforme. A que usei ontem acabei sujando. Aliás, por que você deixou o carro na rua?

Ainda sonolento, balancei a cabeça, tentando organizar tantas informações. Meu pai ficara de levá-la para a escola naquele dia, e na saída ela voltaria para casa. Pelo visto houvera uma mudança de planos.

— Vou trocar de roupa e já desço pra tomar café com você — ela anunciou, começando a subir as escadas.

Só então me dei conta de algo:

— Olívia, espera! É que... tem alguém no seu quarto, e...

— Alguém? — ela me interrompeu. Então abriu um largo sorriso. — É a Panqueca? Ela voltou?

— Não exatamen... Olívia, espera!

Sem esperar por qualquer resposta, ela correu, eufórica, escada acima. Levantei-me e me apressei em segui-la.

Carina

Há quanto tempo eu não despertava com as patinhas de Howie caminhando sobre as minhas costas? Preguiçosa, sequer abri meus olhos, apenas aproveitando o momento. Aquilo me trazia uma sensação inestimável de paz, sensação esta que me permitira, depois de tantos dias, voltar a conseguir dormir uma noite inteira bem e sem despertar a todo instante sendo tomada por pesadelos de que ele estava ferido ou mesmo morto. Mas agora ele estava em segurança, em casa.

Espera... estávamos em casa? Em que momento eu tinha voltado, que nem percebi?

Abri abruptamente os olhos, ao mesmo tempo em que me sentava na cama e olhava ao meu redor, tentando reconhecer o local onde eu estava. Era um quarto bem espaçoso, com as paredes brancas fazendo um contraste com móveis de cor amarela escura. Howie estava ali comigo e parecia à vontade com o ambiente. Sentei-me na cama e a dor que senti ao encostar o pé no chão fez com que eu me lembrasse de mais detalhes do dia anterior. A última coisa que eu me recordava era de ter colocando uma compressa de gelo no pé, enquanto abraçava Howie. Quando isso aconteceu, eu estava no sofá da casa de Maurício.

Provavelmente, eu tinha pegado no sono. Mas... por que agora acordava naquele quarto? Ele teria me carregado até lá?

Avistei minha bolsa sobre uma mesa e pensei em pegá-la para olhar no meu celular e ver que horas seriam. Porém, logo lembrei que estava sem o meu telefone. Já estaria de manhã?

Consegui me levantar e até mesmo apoiar o pé no chão para caminhar, embora ainda com um pouco de dificuldade. Fui devagar e mancando até a janela e abri a cortina persiana. Avistei o que deveria ser a parte de trás do quintal, que eu não tinha visto no dia anterior. Havia ali uma piscina em uma extensa área gramada. A luz do sol refletia sobre a água, mostrando que já era dia. Por quanto tempo eu teria dormido?

Estava me perguntando isso quando a porta foi subitamente aberta. A menina que entrou trazia um enorme sorriso no rosto, mas o desfez, parecendo assustada quando me avistou.

— Quem é você? — a adolescente perguntou, de forma tensa.

Capítulo doze – Pinte o meu mundo

**“Everybody needs affection (*Todo mundo precisa de afeição*)
Looking for a deep connection (*Procurando por uma profunda conexão*)
So put a little bit of love in my life today (*Então coloque um pouco de amor na minha vida hoje*)
Everybody needs some shelter (*Todo mundo precisa de um abrigo*)
Spend a little time together (*Passar um tempo com alguém*)
Come into my arms (*Venha para os meus braços*)
Let them tell you what I want to say (*Deixe eles lhe contarem o que quero dizer*)**

**Color my world (*Pinte meu mundo*)
Draw on my heart (*Desenhe no meu coração*)
Take a picture of what you think (*Tire uma foto daquilo que você pensa*)
love looks like in your imagination (*que o amor parece na sua imaginação*)
Write on my soul (*Escreva em minha alma*)
Everything you know (*Tudo o que você conhece*)
Use every word you've ever heard (*Use cada palavra que você já ouviu*)
To color my world” (*Para que pinte meu mundo*)**

Color my world – Backstreet Boys

Carina

Eu não tinha feito absolutamente nada de errado. Porém, naquele momento, a forma como aquela menina me olhava fazia com que eu me sentisse culpada por sei lá o quê. Oras, afinal de contas, eu aparentemente estava no quarto dela, era uma intrusa em sua casa. Fiquei pensando que ela poderia ser o tipo de adolescente ciumenta, que não aceita que o pai tenha algum relacionamento amoroso, e... Por Deus, eu não estava tendo

relacionamento algum com ninguém. A coisa mais próxima de troca de fluídos entre nós tinha sido o copo de Coca-Cola que eu derramei nele no dia anterior. E, definitivamente, não tinha sido nadinha sexy.

Exceto, talvez, a parte que ele trocou de camisa.

Contudo, eu logo percebi que o problema não era exatamente o pai dela. Ela olhou para o Howie, voltando em seguida os olhos para mim. Logo que Maurício chegou ao quarto e tomou fôlego para dizer alguma coisa, ela se adiantou:

— É a dona do Sushi? Veio para levá-lo embora?

Olhei para Maurício, quase que pedindo com os olhos que ele respondesse aquilo. Eu não conseguiria lidar sozinha com a situação. Já estava me sentindo culpada de levar o meu próprio gato para a minha casa.

— É, querida... — ele respondeu se aproximando e apoiando as mãos nos ombros dela. — Por que não me ajuda a preparar o café enquanto eu te conto tudo?

Ela voltou a olhar para o Howie, antes de soltar um pesaroso suspiro e dar meia volta, saindo do quarto. Maurício se aproximou, parando a poucos passos de distância de mim.

— O pé melhorou?

— Ah... Sim. Ainda dói, mas menos que ontem. Você me trouxe até aqui? Por que não me acordou para que eu fosse embora?

— Eu tentei. Seu gato é testemunha disso.

Sorri e olhei para Howie, que brincava com a coberta da cama.

— Pode descansar mais um pouco, se quiser — ele voltou a dizer. — Ainda não são nem sete da manhã.

— Se não se importa, gostaria de ir para casa. Só quero lavar o rosto e, se possível, pentear o cabelo. — Meu Deus, eu tinha literalmente acabado de acordar. Devia estar parecendo um espantalho!

— Fique à vontade. Vou apenas explicar a situação para a Olívia e já volto para te ajudar a descer as escadas.

— Não se preocupe com isso, meu pé está realmente melhor.

— Mas é bom não abusar. Volto logo. Fique à vontade.

Dito isso, ele voltou a sair do quarto, fechando a porta. Fui até o banheiro e senti-me envergonhada ao me olhar no espelho. Não era de usar muita maquiagem, mas o lápis de olho e o rímel que usei no dia anterior agora formavam duas enormes manchas pretas ao redor dos meus olhos, deixando-me parecida com um urso panda. Meus cabelos longos mais pareciam um ninho de ratos de tão embolados que estavam. Isso sem contar a cara amassada pelo travesseiro.

Levei cerca de dez minutos para ficar mais apresentável e voltei para o quarto, na intenção de sentar-me na cama para esperar que Maurício voltasse. Porém, olhando ao redor, um mural de fotos preso à uma das paredes acabou chamando a minha atenção e me aproximei, percorrendo os olhos pelas fotografias. A que eu tinha visto no dia anterior no Facebook de Olívia estava lá também, e se destacava em meio a todas. Nela estavam ela, Panqueca e Maurício, em uma felicidade que parecia transbordar para além da imagem impressa. Sem me dar conta, acabei sorrindo, contagiada pelo sentimento bom que a fotografia transmitia. Olhei as demais, onde estavam outras pessoas que eu não conhecia. Algumas do time de futebol, outras na escola, muitas com Panqueca e com o pai. Havia outra com os três juntos, mas nela Olívia era apenas uma criança, e Panqueca ainda um filhote. Outra delas acabou chamando a minha atenção. Novamente, era Olívia ainda criança, abraçada a uma mulher. A semelhança entre as duas não me deixava dúvidas de quem seria aquela pessoa.

— Posso entrar? — a voz atrás de mim me fez sobressaltar. Olhei para a porta entreaberta, encontrando Maurício.

— Claro. A casa é sua, afinal.

Ele sorriu e adentrou o quarto, vindo até mim e parando ao meu lado diante do mural. Apontei para uma das fotografias.

— É a mãe da Olívia?

— É. Ana Clara era o nome dela.

— Se importa se eu perguntar do que ela morreu?

— Problemas no fígado.

— Ela era tão jovem...

— É, mas desde a adolescência que sempre abusou do álcool. E não parou nem mesmo quando ficou doente.

— Foi por isso que você ficou com a guarda da Olívia?

— Não havia qualquer chance de eu permitir que minha filha ficasse com ela. Mas a Ana também não demonstrou qualquer resistência a isso. Ela sabia que tinha uma doença e que não tinha qualquer condição de cuidar de uma criança. Não afastei as duas, elas se viam com frequência. Mas nunca deixei a Olívia passar uma única noite sozinha com a mãe, porque nunca sabia quando ela ia ter uma recaída e sair no meio da noite para comprar bebidas, deixando a filha sozinha. Ainda assim, mesmo elas não sendo tão próximas, era claro que Olívia sofreria demais ao perdê-la. Foi por isso que decidi dar a ela um cachorrinho. Panqueca foi um suporte essencial durante o tempo de luto.

— Os animais têm mesmo esse poder. Quando criança, acho que teria sido menos difícil suportar a morte do meu pai se minha mãe tivesse me dado um cachorro ou um gato como eu sempre pedi. Mas ela nunca gostou de animais. Howie é meu primeiro bichinho, e só o adotei quando passei a morar sozinha.

— E ele também é bem importante pra você, não é?

Eu nem saberia descrever com palavras o tamanho dessa importância. Poderia simplificar dizendo que Howie foi o meu suporte durante dois períodos de namoro, mas tinha sido muito mais do que isso. Quando saí da casa da minha mãe, foi para dividir o apartamento com Lúcia. Porém, quando minha amiga se mudou para morar com o Cristiano, por mais que eu sempre tivesse sido bem autossuficiente – o que é praticamente uma estratégia de sobrevivência para quem teve uma mãe emocionalmente distante a vida inteira – eu senti forte, por diversos momentos, a dor da solidão. Tudo é muito diferente quando você volta para casa sabendo que tem alguém te esperando. Howie era esse alguém. Era a minha família, enfim.

— Demais — foi o que eu me limitei a responder. — Aliás, mais uma vez, muito obrigada por cuidar dele pra mim.

— E você cuidou da Panqueca, então estamos quites.

— É, mas tudo teria sido bem mais fácil se eu não tivesse te dado tantos problemas, né? Ainda agora... Imagino o que sua filha deve ter pensado quando viu que eu passei a noite aqui.

— Conteí a ela o que aconteceu. Ela nem teria razões para entender qualquer outra coisa. Geralmente, quando saio com alguém, ela fica na casa do avô e eu vou para outros lugares. Nunca trago mulheres para passar a noite aqui em casa.

— Nem quando está em um compromisso sério?

— Nunca estou em um compromisso sério. E não tenho qualquer interesse para isso, no momento.

Um ponto forte que tínhamos em comum, embora por razões diferentes.

— Entendo. Também não quero nada sério. Para o desespero da minha mãe. Ela sonha em me ver casando e tudo mais.

— Ela se casou novamente depois que seu pai faleceu?

A expressão ‘mal esperou o cadáver esfriar’ seria bem adequada, embora um tanto desagradável. Sendo assim, fui mais sutil:

— Sim. Ela logo arrumou outro marido, teve outros filhos, reconstruiu sua vida.

— Que pena. Digo, não para ela, claro. É ótimo reconstruir a vida. Mas se ela fosse solteira, eu a apresentaria para o meu pai. Porque aparentemente eles pensam bem parecido com relação a casamento de filhos.

— Que pena, então, que perdemos essa oportunidade.

Rimos juntos e levei a mão até uma das fotos, onde Panqueca estava sozinha, deitada na grama, com a língua de fora e uma carinha tão feliz que eu poderia quase jurar que estava sorrindo. Pensei no quanto sentiria falta daquela bolota de pelos.

Logo que encostei na foto, o imã que a prendia ao mural magnético escorregou um pouco, fazendo com que o retrato começasse a cair. Fui rápida em segurá-lo e Maurício fez o mesmo quase ao mesmo tempo. Dessa forma, nossas mãos de tocaram, ocasionando em mim uma sensação como a

de uma leve corrente elétrica se espalhando a partir do ponto de contato para a pele de todo o meu corpo. Virei o rosto em sua direção e percebi que ele me olhava de forma compenetrada. Meus olhos se desviaram dos dele, focando em seus lábios, sentindo um desejo incontável de prová-los. Senti que, devagar, nossos rostos começaram a se aproximar, mas pararam a poucos centímetros um do outro, quando o som de algo se chocando contra o chão nos assustou. Olhamos para o outro lado, nos deparando com Howie de pé sobre a escrivaninha. No chão estava um porta-lápis com várias canetas espalhadas.

— Howie D.! — eu o repreendi, como uma mãe faria com uma criança.

Eu só não sabia se a bronca era por ele ter derrubado algo ou por ter interrompido aquilo que parecia um quase-beijo.

Ainda com a fotografia em mãos, Maurício foi até lá e abaixou-se, recolhendo os objetos caídos e colocando-os de volta à mesa. Depois passou levemente a mão pela cabeça de Howie. Achei graça ao notar que ele parecia sentir um pouco de medo disso. Realmente, não deveria ser muito acostumado a gatos.

— Vou sentir sua falta, Sushi.

— O nome dele é Howie — corriji.

— Tem certeza de que não quer mudar? ‘Sushi’ é muito mais simpático.

— Acho cafona demais essa coisa de dar nome de comida a um bichinho.

— Cafona? Sério? Devo lembrar que deu ao seu gato o nome de um cantorzinho de boy band?

Sabia que era uma provocação, mas, ainda assim, não aguentei e acabei apontando-lhe o dedo indicador enquanto retrucava:

— Tanto o Howie quanto os demais são cantores maravilhosos. Deveria ouvir algo deles antes de sair julgando dessa maneira.

— Calma, stressadinha. Já quer brigar de novo?

— Foi você quem começou! — Afinal, por que ele tinha que falar dos meus ídolos?

— Como eu dizia, sentirei a falta do gato, seja lá que nome ele tenha. Aliás, se quiser ficar pra você... — Ele estendeu para mim a fotografia, que eu aceitei de forma hesitante.

— Tem certeza? Não é do mural da Olívia?

— Vou imprimir outra cópia para ela, não se preocupe. Bem, vamos descer para tomar café? Daí te levo em casa para buscar a Panqueca.

Concordei e saímos juntos do quarto, com eu levando Howie em meus braços e sendo amparada por Maurício para conseguir descer as escadas. A proximidade dos nossos corpos e a forma como ele contornava a minha cintura com uma das mãos quase me faziam agradecer aquela oportuna torção no pé.

Maurício

Quando chegamos à cozinha, encontramos Olívia, que, sentada diante da mesa, olhou diretamente para o gato. Vi que os olhos dela brilhavam e temi que fosse chorar. Porém, mostrou-se forte. Sabia que ela se mantinha firme porque sabia que algo bom também aconteceria naquele dia.

— Quando a Panqueca volta? — ela perguntou, antes de qualquer coisa.

— Cadê a educação, Olívia? — eu a repreendi. — Já deu bom dia à nossa hóspede?

— Bom dia. Quando a Pan volta?

— Bom dia — Carina respondeu, parecendo um pouco tímida. O que era um tanto... inusitado.

— Depois o café, vamos te deixar no colégio e seguimos para a casa da Carina, para buscar a Panqueca — respondi, enquanto puxava uma

cadeira para que Carina se sentasse.

— Posso ir junto? Hoje a aula é só para entrega de resultado das provas de duas matérias, mas minhas notas foram ótimas no primeiro bimestre, tenho certeza de que estou de férias.

Já era quinta-feira e as aulas do primeiro semestre encerrariam no dia seguinte. Olívia sempre tirava ótimas notas, então era pouco provável que pegasse alguma recuperação. Sendo assim, não via motivos para obrigá-la a ir para a escola em uma situação como aquela. Por isso, concordei, enfim arrancando um leve sorriso do rosto dela. Aproveitei o momento de descontração para puxar outro assunto:

— Que jogo ontem, hein? Você deu a vitória ao time.

— Não fiz nada sozinha. Queria que tivesse visto o primeiro gol.

— Não consegui chegar a tempo. Mas o seu avô filmou tudo. Ele ficou de me enviar.

Carina, enfim, fez um comentário:

— Você joga muito bem.

Olívia a olhou de um modo desconfiado.

— Meu pai falou que você foi assistir ao jogo. É parente de alguma das meninas?

— Não. Na verdade, a filha de um amigo estava jogando. Para ser mais exata, nem amigo ele é, mal o conheço. Mas é primo do marido da minha melhor amiga.

— Nossa... meio distante sua ligação com ela. Geralmente só parentes próximos assistem aos jogos. Todo mundo diz que é meio chato ver meninas jogando futebol.

— Não acho. Na verdade, fiquei feliz em saber que temos um time feminino na cidade. Gosto muito de futebol, embora não saiba jogar.

— A Carina trabalha com marketing — contei enquanto apanhava uma torrada. — Ela trabalhou com as redes sociais de alguns times da região.

— Legal... — foi todo o comentário que Olívia fez. Mas percebi que olhava para Carina de forma curiosa.

Continuamos a conversar sobre o jogo. Na verdade, Carina e eu falávamos mais. Olívia apenas nos observava e fazia um ou outro comentário quando questionada.

Terminamos o café e saímos. No carro, foi a mesma situação: Carina e eu conversando e Olívia, que ia no banco de trás com o gato em seus braços, pouco falava. Estava um pouco incomodado com o silêncio dela, por isso novamente tentei puxar algum assunto:

— Hoje meu primeiro atendimento será apenas as duas da tarde. Já que você não foi à escola, o que acha de irmos ao shopping para comprar o seu vestido?

— Pai, já disse que não quero sua ajuda nisso.

— A festa é daqui a menos de duas semanas, Olívia. Já está muito em cima. Vamos resolver isso logo hoje.

Pelo retrovisor, vi quando ela bufou e virou o rosto, contrariada.

— Desculpe a intromissão, mas... — disse Carina. — Posso dar uma sugestão? A minha amiga Lúcia tem uma loja de vestidos. Não é no shopping, fica no calçadão do Centro. Os modelos são lindos. Posso passar o endereço se vocês quiserem.

— O que acha, Olívia? — perguntei. — Podemos ir lá para escolher o seu vestido.

— Não quero que você me ajude nisso, pai. Que droga! Você não entende nada de vestidos!

Carina voltou a falar:

— Se a questão é ter uma opinião feminina, se você quiser eu posso te acompanhar, Olívia. Estou livre no sábado. Aí você aproveita e passa no meu apartamento para visitar o Howie.

Enfim, a expressão emburrada de Olívia estremeceu e ela voltou a olhar para o gato em seu colo. Com certeza aquele argumento tinha sido o bastante para que ela concordasse e aceitasse a ajuda.

— Não vai ser um incômodo pra você? — perguntei.

— Nem um pouco. Aproveito para visitar a minha amiga na loja. E também é uma forma de agradecer pela Olívia ter cuidado tão bem do meu gatinho.

Vi que Carina a olhou pelo retrovisor e sorriu. De forma leve, Olívia sorriu de volta.

Em poucos minutos, chegamos em frente ao prédio que Carina indicou como sendo onde ela morava. Deixei o carro em uma vaga do outro lado da rua e ajudei a moradora a chegar até seu apartamento, servindo como apoio para o pé machucado. Ressaltei que ela deveria procurar um médico e ela garantiu que faria isso naquele mesmo dia.

Subimos pelo elevador e chegamos ao apartamento. Quando a porta foi aberta, já nos deparamos com Panqueca, que dormia sobre o tapete da sala. Tão logo nos viu, ela levantou-se e veio correndo, eufórica, pulando em cima de nós. Carina pegou o gato das mãos da minha filha e se afastou um pouco, apenas olhando e sorrindo com a cena de reencontro. Olívia chorou muito e eu, confesso, também deixei escapar algumas lágrimas.

Nossa família, enfim, voltava a ficar completa.

Capítulo treze – Tudo o que eu tenho para dar

**“I don't care if he buys you nice things (*Eu não ligo se ele te compra coisas bonitas*)
Does his gifts come from the heart? (*Os presentes dele vêm do coração?*)
I don't know, but if you were my girl (*Eu não sei, mas se você fosse minha garota*)
I'd make it so we'd never be apart (*Eu faria com que nunca estivéssemos separados*)**

**But my love is all I have to give (*Mas meu amor é tudo que tenho pra dar*)
Without you I don't think I can live (*Sem você acho que não posso viver*)
I wish I could give the world to you (*Eu queria poder te dar o mundo*)
But love is all I have to give” (*Mas amor é tudo que eu tenho pra dar*)**

All I have to give – Backstreet Boys

Carina

Quando o sábado chegou, conforme o combinado, fui de carro até a casa de Maurício. Toquei o interfone e, instantes depois, a forma como fui recebida me fez segurar o ar por alguns instantes. Não era nada que pudesse ser considerado imoral, mas, ainda assim, não consegui deixar de achar a imagem altamente sexy. Maurício usava uma camiseta branca, com os braços bem torneados à mostra, e calça jeans, com os pés descalços sobre a grama úmida do quintal. Os cabelos castanhos estavam molhados, insinuando que ele tinha acabado de sair do banho. Só faltava tirar aquela camisa e exhibir novamente aquele tanquinho tentador para a imagem ser sinônimo da mais completa perfeição.

— Bom dia! — ele me cumprimentou, abrindo aquele sorriso maravilhoso.

Tomei fôlego para responder, mas não tive tempo para isso, já que fui nesse momento atacada por uma bola de pelos marrons, que saltou em cima de mim, vindo lambe o meu rosto.

— Panqueca! — vibrei, abraçando-a. — Que saudades de você, garota!

— E ela também estava de você, ao que tudo indica. — Maurício ainda sorria.

— Como ela está? Voltou a se alimentar direitinho?

— Sim, o apetite está tão bom quanto costumava ser. Ela só está com umas manias diferentes. Do tipo: ela sempre ficava com a gente no sofá, agora só quer deitar no chão.

— Ah... — Disfarcei o fato de ter sido eu a ensinar esse novo comportamento a ela.

— E o pé? Melhorou?

— Fui ao médico só por garantia. Mas, como eu já tinha dito, foi mesmo só uma torção. Não teve nenhuma lesão. Ganhei dois dias de licença no trabalho e fiquei em casa de repouso. Ainda está um pouco dolorido, mas nada incapacitante.

— Não vou mais precisar te carregar, então?

— Se você quiser, não vou me opor. — Quando dei por mim, as palavras já tinham saído de forma provocativa. Ele sorriu de volta, o que ocasionou um clima meio quente ali entre nós.

Por mais que eu soubesse que não haveria nada que nos impedisse de ter algo um com o outro, alguma coisa dentro de mim me alertava para me manter a distância. Eu não queria relacionamentos sérios, nem ele... e isso deveria significar a reciprocidade perfeita. Porém, por qualquer motivo, algo me alertava que não seria algo simples assim. Que eu poderia acabar querendo e sentindo algo mais forte, que minha necessidade talvez não fosse suprida com um encontro e uma noite de sexo casual. E eu não estava disposta a me machucar.

— Por que não entra um pouco? — ele me convidou.

Aquele homem lindo me chamando para entrar em sua casa era algo completamente tentador, mas tive que negar.

— Só vim mesmo buscar a Olívia. Ela já está pronta?

Ele voltou o rosto para dentro de casa, chamando pela filha. Nos poucos minutos levados até que ela viesse, continuei a brincar com Panqueca e a conversar de forma descompromissada com Maurício, ao mesmo tempo em que tentava desfocar o que a imagem sexy que aquele homem lindo, descalço e de cabelos molhados provocava em mim.

Quando Olívia chegou, me despedi de Panqueca e Maurício e entramos no carro, seguindo em direção ao centro.

— Na volta vamos passar lá em casa para você ver o Howie — eu comentei, quase que em uma forma de puxar assunto.

Eu não sabia ao certo como Olívia se sentia com relação a mim. Não era como se ela me odiasse ou não fosse com a minha cara, mas ela estava sempre bem calada e eu percebia que me olhava sempre de forma atenta e curiosa.

— Por que Howie D.?

Quando ela enfim dizia algo, era para repetir a mesma pergunta feita pelo pai dela dias antes? A falta de cultura musical era coisa de família?

— É um dos Backstreet Boys — contei como se fosse óbvio. Deveria ser, não?

— Quem são esses?

Pensei na heresia do questionamento, mas dei um desconto, já que a menina tinha apenas treze anos.

— É uma boy band. Na verdade, é *a* boy band de maior sucesso de todos os tempos. Sou alucinada por eles desde que era mais nova que você.

— Nossa, isso tem tempo. Deve ser mesmo um amor muito grande.

Fingi não perceber que aquela coisinha estava me chamando de velha e apenas continuei:

— É um amor realmente forte demais, que sobrevive ao tempo.

— Mas o que eles têm de tão especial? São bonitos?

— Não se trata disso. Ou não *apenas* disso. Eles são, sim, na verdade. E parece que o tempo apenas os favorece cada vez mais. Mas a questão é que as músicas deles tocam fundo na minha alma.

— Falam sobre o quê?

— Em geral, sobre o amor. De uma forma ao mesmo tempo muito simples e profunda, entende?

— Não sei se realmente entendo.

— Tá, vou te dar um exemplo de simples e profundo ao mesmo tempo. O refrão de *As long as you love me*: “Eu não me importo com quem você é, de onde você veio ou com o que você fez, contanto que você me ame”. Se algum cara recita algo assim pra mim, meu Deus, acho que caso na mesma hora!

Ela franziu a testa.

— Eu não achei profundo. Achei bem brega, pra falar a verdade.

Mas qual era o problema daquela menina?

— Não tem nada de brega em Backstreet boys! Espera, vou te mostrar. Você precisa ouvir para entender. Não é só a letra. É a melodia, as vozes perfeitas, a emoção que a música passa.

Comecei a passar as faixas gravadas no pendrive espetado no aparelho de som do carro, até chegar à que eu queria que ela ouvisse. Aumentei bem o volume, cantando junto.

“Although loneliness has always been a friend of mine

(Embora a solidão sempre tenha sido minha amiga)

I'm leaving my life in your hands

(Estou deixando minha vida em suas mãos)

People say I'm crazy and that I am blind

(As pessoas dizem que eu sou louco e cego)

Risking it all in a glance

(Arriscando tudo num piscar de olhos)

And how you got me blind is still a Mystery
(E como você me cegou ainda é um mistério)

I can't get you out of my head
(Eu não consigo te tirar da cabeça)

Don't care what is written in your history
(Não importa o que está escrito na sua história)

As long as you're here with me
(Desde que você esteja aqui comigo)

I don't care who you are
(Eu não me importo com quem você é)

Where you're from
(De onde você veio)

What you did
(O que você fez)

As long as you love me
(Contanto que você me ame)

Who you are
(Quem é você)

Where you're from
(De onde você veio)

Don't care what you did
(Não importa o que você fez)

As long as you love me
(Contanto que você me ame)

Every little thing that you have said and done
(Cada pequena coisa que você tenha dito e feito)

Feels like it's deep within me

(Parece ter ficado dentro de mim)

Doesn't really matter if you're on the run

(Não importa se você está só de passagem)

It seems like we're meant to be

(Parece que isso era pra acontecer)

I don't care who you are

(Eu não me importo com quem você é)

Where you're from

(De onde você veio)

What you did

(O que você fez)

As long as you love me

(Contanto que você me ame)

Who you are

(Quem você é)

Where you're from

(De onde você veio)

Don't care what you did

(Não importa o que você fez)

As long as you love me

(Contanto que você me ame)

I've tried to hide it so that no one knows

(Tentei esconder para que ninguém soubesse)

But I guess it shows

(Mas eu acho que dá pra perceber)

When you look into my eyes

(Quando você olha dentro dos meus olhos)

What you did and where you're coming from

(O que você fez e de onde você está vindo)

I don't care

(Eu não me importo)

As long as you love me, baby

(Contanto que você me ame, querida)

I don't care who you are

(Eu não me importo quem você é)

Where you're from

(De onde você veio)

What you did

(O que você fez)

As long as you love me

(Contanto que você me ame)

Who you are

(Quem você é)

Where you're from

(De onde você veio)

Don't care what you did

(O que você fez)
As long as you love me
(Contanto que você me ame)

Logo que a música chegou ao fim, eu olhei para Olívia, que mantinha os olhos distraídos no aparelho de som.

— E aí? — perguntei. — O que achou?

— É... não é ruim. As vozes são bonitas. Dá para entender por que fizeram sucesso há muito tempo.

Ignorei o ‘há muito tempo’. Conversar com adolescentes me dava a sensação de ser muito mais velha do que eu de fato era.

Como já estávamos chegando ao nosso destino, não daria tempo para ouvir mais uma música completa. Por isso, tirei o pendrive do aparelho e o entreguei à menina.

— Escute quando estiver em casa, e depois você me conta o que achou.

Ela concordou e guardou o pendrive na bolsa. Deixei o carro em um estacionamento bem próximo à loja e fomos a pé até lá. Lúcia nos recebeu com empolgação.

— Que honra receber a estrela do jogo dessa semana!

— Como te contei pelo telefone, Lu, a Olívia vai fazer aniversário na semana que vem, e precisa de um vestido para a festa dela.

— Chegaram na hora certa! Acabamos de receber novos modelos, um mais lindo que o outro.

Animada, minha amiga puxou Olívia pela mão, levando-a até uma vendedora que deu atenção exclusiva a ela. Depois voltou para perto de mim e fez mais um interrogatório completo, como já havia feito no dia anterior pelo telefone.

— Já disse, Lu, estou ajudando a menina apenas como uma forma de agradecer por terem cuidado do Howie. E para me desculpar pela forma como tratei o pai dela.

— Sei. Realmente, nenhum interesse no doutor bonito?

— Nenhunzinho.

— Nada? Nada mesmo?

— Talvez ‘nada’ seja um termo muito forte. Mas é claro que não estou usando a filha para me aproximar dele.

— Se ‘nada’ é um termo forte... Então há algum interesse.

Olhei para Olívia, confirmando que ela estava distante o suficiente para não ouvir o que eu sussurrei a seguir:

— Hoje eu senti que rolou mais um clima entre nós dois.

— Ai, meu Deus! Naquele dia, na casa dele, já teve aquele quase beijo, e agora mais um clima? Amiga, tá esperando o quê? Chama logo esse cara pra sair.

— Não é fácil assim.

— Por que não?

— Ele quer distância de relacionamentos sérios e, você sabe, eu também.

— Estou te mandando se casar com ele, por acaso? Estou falando apenas de uma foda bem dada. — Eu adorava a forma grossa e prática de Lúcia falar as coisas. Ao menos, até aquele momento. — Ei, espera aí... a não ser que você esteja interessada em mais do que apenas uma foda bem dada. Meu Deus, você gosta dele!

— Lu, pelo amor de Deus... não viaja!

Virei o rosto para o outro lado, e Lúcia, insistente, seguiu-o, olhando-o atentamente, como se tentasse ler a minha alma. E eu não duvidava que aquela danada fosse capaz de conseguir.

— Caramba, Cá... eu te conheço. Você está se apaixonando. E não quer se apaixonar.

Abri a boca para dizer algo, mas não saiu nem um som. Minha cabeça parecia dar voltas, sem chegar a conclusão alguma de como eu responderia àquilo.

Por um momento, veio forte o medo de que minha amiga estivesse com toda a razão.

— Vou ajudar a Olívia — anunciei o pretexto ideal para eu me afastar e encerrar aquele assunto.

Fui até a adolescente e a ajudei a escolher vários vestidos, além de alguns sapatos. Ela experimentou todos eles, um a um, mas pareceu ter deixado o mais perfeito para o final. Quando abriu o provador, usava um lindo modelo turquesa de mangas compridas com detalhes rendados, bem rodado da cintura para baixo, indo até pouco acima dos joelhos, em conjunto com um sapato preto de salto médio. Estava parecendo uma boneca.

— Você está linda! — comentei, com uma animação maior do que com relação aos outros modelos.

— Também gostei dele — ela confessou, olhando-se no espelho.

Eu estava sentada em um banco próximo aos provadores, mas me levantei, indo até ela para ajudá-la a ajeitar o vestido, que estava um pouco torto no corpo. Logo ficou perfeito e eu sorri, olhando para o reflexo dela no espelho.

Maurício ia ficar muito bobo quando visse aquilo. Se eu, que pouco conhecia aquela menina, já estava encantada.

— E aí? — perguntei.

— Acho que vou levá-lo. Está bonito, não está?

— Como eu disse, está linda! Vai arrasar! — Olhei-a com mais atenção, constatando algo que já suspeitava. — Mas você não parece muito animada com isso.

Ela suspirou, indo se sentar no banco para desafivelar os sapatos.

— Eu não queria uma festa, na verdade. Eu preferia que meu pai, a Pan e eu fôssemos para a casa de campo do meu avô, junto com ele, e passássemos uma semana lá, em família.

— Por que não disse isso ao seu pai?

— Não sei. Acho que tenho medo de que ele fique chateado. Todos os anos ele faz questão de que eu tenha uma festa. Quando eu era pequena, até

gostava, mas depois foi perdendo a graça.

— Talvez ele se empolgue tanto todos os anos porque acredita que isso seja importante pra você. Já que não é, deveria falar com ele. — Sentei-me ao lado dela. — Eu não sou mãe, mas... Imagino que não deva ser fácil criar um filho sozinho.

— Acho que ele poderia relaxar um pouco. Tem se saído muito bem até agora.

— Se quer que ele relaxe, precisa dizer isso a ele.

— Acontece que meu pai sempre foi um cara mais social, sabe? Ele gosta de festas, de sair com os amigos... Sei que não faz isso tanto quanto gostaria por minha causa. Mas eu sou muito diferente dele nisso. Eu prefiro manter contato por redes sociais, ficar em casa vendo Netflix ou lendo um livro. Sou uma adolescente meio esquisita.

— Não vejo nada de esquisito nisso. Na sua idade, eu também gostava disso tudo. E gosto até hoje.

— Não existia Netflix naquela época.

Estávamos indo tão bem até aquele comentário...

— Não, mas a gente dava um jeito. Olha, as pessoas não precisam ser iguais para se darem bem, para se amarem. Vê eu e a Lúcia? Somos amigas há quinze anos, apesar de sermos tão diferentes. Já os meus últimos namorados, super achei que tivessem muito em comum comigo, e no final quebrei a cara. Sentimentos são mais importantes que afinidades. Seu pai te ama e só quer que você seja feliz, mas pra isso precisa ser sincera com ele.

— Mas a festa já está toda no esquema. Ele já pagou tudo. Salão, bufê, decoração, DJ, banda... Já me fez passar por toda a parte mais chata de escolher as músicas, as cores da decoração, o salão, fazer prova das comidas... Tá, essa última parte eu até gosto. — Ela riu levemente.

— Bem, então... Aproveite essa sua festa como der. E, quando acabar, diga a ele que prefere algo mais tranquilo para o ano que vem. Será divertido, seus amigos estarão lá. Inclusive, imagino, aquele que ficou trocando acenos com você durante o jogo.

Percebi que o rosto dela ficou vermelho, meio que comprovando as minhas suspeitas.

— Ele é só meu amigo.

— Duvido que ele resista quando vir você nesse vestido lindo, e ainda de salto alto.

— É que... — Ela fez uma careta. — Eu realmente achei o vestido lindo e quero muito usá-lo, mas...

— Tá... entendi. Podemos ver o calçado em outra loja, já que nada te agradou aqui.

— Acho que nada que combine com a roupa vai me agradar.

— E quem disse que precisa combinar? Sentimentos valem mais que semelhanças, lembra?

Ela me olhou e sorriu. Sorri de volta e dei um leve tapinha no joelho dela.

— Anda, se já escolheu o vestido, vá trocar de roupas para irmos ver o calçado em outro lugar. Depois vamos lá pra casa para você ver o Howie, ele está com saudades. Aproveito para te mostrar alguns shows dos Backstreet Boys. Te desafio a não se apaixonar também.

— Eles são uns velhos!

— Anda, vai logo trocar de roupa! — dei outro tapa no joelho dela, fingindo-me de irritada.

Porém, logo depois acabei rindo. E ela me acompanhou e se levantou, caminhando até a entrada do trocador. Então parou e se voltou para mim.

— Ei, Carina...

— Sim?

— Você vai, não vai? Na minha festa.

— Isso é um convite?

— É. Se eu pudesse, te dava uma intimação, mas já que não posso...

— Vamos ver.

— Alguns dias antes, tem a final do campeonato regional. Também queria muito que você fosse. Você vai?

Como resistir à carinha de súplica que ela fez naquele momento?

— Claro que vou. Não perderia por nada.

Ela sorriu e eu sorri de volta.

Capítulo catorze – Incompleto

**“I've tried (*Tentei*)
to go on like I never knew you (*continuar como se nunca tivesse te conhecido*)
I'm awake (*Estou acordado*)
but my world is half asleep (*mas meu mundo está meio adormecido*)
I pray for this heart to be unbroken (*Eu rezo para que meu coração seja inquebrável*)
But without you all I'm going to be (*Mas sem você tudo que eu serei*)
is incomplete (*é incompleto*)**

**Voices tell me I should carry on (*Vozes me dizem que eu devo seguir em frente*)
But I am swimming in an ocean all alone (*Mas estou nadando num oceano totalmente só*)
Baby, my baby, it's written on your face (*Amor, meu amor, está escrito em seu rosto*)
You still wonder if we made (*Você ainda pergunta se cometemos*)
a big mistake (*um grande erro*)”**

Incomplete – Backstreet Boys

Maurício

De pé próximo à escada, eu ainda estava me despedindo da pessoa com quem falava ao celular quando vi Panqueca correndo até a porta, o que me anunciou que Olívia tinha acabado de chegar. Segui os olhos na mesma direção e avistei minha filha entrando, trazendo duas sacolas de compras em mãos. Acelerei as despedidas e desliguei o celular. Tomei fôlego para dizer alguma coisa, mas Olívia se adiantou, enquanto largava as sacolas no sofá para, com as mãos livres, brincar com Panqueca, que ainda pulava sobre ela, eufórica.

— Com quem estava falando?

Estranhei a pergunta, mas respondi de imediato:

— Ah, uma amiga.

— Amiga?

— É. Saímos juntos outro dia. — Não precisava ser tão direto e contar que tinha conhecido a moça em uma balada e ido pra cama com ela. Nada mais do que isso. — A Carina te trouxe? Não a convidou para entrar?

— Claro que convidei. Mas ela não quis.

Não saberia dizer o porquê, mas senti-me um pouco frustrado com aquela resposta. Pensar na ideia de não saber quando veria Carina novamente era um tanto quanto incômodo.

— Mas vamos ao que importa — falei, forçando-me a parar de pensar naquilo. — Onde está o vestido?

— Você vai ver no dia da festa. — pensei em protestar, mas vi no rosto dela que ela estava feliz e realmente queria fazer surpresa com a roupa. Sinal de que havia gostado. E isso bastava para mim.

— Se é assim, vou tentar controlar minha curiosidade.

Ela ficou em silêncio por um breve instante, parecendo pensar sobre o que diria a seguir:

— Pai, eu convidei a Carina para a minha festa.

Tentei disfarçar, embora não pudesse negar a mim mesmo a alegria que senti ao ouvir aquilo.

— Ah... A Carina? Legal.

— Acha que fiz bem em chamá-la?

— Claro! Digo... é a sua festa. Pode convidar quem você quiser.

— Mas com isso eu vou precisar de um favor seu. Preciso que você leve o convite a ela. Vai precisar dele para entrar no salão.

— Podemos entregar a ela no dia do jogo. Ela disse que ia, não?

— Pai! O jogo é três dias antes da festa!

— E daí? Ela já não está convidada? O convite em papel é só uma formalidade.

— Mas seria muito deselegante entregar o convite formal tão em cima da hora. Vai parecer que estou convidando apenas por educação e não porque realmente quero que ela vá.

— Quem disse isso?

— Todo mundo sabe disso. Vai, pai, o que custa? É só você passar na casa dela durante a semana.

Eu poderia continuar jogando argumentos para mostrar a ela que aquilo era desnecessário – como de fato era. Mas eu realmente queria aquela desculpa para voltar a ver a Carina. Por isso, concordei:

— Tá, Olívia. Eu passo. Já que isso é tão importante assim.

— Valeu, pai.

— E aí, quer aproveitar o restante do sábado assistindo a uns filmes? Eu, você e a Panqueca, para comemorarmos o retorno dela?

Ela se animou. Era o tipo de programa em família que ela gostava, afinal.

— Quero! Vou só tomar um banho e já desço. Eu escolho o filme!

— Se é assim, eu escolho o sabor da pizza.

— Tá. Fechado!

Ela levantou-se, apanhou as sacolas e subiu para o quarto.

Ficando sozinho (com Panqueca, na verdade. Mas ela não iria me dedurar), acabei agindo por impulso e voltei a pegar o celular, discando para o número da Carina. Tinha, enfim, encontrado o pretexto ideal para ligar para ela.

— Já está em casa? — Foi a primeira coisa que disse logo que ela atendeu. Não queria soar um perseguidor ou coisa parecida, mas fiquei preocupado com ela ainda estar dirigindo.

Obviamente que eu deveria ter pensado nisso antes de ligar, mas agi por impulso.

— Acabei de chegar. Algum problema com a Olívia?

— Não. Na verdade, estou ligando para agradecer. Ela voltou bem animada. Acho que sua ajuda na escolha da roupa foi fundamental.

— Não leve para o lado pessoal. Mas, para algumas coisas, uma opinião feminina vale bem mais do que a de um velho pai.

— Devo te lembrar que você é apenas um ano mais nova que eu?

— Bem, sua filha me chamou de velha algumas vezes hoje também, então, estamos no mesmo barco. E olha que eu nem tenho filhos. Não achei que tão cedo fosse ser chamada assim.

— Bem vinda ao meu mundo. Mas, de certa forma, o assunto da minha ligação tem a ver com a Olívia. Ela me disse que te convidou para o aniversário dela.

— É, ela convidou. Sua filha é um amorzinho. Sei que foi uma atitude educada dela, e agradeço muito.

— Esse tom de voz significa que você não pretende ir?

— É uma festa feita para amigos e familiares.

— E acho que ela já te considera como uma amiga.

— Imagina, eu acabei de entrar na vida de vocês.

— E ela não te convidaria se não te achasse importante na vida dela. Tanto acha, que me fez prometer que vou te levar o convite.

Ela riu e isso ocasionou uma reação um tanto inadequada em meu corpo. A risada, a voz, o mero som da respiração dela mexiam um comigo

Mas lutei contra isso. Não era o momento, tampouco o assunto adequado a isso.

Ela, então, respondeu:

— Se é importante para ela, posso pegar o convite no dia do próximo jogo.

— Eu disse isso a ela, mas ela bateu o pé dizendo que preciso entregar antes. Porque se entregar em cima da hora, você pode achar que estamos subestimando a importância da sua presença.

— Oh, meu Deus... Quanto drama adolescente! É claro que não pensarei algo assim.

— Então me deixe levar o convite para você.

— Só não quero te dar trabalho.

— Trabalho algum. Passo aí durante a semana, depois do trabalho, e te ligo pra você descer e pegar o convite comigo, pode ser?

— Certo, você venceu. — Ouvi o som de algo parecido com um toque de telefone ao fundo. — Pode esperar só um instante? Será rápido.

— Posso te ligar outra hora.

— Não, espera só um pouco. É rápido, eu juro.

Sem aguardar por resposta ela abandonou a linha e pude ouvir, embora distante, a voz dela atendendo ao outro telefone. Levou apenas pouco mais de um minuto até que ela retornasse.

— Pronto. Não era nada importante, era apenas a minha mãe.

— Nossa! Sua mãe não deveria ser alguém importante?

— Não era nada demais. Ela ligou apenas para tagarelar mais coisas a respeito do casamento da minha prima.

— Não se dá bem com sua prima, então?

— Nem com casamentos. — Ela riu e eu a acompanhei, embora ainda um tanto confuso. — Digamos que eu não seja muito ligada à minha família. São pessoas que se preocupam demais com aparências e status, e de menos com coisas que realmente importam.

— Ah... Tinha esquecido que você comentou sobre a tara da sua mãe com casamentos.

— Não com qualquer casamento. Meu último namorado era o príncipe dos olhos dela: um filhinho de papai boa vida.

— Em resumo, não basta você se casar, ainda precisa ser com um cara rico?

— Basicamente. Meu pai não era um cara exatamente rico, então acho que ela meio que ficou traumatizada com os tempos difíceis. No segundo casamento ela acertou, aparentemente.

— Confesso que a imagem que fiz da sua mãe, naquela nossa outra conversa, era a de alguém mais romântica.

— Que nada. A boba romântica da minha família costumava ser eu.

— Não costuma mais?

— Não. Meio que desencantei. Mas, me conta, o que achou do look da Olívia?

Percebi que a mudança súbita de assunto tinha sido proposital, mas decidi não comentar nada a respeito e apenas respondi:

— Eu saberia, se ela tivesse me mostrado. Disse que é surpresa

— Tenho certeza de que você vai adorar, ela ficou linda! Todos vão adorar! Inclusive o bonitinho que estava lá no campo acenando pra ela.

— Como é? O João Gabriel? Ela te contou algo a respeito?

— Ela disse que era só um amigo, mas... Qual é, Maurício? Eu percebi o clima durante o tempo de uma partida de futebol.

— Se ela te disse que é só um amigo, então é realmente só isso. São duas crianças!

— Sua filha está crescendo, Maurício. Precisa aceitar isso.

— Ela está crescendo, mas ainda é muito nova para essas coisas. Tem que focar nos estudos e no esporte, e não nos garotos.

— Vai dizer que você, aos treze, não estava focado nas garotas?

— Isso não tem nada a ver comigo.

— Ah, pelo amor de Deus, vai dizer que você é do tipo de pai ciumento? Ninguém merece, né?

— Eu prefiro o termo *protetor*, e... Arg... Quer saber, Carina? Eu não quero discutir com você!

— Oras, e por que não? Essa é a coisa que fazemos melhor.

Se até então eu estava irritado com o rumo que a conversa estava tomando, nesse momento eu não resisti e acabei rindo. Nós realmente discutíamos demais por coisas banais, era o que melhor fazíamos juntos. Embora eu não pudesse deixar de pensar no quanto gostaria que fizéssemos outro tipo de coisa juntos.

E esse, claro, foi outro comentário que decidi guardar para mim.

Ainda conversamos por mais alguns minutos, enquanto eu esperava que Olívia voltasse do banho. E tivemos mais umas duas ou três minidiscussões durante este período.

Não poderia negar que até isso nela já me agradava.

Capítulo quinze – Hot, hot, hot

“Cause, baby, you're so (*Porque, querida, você é tão*)

Hot, hot, hot (*Quente, quente, quente*)

Baby, you're so (*Querida, você é tão*)

Hot, hot, hot (*Quente, quente, quente*)

You're the finest thing (*Você é a melhor coisa*)

I know it's gonna hurt me (*Eu sei que isso vai me machucar*)

The heat from your love (*O calor do seu amor*)

But I'd rather burn from you (*Mas eu prefiro me queimar em você*)

Than die all alone at home (*Do que morrer sozinho em casa*)

Hot, hot, hot – Backstreet Boys

Maurício

Dois dias depois, saí do consultório e tomei o caminho do apartamento de Carina. Tinha saído mais cedo, ainda em torno de quatro da tarde, mas ela tinha me contado que neste dia trabalharia em home office. Mandei uma mensagem dizendo que estava a caminho, pedindo para que me aguardasse em frente ao prédio, já que minha intenção era apenas entregar o convite a ela e ir embora. Claro, aproveitando para revê-la.

Aliás, este era mais um dia que Olívia iria dormir na casa do avô e alguns amigos me chamaram para sair. Provavelmente, eu emendaria a noite na casa da Alice, uma ficante eventual que também iria. Eu já estava há algumas semanas sem sexo, e a expectativa da noite deveria estar me animando. Contudo, por qualquer razão ilógica, estava muito mais ansioso

para ver a Carina. Mesmo que fosse por apenas alguns minutos, através da janela de um carro enquanto entregava um pedaço de papel a ela.

Contudo, não foi o que aconteceu. Logo que encostei o carro, quem saiu do prédio e veio até mim foi o porteiro, que bateu no vidro da minha janela. Abri, cumprimentando-o com um boa tarde.

— Boa tarde, o senhor é o Sr. Maurício?

— Sim, sou eu.

— Dona Carina interfonou pedindo para que eu o deixasse subir quando chegasse.

Estranhei, já que aquele não era o combinado. Ajeitei o carro em uma vaga na rua e saí, levando o convite. Subi pelo elevador até o apartamento dela. Toquei a campainha e fui atendido poucos segundos depois, por uma mulher visivelmente desesperada.

— Que bom que você chegou! — Ela me puxou para dentro com as mãos que percebi estarem trêmulas. Aquilo me deixou preocupado.

— O que está acontecendo?

— Está lá na cozinha. Por favor, por favor, tire aquela coisa daqui, não deixe que chegue perto de mim.

Ela foi para trás de mim, visivelmente assustada. Os olhos dela lacrimejavam e senti que suas mãos, além de trêmulas, estavam frias. Agindo por impulso, fui até a cozinha, mas, ao chegar lá, não encontrei ninguém.

Ou quase ninguém. Mas eu esperava realmente que toda aquela cena não fosse pela pequena criatura que avistei.

— A ‘coisa’ que você quer que eu tire daqui por acaso não é uma barata, é?

Ainda chorando e encolhida junto à porta da sala, ela sacudiu a cabeça em concordância.

Bufei antes de adentrar a cozinha, indo até a ‘coisa’ e esmagando-a com o sapato.

— Pronto, o monstro já está derrotado — anunciei.

Como imaginei que ela não teria coragem sequer para tirar o cadáver de lá, aproveitei para realizar esse trabalho sujo também, apanhando-a com uma folha de papel toalha e jogando-a na lixeira. Voltei para sala e encontrei Carina ainda assustada.

— Você tirou ela de lá? Tirou mesmo?

— Sério, Carina? Você me assustou. Achei que fosse encontrar, no mínimo, um maníaco na sua cozinha. Uma barata? Sério mesmo?

— Ela era enorme! — ela justificou o injustificável.

— Você não tem um gato? Para que ele serve? Onde ele está, aliás?

— Eu o fechei dentro do quarto, para protegê-lo. Acha que eu deixaria o meu bebê enfrentar aquele monstro?

— Eu não acredito em uma coisa dessas... está criando esse gato para ser um completo covarde.

— Não fale assim do meu Howie D.!

— Mas o que esperar de uma criaturinha com um nome tão ridículo?

Ela apontou o dedo pra mim, irritada.

— Não ouse falar mal do meu gato ou dos Backstreet Boys na minha casa.

Eu até queria manter a pose de bravo – porque, por Deus, eu estava furioso pelo susto que ela me deu! Contudo, todo o exagero nas ações e frases dela acabou fazendo com que eu soltasse uma risada, o que a irritou ainda mais:

— O que eu disse de tão engraçado?

— Nada, estressadinha. — Na verdade, tinha sido *tudo!* — Trate de relaxar, você está a salvo do perigoso monstro da cozinha.

Ela respirou profundamente, parecendo enfim relaxar um pouco, embora mantivesse uma expressão de zangada, que a deixava ainda mais linda.

— Não me chame assim. Mas, de qualquer maneira... obrigada por se livrar daquele bicho asqueroso.

— Não imaginei que tivesse medo de baratas.

— Acho que é o único bicho que me dá medo. Pavor, na verdade. Já estava descendo para te esperar quando ela apareceu e entrei em pânico. Interfonei para o Sr. Luiz te deixar subir e fiquei aqui na sala vigiando para que ela não tentasse fugir e acabasse sumindo pela casa. Foi horrível!

Ainda era engraçado, mas, mesmo assim, a expressão de assustada no rosto dela me fez querer abraçá-la e garantir que tudo ficaria bem. Obviamente, me controlei e, ao invés disso, estendi o envelope turquesa em sua direção.

— Bem, conforme o prometido, vim trazer o convite.

Ela o apanhou e abriu o envelope, sorrindo enquanto lia o convite. Olhou para os dois menores, individuais, e eu então comentei:

— Pode levar um acompanhante, caso queira.

— Caso eu vá, acredito que seja sozinha.

Aquela ‘caso eu vá’ me agoniava. Queria muito que ela fosse, embora tentasse me convencer que tal vontade era apenas porque sabia que aquilo era importante para a minha filha.

— Já que fiz essa cena, me deixa te oferecer algo para beber.

— Não precisa, Carina. Vim realmente apenas te trazer o convite.

— Anda, senta aí. Vou pegar algo pra gente.

Vencido, acabei me sentando no sofá de dois lugares, enquanto ela seguia para a cozinha. Tirei o celular do bolso de trás da calça e o coloquei no braço do sofá, para ficar de olho caso chegasse alguma mensagem do pessoal com quem eu iria me encontrar mais tarde. O local do encontro ainda não tinha sido decidido e eu estava no aguardo da decisão.

— Tenho vinho, aceita? Ou está muito cedo? — ela perguntou, da cozinha.

— Vou sair para beber mais tarde, então por ora acho que prefiro algo sem álcool.

— Tenho coca, pode ser?

Sorri ao me lembrar do banho que ganhei do referido refrigerante alguns dias antes.

— Acho que vou aceitar apenas uma água mesmo.

— Tem certeza?

— Tenho. Uma água está ótimo.

Após alguns minutos, ela retornou, trazendo dois copos em mãos – um com água e outro com refrigerante. Só então, agora sem a tensão que encontrei logo que cheguei ali, pude reparar melhor nela. Usava um casaco de moletom preto e um short curto, deixando as pernas à mostra. Nos pés, usava apenas um par de meias e os cabelos compridos estavam soltos, caindo pelos ombros. Era o mais completo retrato da perfeição.

— Aqui está. — Ela me entregou o copo com água enquanto se sentava na mesa de centro de frente para mim. Ergueu seu próprio copo, propondo um brinde. — Então, o seríssimo Doutor Maurício vai sair para beber em plena segunda-feira?

Bati levemente meu copo contra o dela e bebi um gole da água, antes de responder:

— Preciso aproveitar os dias que Olívia está no avô.

— Justo. É até melhor, então, que não beba, já que vai dirigir.

— Apenas daqui até em casa. Hoje estarei de carona. Uma amiga vai me buscar.

Ela balançou a cabeça e tomou um gole longo de sua bebida.

Carina

Uma amiga... Fazia ideia de que tipo de amizade seria.

Claro, talvez fosse realmente apenas uma amiga. Eu mesma, tinha marcado nesse mesmo dia com o Douglas – que em algumas horas deveria estar chegando – para uma noite de filmes.

— É bonito o seu apartamento — ele comentou, olhando ao redor.

Achei que fosse gentileza da parte dele. Eu tinha muito zelo com a decoração e tudo mais, mas... Aquilo não era nada comparado ao casarão onde ele morava.

— Não é grande coisa. É pequeno, mas é o que dá pra pagar.

— É aconchegante e intimista.

Tá aí duas palavras que descreviam bem o que eu buscava para o meu ambiente.

— Acho que quando se vive sozinha, espaços menores dão uma sensação maior de proteção.

— Eu não me adapto muito bem a apartamentos. Quando me separei da Ana, fui morar em um, perto da faculdade.

— Era pequeno como esse?

— O quê? Quem dera! Era muito menor!

— Sério? Achei que sempre tivesse morado naquela casa.

— Tá brincando? Eu tinha dezenove anos, trabalhava como entregador e fazia todos os bicos possíveis pra conseguir me manter na faculdade de Odontologia e ainda sustentar uma filha. Só consegui comprar aquela casa pouco antes de adotarmos a Panqueca, depois de conseguir liquidar o monte de dívidas que fiz até aquele momento.

— Imagino o quanto tenha sido complicado.

— É, mas valeu a pena. Não me arrependo de nada. Tá, talvez só daquele apartamento. Antes eu tivesse visto um aqui no seu prédio.

— Vai, não devia ser tão ruim assim.

— Vou te provar, espera aí! — Ele apanhou o celular, começando a mexer na tela, até que o entregou a mim. — Ainda tenho as fotos de lá. São várias, pode passar. Quando chegar à da cozinha, repara só no tamanho das manchas de infiltração na parede.

Rindo, comecei a passar as fotografias, enquanto ele me contava histórias sobre aquele lugar. Falava de forma descontraída, o que me fazia rir. Em um desses momentos, fui pega desprevenida enquanto tomava um gole do meu refrigerante e acabei engasgando com o riso. No instinto de

retomar o ar, balancei a mão que segurava o copo e um pouco da bebida voou sobre a camisa de Maurício.

— Mas qual é a sua tara por me molhar com Coca-Cola? — ele questionou, rindo.

Deixei o copo sobre a mesa onde estava sentada e o celular no sofá, levantando-me em um impulso idiota de tentar reparar o estrago.

— Ai, meu Deus, me desculpa.

— Relaxa, a culpa foi minha — ele respondeu ainda rindo.

Eu o acompanhei nas risadas, enquanto inutilmente passava a mão sobre o tecido molhado para tentar secá-lo. Até que, em um estalo, eu enfim me dei conta do que estava fazendo e parei de forma súbita, ainda com a mão sobre a camisa. Senti meus dedos roçarem sobre os músculos do peitoral sob o tecido, o que pareceu disparar uma corrente elétrica pelo meu corpo.

Levantei a cabeça devagar, encontrando o rosto dele. Ele também não mais sorria e me encarou nos olhos de forma profunda, como se tomado de desejo.

Sim, ele sentia o mesmo que eu. Não havia mais dúvidas disso.

Sem hesitar, avançamos um contra o outro, deixando nossas bocas se tomarem em um beijo carregado de aflição e luxúria. Nossas línguas se exploravam com a mesma avidez que nossas mãos começaram a percorrer os corpos um do outro. Sentei-me sobre as pernas dele, sentindo o volume duro por baixo de sua calça contra o meu ventre. As mãos em minha cintura, por baixo do casaco, foram subindo devagar, como se pedissem permissão, até chegarem aos meus seios, por cima do sutiã. Liberei os lábios dele por um momento para deixar escapar um gemido sufocado.

Ele iniciou uma sucessão de beijos em meu pescoço e minhas mãos aflitas liberaram o seu tórax para, ousadas, irem até o zíper de sua calça, abrindo-o e tomando seu membro ainda por cima da cueca. Estava enorme, rígido, preparado, e eu só pensava no quanto o queria com urgência dentro de mim. Ele soltou um gemido baixo e rouco, que quase me levou à loucura.

Eu precisava daquele homem dentro de mim.

Ele aumentou a intensidade dos toques e eu me curvei mais sobre ele, deitando a cabeça em seu ombro, sendo invadida por ondulações de prazer. Estava chegando ao auge quando abri os olhos ao sentir algo vibrando próximo ao meu joelho. Avistei o celular dele acender e a tela exibir a mensagem recebida:

Passo na sua casa às seis. Ansiosa para nos reencontrarmos.

Alice era o nome da pessoa que enviara a mensagem. Provavelmente, era a tal ‘amiga’.

Mas qual seria o problema, afinal de contas? Eu também não era uma ‘amiga’, entre aspas? Nada do que fazíamos ali teria tanta importância assim e, no final, eu seria apenas mais uma naquele dia.

Mas eu não queria. Definitivamente, eu não queria ser apenas mais uma.

Afastei-me subitamente, levantando-me e passando as mãos sobre a roupa para ajeitá-la.

— É melhor você ir — informei. E forcei um sorriso, numa tentativa de mostrar que estava tudo bem, embora não estivesse. — É que estou esperando uma pessoa.

— Uma pessoa? — ele repetiu, nitidamente ainda meio atordoado. Não o culpava. Estava fazendo um esforço surreal para manter um mínimo de racionalidade na minha cabeça, enquanto meu corpo gritava para se fundir ao daquele homem.

— É. Um amigo.

Não foi exatamente a minha intenção, mas percebi que aquela palavra também criou um duplo sentido na mente dele. Eu poderia ter contado que era realmente apenas um amigo, e um amigo gay, mas preferi deixar como estava. Ele se levantou, começando a fechar o zíper da calça.

— Ah, claro. Desculpe por isso.

Não era necessariamente de um pedido de desculpas que eu precisava. Aliás, o que eu mais queria era exatamente o contrário: que o que

estávamos prestes a fazer jamais fosse razão para um pedido de desculpas.

— Então, eu te vejo no jogo? — ele perguntou, nitidamente desconcertado, enquanto pegava o celular e o guardava no bolso da calça.

— Claro. Eu te acompanho até a porta.

— Não precisa. — Ele se aproximou, depositando um beijo na minha face. O cheiro dele voltou a invadir minhas narinas e me controlei para não o puxar para mais perto e retomar o que fazíamos antes. — Tchau. Qualquer coisa, me liga.

Sorri novamente e movi a cabeça em uma afirmação. Fiquei ali parada no meio da sala, vendo-o se afastar e sair porta afora.

Capítulo dezesseis – Eu quero assim

You are my fire (*Você é o meu fogo*)

The one desire (*Meu único desejo*)

Believe when I say (*Acredite quando eu digo*)

I want it that way (*Eu quero assim*)

But we are two worlds apart (*Mas somos de dois mundos separados*)

Can't reach to your heart (*Não consigo alcançar seu coração*)

When you say (*Quando você diz*)

That I want it that way (*Que eu quero assim*)

I want it that way – Backstreet Boys

Carina

Por mais surreal que pudesse parecer, ao que tudo indicava, eu agora era amiga de uma menina de treze anos. Olívia e eu estávamos sempre conversando pelo Whatsapp. Ela me mandava sempre um bom dia com uma foto da Panqueca, e eu respondia com uma do Howie. Todos os dias ela me perguntava se eu iria ao aniversário dela, e eu respondia que iria pensar. A verdade é que eu sabia que, apesar de ser um evento para umas cem pessoas, ainda assim era algo um tanto intimista, para parentes e amigos próximos. Eu estava há muito pouco tempo na vida dela e do pai.

Na verdade, na do pai eu não poderia afirmar que realmente estivesse.

A gente também conversava de vez em quando. No início tinha sido meio estranho, por conta do ocorrido no meu apartamento. Mas logo nas

primeiras conversas o clima foi aliviando. Precisei fazer um grande esforço para trabalhar em mim a situação: era ridículo eu sentir qualquer tipo de... incômodo (pensei em usar a palavra 'ciúme', mas alertei-me que talvez fosse um termo um tanto forte) com o fato de Maurício manter seus lances com outras mulheres. Ele era solteiro, afinal. Reforcei em minha mente que tudo o que eu sentia por ele era atração física, e isso poderíamos resolver qualquer dia desses, ou meramente tentar abstrair para o bem da amizade que parecia crescer entre nós.

Para falar a verdade, em nossas conversas por algumas vezes rolaram até comentários um pouco mais provocativos ou ousados. Éramos dois adultos descomprometidos, afinal. Mas nada ia muito além disso. A coisa mais parecida com um convite para um encontro, feito por ele, fora a pergunta sobre se eu iria ao jogo.

Bem... e eu fui, no fim das contas.

Daquela vez, acabei indo sozinha. Lúcia não tinha com quem deixar as crianças. Cheguei a convidar Douglas e Giovana, mas eles alegaram que não queriam segurar vela. Eu já tinha contado aos dois sobre o desfecho da história no caso do meu gato desaparecido. Douglas, inclusive, sentiu-se bem culpado por ter plantado a semente da desconfiança na minha cabeça no dia do primeiro encontro na lanchonete. Pedi desculpas por isso um monte de vezes. Disse que o perdoava, com a condição de que ele parasse de acreditar em tudo quanto era boato que enviavam para ele através de redes sociais.

Assisti ao jogo na arquibancada ao lado de Maurício e de seu pai, que era um senhor muito simpático e com certeza o torcedor mais eufórico ali presente. A partida foi bem emocionante e acabou sendo decidida nos pênaltis. No fim, o time da cidade venceu. Maurício e o pai gritaram, choraram, se abraçaram e berraram o nome de Olívia tantas vezes, que nem sei como não acabaram por perder suas vozes. Após a entrega de medalhas, planejei apenas esperar que Olívia saísse do vestiário para parabenizá-la e, depois, seguir para casa. Mas acabei recebendo de Maurício um convite para comemorar a vitória com eles. Acabei concordando.

Segui no meu carro até a casa deles. Foi junto um grupo com uns seis amigos de Olívia (incluindo o garoto bonitinho por quem eu percebia que

ela tinha uma quedinha). Estava uma noite agradável e comemoramos nos fundos do quintal, à beira da piscina, com muita pizza, refrigerante e risos.

Estava sentada em uma cadeira ao lado de Maurício, e eu ainda me surpreendia com o tanto que nos dávamos bem. Parecia que nós dois simplesmente nunca ficávamos sem assunto.

Ah, mas é claro, não estávamos conversando tão a sós assim. Deitada aos nossos pés, estava Panqueca, com seus olhos fixos na mesa onde as caixas de pizza estavam.

Uma caixa de som tocava as músicas que Olívia tinha selecionado para a noite. De repente, começou uma que me chamou a atenção.

“I may run and hide

(Posso correr e me esconder)

When you're screaming my name, alright

(Quando você grita meu nome, tudo bem)

But let me tell you now

(Mas deixe-me dizer agora)

There are prices to fame, alright

(A fama tem seu preço também)

All of our time spent in flashes of light

(Todo o nosso tempo sob os holofotes)

All you people can't you see, can't you see

(Todos vocês não conseguem ver, não conseguem)

How your love's affecting our reality

(Como o amor de você afeta nossa realidade)

Every time we're down, you can make it right

(Sempre que estamos na pior, vocês nos deixam melhor)

And that makes you larger than life

(E isso torna vocês maiores que a vida)

Alright!”

(Tudo bem!)

Percorri os olhos pelo ambiente, à procura da danadinha que tinha colocado *Larger Than Life* para tocar. Quando a encontrei, notei que ela também me olhava e fazia uma dancinha similar à da coreografia oficial da música, enquanto ria para mim. Sorri de volta, achando graça. Ao meu lado, a voz de Maurício soou em um tom de dúvida.

— É impressão minha, ou isso é...

— Backstreet Boys! — confirmei as suspeitas dele, e isso o deixou ainda mais incrédulo.

— Desde quando minha filha conhece isso?

— Desde que eu apresentei a ela.

— Impossível! Já tentei fazê-la gostar de tantas bandas dos anos 90, e ela nem dá confiança. Chama tudo de ‘velharia’.

— Talvez você apenas não tivesse, ainda, apresentado as bandas certas, baby.

— Deixa eu ver se entendi... Minha filha se recusa a dar uma chance ao Creed ou ao Green Day, mas está fazendo dancinha de boyband anos 90?

— Ela não é uma graça?

— Não! Digo, ela é, mas não assim. Aproveitando a sua influência, não pode apresentar nada diferente a ela?

— Bem... Embora não fosse com tanto amor, eu também gostava de N’Sync.

— Algo que não seja uma Boy band.

— Spice Girls?

— Algo menos *pop meloso*.

— É difícil te agradar, sabia? Você é um chato!

— Lógico que não sou. Ei, Panqueca, fala pra ela que eu não sou um chato!

— Sorte sua que ela não sabe falar, senão ia concordar comigo. Não é, Pan?

Continuamos com a pseudodiscussão, e dela emendamos em outros assuntos. Como da primeira vez que nos encontramos, eu perdi completamente a noção de tempo. Vi que os pais dos adolescentes foram chegando para buscá-los, um a um, até que só restou ali a família e eu. Logo que percebi isso, pensei que provavelmente já seria hora de ir embora, mas antes que falasse qualquer coisa, Olívia e o avô vieram comunicar a Maurício que a menina passaria a noite na casa dele. Foi realmente apenas um anúncio rápido, e eles logo foram embora, deixando ali apenas Maurício e eu. Antes que eu também anunciasse minha saída, o dono da casa se adiantou pedindo a minha ajuda para arrumar a bagunça. E eu concordei, sentindo-me feliz por aquele pretexto para permanecer mais tempo ao lado dele.

Ele me entregou um saco de lixo e comecei a recolher os descartáveis usados abandonados sobre as mesas, enquanto ele juntava o resto das pizzas, colocando-os todos em apenas uma caixa. Em determinado momento, eu o vi pegar algo dentro de uma das caixas e dar a Panqueca, que correu para dentro de casa mastigando e abanando o rabo, parecendo bem feliz.

— Deu pizza para a Pan? — indaguei, incrédula.

— Dei, ué. Qual o problema?

— Cães não devem comer isso. É uma bomba de carboidrato e gordura.

— Nenhum de nós deveria, afinal de contas. Mas isso não só não irá nos matar, como também nos faz felizes. Deixa a Panqueca ficar feliz também.

— O organismo de um cachorro não é como o de um ser humano!

— Achei que você fosse formada em Marketing. Não me contou que tinha feito também faculdade de Veterinária.

— Que tipo de comida deu ao meu gato enquanto ele esteve aqui? Meu Deus, deve ter envenenado o meu Howie D.!

— Ele ainda está vivo, não está? Sinal de que não teve veneno algum. Anda, relaxa!

Bufei e revirei os olhos, já sabendo que aquela discussão não chegaria a lugar algum. Mas pretendia voltar com o assunto em outro momento, pelo bem da saúde da Panqueca!

Ao invés disso, outro questionamento veio à minha mente e, sem me dar conta, acabei expondo-o em voz alta:

— A sua amiga daquele dia não veio?

Ele me olhou com curiosidade.

— Amiga? ...Ah, fala da Alice?

— Não sei o nome dela — menti. Eu sabia, afinal. Tinha visto na mensagem do celular.

— Não, ela estava só de passagem. Mora em outra cidade, a gente costuma se ver quando ela vem nas férias visitar uma tia que mora aqui. Mas ela nem conhece a Olívia, de qualquer maneira não faria sentido algum convidá-la.

— Não apresenta suas namoradas para a sua filha?

— Ela não é minha namorada.

— Verdade. Esqueci que, assim como eu, você mantém o mantra de ‘sem lances sérios’. Mas, ainda assim, se é um caso recorrente, achei que Olívia pudesse tê-la conhecido em algum momento.

— Entendo onde quer chegar. Mas... não. Como já te contei, nenhuma mulher nunca dormiu nessa casa. Ou melhor: apenas você, né? Na noite que dormiu no quarto da Olívia. Mas aí foi outra situação.

Sorri em resposta, embora aquilo não me deixasse nada feliz. Definitivamente, não queria ter sido classificada na categoria ‘outra situação’.

— Sério que nenhuma mulher nunca dormiu aqui?

— É. Talvez eu seja meio cafona, mas... fico pensando no que minha filha iria pensar ao acordar e encontrar uma mulher desconhecida em nossa casa.

— Ia pensar que o pai dela é um ser humano adulto que tem o direito de refazer a vida. Você se preocupa muito em ser um super pai... Quando a Olívia só quer um pai. Sem superpoderes. Um cara que não só queira vê-la feliz, mas que queira ser feliz também.

— Talvez você tenha razão.

— Eu sempre tenho razão.

— Ah, é mesmo? Porque quando a gente se conheceu, você achou que eu fosse um sequestrador de animais.

— Talvez nesse ponto eu estivesse enganada. Mas, de resto, costumo estar certa.

Rimos juntos e terminei de recolher todo o lixo, que não era muito. Ele pediu ajuda para carregar as garrafas de refrigerante e a pizza que sobraram para a cozinha e entramos diretamente nela, pela porta de trás da casa

Guardamos tudo e eu anunciei:

— Acho que agora eu preciso ir. Já está meio tarde.

— Não quer ficar mais um pouco? Tem bastante pizza ainda.

— Não, chega de pizza por hoje.

— Então... nos vemos no aniversário da Olívia.

— Não sei se devo vir.

— Não sabe? Carina, a minha filha é louca por você.

Queria que *ele* fosse louco por mim. Mas, obviamente, guardei o comentário apenas para mim. Porém, para a minha surpresa, ele prosseguiu:

— Você é importante para nós dois.

— Sou?

— Qual é? Já são mais de onze da noite e você está na minha cozinha depois de me ajudar a recolher os restos de uma festa. Se isso não é o ápice da intimidade, não sei mais como usar a expressão ‘ela já é de casa’.

Eu era *de casa*, então? Por mais bobo que pudesse ser, aquilo me alegrou, embora logo voltasse a me desanimar ao pensar que não era exatamente da forma como eu gostaria.

Mas... como, afinal, eu gostaria?

Contudo, por mais que corresse o risco de me ferir, ousei uma brincadeira:

— Discordo. Acho que o ápice da intimidade foi eu ter derrubado Coca-Cola em você. Duas vezes.

Para a minha adorável surpresa, ele não só sorriu, como deu continuidade:

— É. Depois disso, acabou se tornando meu refrigerante favorito.

— O meu também. — Houve um instante de silêncio, junto a uma troca de olhares. Se já tínhamos ido até ali, senti-me à vontade para ir um passinho adiante. — Mas nós dois sabemos que nossa intimidade já foi a um nivelzinho além disso.

— Seu diminutivo é uma delicadeza. Você me deixou louco naquele dia. Foi complicado ir embora naquela situação.

Não pude conter uma risada. Não por achar a cena propriamente divertida, mas... Tá, a imagem mental daquilo era um pouquinho cômica. Juro que não tinha sequer pensado na situação visível em que se encontrava o coitado antes de praticamente expulsá-lo da minha casa. Podia ter ao menos esperado alguns minutos.

Se bem que, eu sabia, em alguns minutos eu mesma estaria resolvendo tal situação. E era exatamente o que eu quis impedir naquele dia.

— Você está rindo? Por sorte não encontrei com ninguém no corredor do seu andar ou no elevador. Mas o seu porteiro percebeu quando passei por ele, tenho certeza.

— Desculpe. Na hora, nem pensei nisso. Se bem que... você acabou tendo companhia para resolver a situação mais tarde, não é?

— Minha única companhia naquela noite foi o chuveiro e a cama. Acabei optando por ficar em casa.

Aquilo, sim, era uma surpresa.

— SÉRIO? Por quê?

— Olívia diria que é porque estou um velho, e talvez seja. Na verdade, você foi a única que provavelmente se deu bem naquele dia. Já que tinha planos para mais tarde e tudo mais.

Percebi uma ponta de ciúme naquela frase, e isso fez o meu coração acelerar.

— Meus planos para aquela noite foi passar fazendo maratona de séries e comendo pipoca com o Howie e com meu amigo Douglas.

— Douglas? Não é aquele que foi com você me encontrar naquele dia na lanchonete? Não que isso seja uma questão, mas... eu achava que ele fosse...

— Gay? Completamente. Eu disse que era um amigo. Quem colocou um duplo sentido foi você.

Maurício

Então... era realmente apenas um amigo?

Eu deveria disfarçar melhor, mas não segurei o suspiro de alívio. Aquela tinha sido uma péssima noite pra mim, atormentada pela ideia de que outro homem estaria tocando Carina, fundindo seu corpo ao dela, amando-a como eu sentia que deveria ter feito.

Eu não apenas a queria para mim. Eu a queria *apenas* para mim.

Dei um passo em direção a ela, que não tinha como recuar, pois já se encostava à mesa da cozinha. Parei bem próximo, sentindo o aroma adocicado de seus cabelos. Aquele cheiro me deixava louco.

— Então, nenhum de nós finalizou a tensão daquele dia?

— Aparentemente não.

— Acha que é tarde demais para resolvermos agora?

Ela hesitou, embora seus olhos e o ritmo de sua respiração deixassem claro que estava tão a fim quanto eu.

Vendo que ela não queria responder, aproximei meu rosto ainda mais, parando com os lábios a poucos centímetros dos dela.

— Pode dizer não, se quiser. E daí eu te acompanho até o portão.

Ela tentou juntar os lábios aos meus, mas eu, em uma provocação, puxei a cabeça um pouco para trás, impedindo nossas bocas de se tocarem.

— Ainda estou esperando uma resposta. Não farei nada que você não deixe claro que queira.

Novamente, ela se aproximou um pouco, e eu voltei a me afastar, provocador. A respiração dela se tornava ainda mais pesada e isso me deixava ainda mais louco. Por baixo das calças, meu pau latejava em desespero.

— Me beija logo! — ela ordenou.

Sorri, vitorioso.

— Seu desejo é uma ordem.

E a beijei. E, como se fosse possível, foi ainda mais louco e intenso do que da outra vez. Deslizei as mãos por suas coxas e a ergui, ao mesmo tempo em que ela dava impulso, indo se sentar sobre a mesa. Ela arrancou a jaqueta, enquanto minhas mãos ágeis subiram por baixo da blusa, indo segurar seus seios macios sob o sutiã.

— E agora? — perguntei com a voz rouca, deliciando-me com seus gemidos enquanto eu acariciava seus seios. — O que você quer?

— Quero você dentro de mim. Agora.

Novamente, eu estava disposto a realizar seu pedido. Mas não com a urgência que ela exigia. Não naquele exato momento. Não ali. Queria que fosse especial. Então, fiz o que nunca tinha cogitado fazer com mulher alguma: eu a levei ao meu quarto.

Levei-a nos braços, com as pernas dela entrelaçadas à minha cintura, até o andar de cima. Entramos no quarto e eu a coloquei sobre a cama, sem

em nenhum momento parar de beijá-la. Tirei sua calça jeans, jogando-a no chão, e em seguida fiz o mesmo com a blusa, parando por um segundo para contemplá-la seminua diante de mim. Tirei, então, minha própria camisa, voltando a beijá-la enquanto me livrava do restante das roupas, com a ajuda dela. Tirei seu sutiã e desci até seus seios, enfim podendo dar a eles a atenção que mereciam. Chupei cada um dos mamilos devagar, enquanto acariciava o outro, sem pressa, enlouquecendo a cada gemido mais alto que ela soltava.

— Por favor... — ela pediu com a voz entrecortada pela respiração ritmada. — Dentro de mim, por favor!

— Não tão rápido. — Fui descendo, deixando um rastro de beijos em sua barriga, em êxtase ao ver o corpo dela reagir a cada toque. — Naquele dia, você me deixou desesperado por provar o seu gosto. Não me negue isso agora.

Tirei sua calcinha e atendi ao meu próprio desejo de degustá-la sem pressa. Explorei-a devagar com língua, lábios e dentes, até encontrar seu ponto máximo de prazer, onde me detive, chupando-a ao mesmo tempo em que usei dois dedos para penetrá-la. O corpo dela arqueou e ela soltou um grito, passando a gemer cada vez mais alto e mais forte, deixando-me a cada instante mais enlouquecido. Fiz com que minha boca e minhas mãos dessem a ela aquele primeiro orgasmo, em uma preparação para o que viria a seguir.

Levantei-me e fui até a mesa de cabeceira, onde peguei um preservativo. Quando voltei para a cama, ela levantou-se e arrancou a embalagem da minha mão, começando a abri-la.

— Não me queria dentro de você o quanto antes? — provoqueei.

— Acha que só você tem direito a uma prova prévia?

Então, ela abaixou, abocanhando o meu pau como se fosse o doce mais saboroso do mundo. Começou a sugá-lo com gosto, mantendo seus olhos fixos ao meu. Aquela visão, junto às sensações proporcionadas por ela me faziam sentir que eu não aguentaria muito tempo. Mas então, parecendo perceber isso, ela parou, começando a, delicadamente, desenrolar

a camisinha ao redor do meu membro, com a maestria de quem sabia exatamente o que estava fazendo.

Trocamos as posições e eu, enfim, a penetrei devagar, deliciando-me ao ouvi-la gemer o meu nome.

O meu nome na voz dela... Meu corpo junto ao dela... dentro do dela.

Parecia que era simplesmente certo e natural que fosse assim. Como se fosse algo já escrito para acontecer.

Fui aumentando o ritmo, indo cada vez mais fundo, até que, juntos, alcançamos o clímax.

Deitei-me ao lado dela, puxando-a para mais perto de mim.

Carina

Tinha acontecido, enfim. E eu não mudaria nada, absolutamente nada, porque tinha sido simplesmente perfeito. Do início, das provocações, das preliminares... até aquele final, com nós dois ali deitados de conchinha, o corpo dele aquecendo o meu.

Era ali que eu queria ficar para todo o sempre.

Mas a verdade fria logo veio à tona em minha mente.

— Preciso ir... — anunciei, preparando-me para me levantar.

Mas os braços dele, ainda entrelaçados à minha cintura, exerceram um pouco mais de força, detendo-me.

— Fique... — ele pediu. — Por favor, fique.

Eu não ousei recusar. Estava inebriada demais para isso. Apenas respondi voltando a beijá-lo.

Naquela noite, ainda nos amamos outras vezes mais.

Capítulo dezessete – Mais do que isso

**“There's not a day that passes by (*Não existe um dia sequer que*)
I don't wonder why we haven't tried (*Eu não me pergunte por que não tentamos*)
It's not too late to change your mind (*Não é tão tarde para mudar sua opinião*)
So take my hand, don't say goodbye (*Então, segure minha mão, não diga adeus*)**

**I will love you more than that (*Eu te amarei mais que isso*)
I won't say the words (*Não direi as palavras*)
Then take them back (*Para depois retirá-las*)
Don't give loneliness a chance (*Não dê chance à solidão*)
Baby listen to me when I say (*Baby, me escute quando digo*)
I will love you more than that” (*Te amarei mais que isso*)**

More than that – Backstreet Boys

Maurício

Eu não me lembrava de me sentir daquela maneira em nenhum outro momento da minha vida.

Acordar ao lado de uma mulher depois de uma noite intensa de sexo não era, em si, algo novo em meu trinta anos de vida. Mas era nova a sensação de paz que transbordava em mim. Sentia-me realizado, mas não saciado. Pensar que ela logo acordaria e iria embora me fazia desejar que o tempo congelasse naquele exato instante, para que eu pudesse ficar ali ao lado dela, observando-a dormir. Tão linda... Tão *minha*.

A ideia de ter sido apenas aquilo era quase insuportável. De certa forma, eu sabia que existia reciprocidade no que eu sentia.

Mas... o que, ao certo, eu sentia?

Seriam aquelas três palavras que eu havia dito apenas a uma mulher em toda a minha vida?

Eu, de fato, havia amado a Ana. Aprendi a amá-la com a convivência e com o fato de ela ter me dado o maior presente de todos, que foi a nossa filha. Mas era um sentimento que quase beirava o fraternal. Não tinha nele a paixão que eu agora nutria pela mulher adormecida ao meu lado.

Quando ela abriu as pálpebras, seus olhos castanhos se encontraram diretamente com os meus. Eu estava deitado de lado, com o cotovelo apoiado sobre o colchão, há sei lá quanto tempo observando-a dormir e sentindo a paz que tal visão me proporcionava. Eu não achava que esse sentimento seria ainda capaz de aumentar, mas foi o que aconteceu quando ela abriu um sorriso.

— Bom dia... — ela sussurrou, sonolenta.

— Bom dia, linda — sussurrei de volta. — Dormiu bem?

Ela suspirou, ao mesmo tempo em que percorreu os olhos ao seu redor e foi aos poucos deixando de sorrir.

— Meu Deus, eu... estou na sua casa. Já é de manhã? A Olívia vai chegar a qualquer momento...

Ela fez menção de se levantar, mas eu a segurei.

— Deixe que ela chegue.

— O que ela vai pensar quando me encontrar aqui?

— Que o pai dela é um ser humano adulto... de muita sorte.

Ela voltou a sorrir e eu a beijei.

— Vou preparar um café para a gente — informei.

— Já está vestido? — a pergunta retórica foi feita enquanto ela percorria os olhos pelo meu corpo, mordendo o lábio inferior de uma maneira absurdamente sensual. — Apesar de achar uma pena, sei que não seria bom ir para a cozinha como estava. Imagina, se Olívia chega...

— Já. Queria te esperar para me acompanhar no banho, mas não quis te acordar, então me adiantei.

— Que pena. Terei que tomar o meu sozinha?

— Se me der a chance, resolvo essa pendência em algum outro momento.

Voltei a beijá-la e me levantei, saindo do quarto.

Carina

“Em algum outro momento”.

Haveria outros momentos? O que tinha acontecido com o ‘apenas uma noite’?

Nada impediria que nosso ‘nada sério’ durasse além de uma única noite. Mas eu não sabia se seria capaz de viver algo sem compromisso de forma duradoura. De deixá-lo livre para sair com outras mulheres, ou de me encontrar com outros homens...

Parecia tão certo que éramos o encaixe perfeito um do outro...

Enquanto me levantava da cama, ouvi meu celular tocar e percorri os olhos pelo ambiente, até encontrar minha bolsa caída no chão em um canto do quarto. Fui até lá e peguei o aparelho, surpreendendo-me com a foto que vi na tela. Era raro que minha mãe ligasse para o meu celular. Contudo, lembrei do fato óbvio de eu não estar em casa.

— Oi, mãe — atendi, perguntando-me que fato urgente teria levado ela a me ligar tão cedo em um dia de semana. Será que tinha alguma parente distante que eu não conhecia, mas que ela fazia questão de me telefonar para contar que estava para se casar?

— Estou te ligando desde ontem, Carina! O que aconteceu? Seu telefone de casa está ruim?

— Não, mãe. Eu fui a uma festa.

— Mas hoje estou te ligando desde cedo.

— Pois é. Porque eu ainda não cheguei em casa.

— ...Dormiu fora de casa? Onde? Na casa de uma amiga?

Como a mulher adulta, responsável e independente que eu era, não senti qualquer necessidade de omitir o que tinha acontecido. Ainda que aquela comigo ao telefone fosse a minha mãe com sua mentalidade de no mínimo uns sessenta anos atrás.

— Na casa de um amigo, na verdade.

—Ai, meu Deus... quer dizer que você está namorando, e nem me contou nada?

Sabia que, em algum momento, aquele questionamento viria.

— Não, mãe. Apenas estou mantendo uma vida sexual ativa.

A pausa que ela fez deixou claro que ela não tinha apreciado o comentário.

— Carina, sério... quando é que você vai criar juízo?

Era um péssimo momento para ela fazer uma pergunta daquele tipo. Estava atordoada demais com meus próprios fantasmas para ainda ter que lidar com os dela.

— Mãe, aceite... Eu não sou a filha que você queria ter. Não sou uma cópia de você. Desculpa, mas não sou.

— Eu não quero que você seja uma cópia minha nem nada do tipo. Só espero de você o mínimo que toda mãe espera de uma filha. Já tem quase trinta anos. Quando vai decidir se casar, ter filhos, viver uma vida normal?

— E o ‘normal’ seria... ser igual a você, não é? Sabe quando isso vai acontecer? Nunca! Eu não quero me tornar uma pessoa amarga como você se tornou.

— Quanta ingratidão! Eu só quero a sua felicidade!

— Sabe o que quer? Fazer uma festança de casamento para expor pra sua sociedade moralista que sua filha está cumprindo o seu ‘papel social’. Todos os namorados que tive até hoje, você não quis saber que tipo de pessoas eles eram, mas qual era a família, a profissão, o status social. O último tinha dinheiro e era um completo babaca. E você me azucrinou por meses inteiros praticamente pedindo para que eu voltasse com ele. Você não quer me ver feliz. Você nunca me pergunta sobre meu trabalho, estudos, amigos... sobre o meu gato ou mesmo sobre a minha saúde.

— Me desculpe, Carina... Mas um dia você irá entender que o papel de uma mulher é...

— O meu papel é o que eu quiser fazer dele. E, quer saber, mãe? Acabei de ter a melhor noite de sexo da minha vida com um cara gato que não é nada, nadinha meu. E estou muito feliz com isso. Não quero uma porcaria de um compromisso para me prender. Então pare de me fazer perguntas a respeito disso. Volte a me ligar quando quiser saber mais de mim do que ‘se eu já arrumei um namorado’. A resposta continuará sendo ‘não’ ainda por um longo tempo.

Dito isso, eu desliguei o celular e o joguei de volta dentro da bolsa. Senti uma lágrima de raiva escorrendo pelo meu rosto e apressei-me em secá-la. Já bastava de chorar pelas cobranças estúpidas da minha mãe.

Entrei no banheiro do quarto. Maurício tinha separado uma toalha, sabonete e uma escova de dentes para mim. Lamentei que ele não estivesse ali para aproveitar o banho junto comigo.

Logo que terminei, peguei minha bolsa e desci as escadas. O cheiro bom de café me guiou até a cozinha.

Maurício

Eu tinha voltado ao quarto na intenção de perguntar a Carina se ela tinha alguma preferência com relação ao suco. E, claro, aproveitaria para voltar a beijá-la um pouco mais. Não queria ouvir a conversa que tinha ao telefone. Mas não pude evitar escutar as palavras tão agressivas ditas no momento em que levei a mão à maçaneta da porta:

“Acabei de ter a melhor noite de sexo da minha vida com um cara gato que não é nada, nadinha meu. E estou muito feliz com isso. Não quero uma porcaria de um compromisso para me prender.”

Aquilo não deveria ter me surpreendido de forma alguma. Ela sempre fora muito clara com relação a isso, e mesmo eu sempre fui enfático em contar que não tinha qualquer interesse em relacionamentos sérios. Porém, apenas uma noite com aquela mulher e todas as minhas ideias firmes de uma vida inteira desmoronaram como um castelo de cartas.

Uma noite? A quem eu queria enganar? Carina me cativara desde a primeira vez que nos encontramos. Mesmo antes: desde a primeira conversa ao celular. Mesmo depois do surto e afastamento dela, o que ficou em mim foi uma sensação de que ela tinha... alguma coisa. E isso veio crescendo a cada novo encontro. Nossa noite de amor só servira para fortalecer isso em mim e deixar claro o quanto eu queria estar junto daquela mulher por todos os dias da minha vida.

Porém, tinha sido ingenuidade minha acreditar que o mesmo pudesse ter ocorrido com ela.

Voltei à cozinha e preparei o café, ajeitando a mesa como fazia todos os dias pela manhã, compreendendo que não existia nada de mais especial naquela refeição.

Carina logo desceu e, sorrindo, veio até mim, depositando um beijo em meus lábios. O cheiro de sabonete em sua pele invadiu o meu olfato e quase me fez voltar a agarrá-la ali mesmo. Mas eu não faria aquilo, pelo motivo que expus sem qualquer rodeio:

— Olívia logo deve estar chegando. Sem querer ser indelicado, você poderia se apressar em tomar seu café? Eu preferiria que ela não te encontrasse aqui quando chegasse.

O sorriso se apagou do rosto dela.

— Mas você tinha dito que...

— Eu sei. E você tem toda a razão: Olívia já está bem grandinha para entender que o pai dela é um ser humano adulto e solteiro. Talvez eu realmente passe a ser menos radical com relação a vez ou outra trazer alguma mulher com quem eu esteja saindo aqui para casa.

— ‘Alguma mulher’? — ela repetiu, ainda me olhando de uma forma incrédula. Droga, eu também não queria soar como um idiota.

— Mas você é diferente, Carina. Você já têm uma relação com a minha filha. Ela gosta muito de você. E eu não quero que, ao saber que você passou a noite aqui, ela passe a alimentar esperanças sobre um futuro que não vai acontecer.

— Entendo. — Ela virou o rosto, passando a vagar os olhos pelo nada, pensativa. — É... Você tem toda a razão.

Foi com surpresa que vi os olhos dela começarem a transbordar, sem que ela fizesse questão de deter uma única lágrima. Aquilo me fez sentir um desejo louco de envolvê-la em meus braços. Contudo, apenas perguntei:

— O que houve? Por que está chorando?

Ela puxou lentamente o ar para dentro dos pulmões e então piscou algumas vezes para se livrar das lágrimas, voltando a me encarar com firmeza.

— Sabe qual é o problema de ser viciada em... como você mesmo diz, músicas pops melosas? É que a gente acredita que é possível viver uma história como as das letras. Eu sempre tentei manter meus pés no chão para entender que essas coisas não acontecem na vida real, mas... Quer saber? Não esquenta com isso. Eu sou uma grande idiota.

Dito isso, ela se virou e saiu caminhando. Levantei-me e a segui até a porta da cozinha, onde parei, perguntando:

— Para onde está indo? Não vai tomar café?

— Sabe o que você faz com esse café, Maurício? Faz o seguinte... — Ela se calou quando Panqueca se aproximou colocando o focinho embaixo de sua mão, numa forma de pedir carinho. — Divide com a Panqueca — ela completou. Afagou a cabeça da cachorra e ainda pude ouvi-la sussurrando: — Adeus, Pan. Continue sendo uma boa menina, viu?

Então, ela saiu apressada porta afora. Ainda fiquei alguns instantes sem reação, até começar a segui-la. Cheguei ao portão no momento em que ela arrancava com o carro deixado em frente à minha calçada.

A reação dela não fazia qualquer sentido para mim. No entanto, isso não me impediu de me sentir um completo idiota.

Tentei ligar para ela naquele mesmo dia, ainda pela manhã. Depois à tarde e à noite... e no dia seguinte também. Mas ela não me atendia, nem respondia às minhas mensagens. Tive a sensação de que, mais uma vez, ela havia bloqueado o meu número. Seguir a rotina de trabalho não tinha sido nada fácil. Não conseguia deixar de pensar em Carina, nem por um segundo.

Na sexta-feira, véspera do aniversário de Olívia, finalizei mais cedo os atendimentos no meu consultório para poder confirmar os últimos detalhes da festa. Meu pai costumava se oferecer para ajudar, mas já há alguns anos que eu o convencera de que as coisas funcionavam melhor quando ele não se envolvia na organização. Cheguei a aceitar a ajuda no aniversário de dez anos, quando ele fez o grande favor de contratar animadores vestidos como a turma da Galinha Pintadinha. Minha filha já havia abandonado essa fase há alguns anos e, é claro, os animadores inusitados renderam a ela algumas zoações dos colegas. Desde então, eu cuidava de tudo sozinho.

Eram quase sete da noite quando cheguei em casa, sendo como de costume recebido por Panqueca logo no portão. Olívia estava deitada no sofá, com fones nos ouvidos e o bendito celular diante do rosto, só para variar. Quando percebeu minha presença, ela tirou os fones e me olhou.

— E aí, tudo certo? — ela perguntou. Percebi que tentava forçar na voz uma empolgação que não parecia sentir.

— Sim, tudo certo. — Aproximei-me, sentando-me no sofá ao seu lado. Panqueca acomodou-se no tapete. — E você, animada para amanhã?

— Claro. Não vejo a hora. — Ela fez uma pausa, pensativa. — Pai, posso te fazer uma pergunta?

— Sempre.

— Desde o dia do jogo da final que a Carina não responde as minhas mensagens. Aconteceu alguma coisa entre vocês depois que fui pra casa do meu avô?

Aquela não era exatamente uma pergunta que eu gostaria de responder. Porém, sempre segui ao máximo o hábito de não mentir para a minha filha. Então, fui sincero:

— Acontecer aconteceu, mas... não foi nada de importante.

— Pai... Você gosta dela, não é?

— De onde tirou isso?

— Da cara de bocó que você faz quando ela está perto. Percebi isso desde o dia em que a conheci, quando ela dormiu no meu quarto.

— Filha, as coisas entre adultos são muito mais complicadas que isso.

— Se você gosta dela e ela gosta de você, eu não vejo complicação alguma.

— Certo... E de onde tirou que ela gosta de mim? Talvez até goste um pouco, sei lá, mas... Como eu falei, não é tão simples. Ela não quer compromisso com ninguém.

— Mas você não é *ninguém*. É um cara bonitão pra quem ela também olha com cara de bocó quando está por perto.

Não pude evitar achar graça do comentário.

— Como eu disse, filha, as coisas não são tão simples. Ela tomou a decisão dela.

— Então você pediu ela em namoro e ela disse não?

— Não pedi, porque já sabia que a resposta seria não. Ouvi ela sendo bem enfática com relação a isso enquanto falava com outra pessoa ao telefone.

— Sabe a Júlia, da minha sala? Então, ela gosta do Diego, né? Desde o ano passado. Daí, então...

— Espera... Que papo é esse agora, Olívia? Você e seus colegas não são jovens demais para essas coisas?

— Pai, fica quieto e escuta! Então, eu já sabia que ela gostava dele, porque ela me contou. Mas ninguém mais sabia, e todo mundo achava que ela odiava ele, porque vivia chamando-o pelos apelidos mais idiotas.

— E no que esse drama típico de uma novela infantil pode me ajudar?

— Calma que tô quase chegando lá. Então, um dia o Diego não apareceu na escola, e a gente ficou sabendo que a família dele se mudou para o Canadá. Assim, do nada. E quando recebemos a notícia de uma professora, a Júlia chorou. Ela chorou muito, e então todo mundo entendeu que ela gostava dele. Ele era, tipo, o amor da vida dela.

— Pelo amor de Deus, vocês têm treze anos. Como é possível que saibam o que... — calei-me ao receber um olhar nada amigável da minha filha, mostrando que a história ainda não havia terminado.

— Não entende, pai? Eles estudaram juntos desde a creche. E ela sempre implicou com ele, inventou apelidos e tudo mais. E quando ela enfim percebeu que estava começando a gostar dele, ela continuou fazendo isso, para que ele não percebesse que os sentimentos dela tinham mudado. Porque ela estava com medo de se declarar.

— Você daria uma ótima psicóloga, filha. Sinto muito pela Júlia, mas ainda não sei como isso se parece com o meu caso com a Carina.

— A Carina é uma romântica em nível hard. Só que certamente já gostou de alguns caras babacas.

— Ela te contou isso?

— Ela disse que o ex dela odiava o Howie. Quem odeia um gato tão fofo como o Howie é o quê, além de um enorme babaca?

Acabei rindo, apesar de a expressão no rosto de Olívia manter-se bem séria. Ela prosseguiu:

— Ela também me contou que a mãe dela só sabe falar de casamento, e que não se importa com nenhuma outra conquista dela. Acha que ela é uma fracassada por não ter se casado. E a Cá sabe que ela é muito mais do que isso, que não precisa ter um relacionamento para ser bem sucedida na vida dela. Então, ela acabou suprimindo esse lado romântico dela, e se defende tanto do sentimento de decepção com os ex quanto das insistências da mãe dizendo que não quer nada sério. Ela é como a Júlia xingando o Diego para que ninguém percebesse que no fundo ela era louca por ele. Só que você, também, é um pouco como a Júlia, porque fica aí calado, deduzindo as coisas, em vez de chegar na Carina e falar com todas as palavras sobre o que você sente. Você pode acabar levando um fora e, aí,

talvez se arrependa de ter se declarado. Mas... se ela simplesmente, algum dia, for embora de vez da sua vida, você pode se arrepender muito mais por nunca ter ao menos tentado.

Quando ela parou de falar, eu ainda permaneci em silêncio por algum tempo, analisando aquelas palavras. Era incrível como algo aparentemente tão simples antes me parecia tão difícil de ser enxergado.

E eu tinha precisado ouvir o sermão da minha filha adolescente para entender tudo.

— Quer mesmo seguir com essa coisa de futebol? Você daria uma ótima psicóloga.

— É o meu plano B.

— Bem... talvez você tenha razão e eu realmente precise ser mais direto e sincero sobre as coisas que eu sinto.

— Todo mundo precisa, pai. Senão, como o outro vai saber? Aliás, isso é uma coisa que a própria Carina me falou. Porque, sabe... Talvez eu precise ser sincera contigo também.

— Sobre o quê?

— Sobre... Talvez, ano que vem eu preferir comemorar o meu aniversário de alguma forma mais simples, sem grandes festas, sabe.

— Espera... O que está dizendo? Você ama as suas festas!

— Eu amo você, pai. E *you* ama as minhas festas. Eu acho que peguei trauma desde aquela vez que vocês contrataram aquela galinha azul idiota.

— Isso foi coisa do seu avô. E a verdade é que não amo necessariamente as festas, filha. Também amo você e achava que isso era importante. Como eu ia saber se você nunca me contasse?

— Então, a partir de agora, vamos combinar uma coisa? A gente sempre conta as coisas para as pessoas que a gente ama.

— Combinado.

— Então, vai contar para a Carina o que sente por ela?

— Isso já é um pouco mais complicado, filha. Ela bloqueou o meu número. E não duvido que tenha alertado os porteiros do prédio para não me deixarem subir caso apareça por lá.

— Eu vou te dar um pendrive com umas músicas pra você ouvir. O resto você deixa comigo.

Capítulo dezoito – Contanto que você me ame

**“Although loneliness has always been (*Embora a solidão sempre tenha sido*)
a friend of mine (*minha amiga*)
I’m leaving my life in your hands (*Estou deixando minha vida em suas mãos*)
People say I’m crazy and that I am blind (*As pessoas dizem que eu sou louco e cego*)
Risking it all in a glance (*Arriscando tudo num piscar de olhos*)**

**And how you got me blind (*E como você me cegou*)
is still a Mystery (*ainda é um mistério*)
I can’t get you out of my head (*Eu não consigo te tirar da cabeça*)
Don’t care what is written (*Não importa o que está escrito*)
in your history (*na sua história*)
As long as you’re here with me” (*Desde que você esteja aqui comigo*)**

Carina

Eu tinha chegado do mercado há poucos minutos, e agora estava na cozinha, guardando as compras. Talvez eu tivesse exagerado um pouco na aquisição de doces, mas andava com um humor tão ruim que precisava de uma overdose de glicose para conseguir me manter sem voar no pescoço do primeiro chato que aparecesse na minha frente. Quando voltei do mercado, inclusive, dei de cara com minha vizinha insuportável na portaria, e o mero ‘Bom dia’ dela me soou debochado e provocativo. Meu esforço para não responder com um xingamento bem inapropriado para aquela hora da manhã foi grande.

Enquanto guardava os pacotes de balas, chocolates e biscoitos no armário, ouvi meu celular vibrar sobre a bancada. Peguei o aparelho e olhei

a mensagem exibida na barra de notificações:

Hoje é meu aniversário. Sério que nem assim vai falar comigo?

Se eu antes já me sentia culpada por não estar respondendo as mensagens de Olívia, naquele momento a culpa triplicou. Estive apenas tentando evitar o fatídico dia da festa. Sabia que ela iria insistir para que eu fosse, e eu não tinha um modo simples de explicar por que eu não iria. Já gostava demais daquela menina e odiava falhar daquele jeito com ela.

Era aniversário dela, afinal. E eu não poderia continuar a ignorá-la.

Apertei a tecla de discagem e levei o aparelho ao ouvido. Rapidamente fui atendida.

— Eu realmente achei que você não fosse nem me dar parabéns! — ela já atendeu reclamando, naquele tom de voz típico de adolescentes dramáticas. Não consegui evitar o riso.

— Depois de uma convocação dessas, eu não ousaria fazer isso. Aceita meu pedido de desculpas e meu feliz aniversário?

— Sim, mas apenas pessoalmente. Mais tarde é a minha festa e eu não aceito que você não venha.

— Lamento muito por isso, minha querida. Mas infelizmente não poderei ir.

— Essa não é uma resposta válida, Carina. Você precisa vir. Senão nada terá o mesmo sentido pra mim.

— Meu Deus, que garotinha mais dramática! — brinquei. — Tenho certeza de que será uma festa incrível. Você vai ficar linda com o look que a gente escolheu.

— Um look que só faz sentido porque você me ajudou a escolher. Por favor, Cá. Você não precisa ficar até tarde. Venha ao menos só me dar um abraço. Você pode trazer alguém com você. Que tal aquela sua amiga, a dona da loja?

Ter alguém comigo talvez tornasse a situação menos incômoda, já que eu não ficaria sozinha e deslocada, tendo que evitar o pai da aniversariante. Ainda assim, eu realmente não queria ter que encarar aquela situação.

— Eu nem tive tempo de comprar um presente para você — argumentei.

— Eu não me importo. Só quero que você venha, mesmo! Cá, eu não sei do que você está com medo, mas... Eu não pretendo deixar você e o Howie saírem da minha vida. Então, seja o que for, você precisa encarar.

Novamente, ri daquela determinação na voz dela. Ao mesmo tempo, meu peito se aqueceu, tomado por um sentimento tão bom. Eu também não queria tirar Olívia da minha vida.

Nem o pai dela, mas... Essa não era uma decisão que eu pudesse tomar sozinha.

— Certo — concordei, por fim. — Vou dar uma passada rápida aí. Ficarei por no máximo uma hora, talvez nem isso. É só mesmo para te dar um abraço.

— Isso aí! — ela vibrou, animada. — Ah, me manda o telefone da Lúcia? Acho que seria bem mais simpático se eu mesma ligasse para convidá-la, não é?

— Tá, vou te mandar. Te vejo mais tarde, minha chantagistazinha favorita.

Ela riu e encerramos a ligação. Mande o número da Lúcia para ela pelo whatsapp, em seguida enviando à minha amiga uma mensagem rápida para explicar a situação. Lúcia ainda levou quase meia hora para me responder, e sua resposta foi apenas um emoji de uma carinha sorrindo ao lado de um coração. Acho que aquilo significava que ela não apenas iria comigo, como estava animada com isso.

Pelo menos uma de nós estava.

Apenas quando Lúcia me mandou uma mensagem informando que estava saindo de casa, foi que eu também saí. A distância da casa dela até o local da festa era praticamente a mesma que a minha, por isso concluí que chegaríamos quase ao mesmo tempo.

Não foi o que aconteceu.

Deixei meu carro no estacionamento ao lado do salão. Não era muito grande, por isso, ao percorrer os olhos ao meu redor eu facilmente poderia identificar o carro de cor amarelo-ovo mega chamativo da minha amiga. Não o vi por lá. Fui até a entrada do salão, disposta a ficar ali aguardando que minha acompanhante chegasse. Porém, alguém veio me receber. Uma adolescente usando um adorável vestido turquesa rodado, com os cabelos presos em um alto rabo de cavalo, com os cachos compridos caindo como uma cascata pelos ombros. Nos pés, causando um contraste despojado ao visual, ela calçava um tênis all star de cano alto, preto com detalhes na mesma cor do vestido. Ela se jogou em meus braços logo que me viu.

— Meu Deus, como está linda! — eu exclamei, encantada, abraçando-a de volta.

Ela se afastou e me olhou.

— Você também não está nada mal.

Não havia nada demais na minha roupa. Nesse dia, o clima estava ameno, então usei colocar uma saia com estampa de bolinhas, junto a uma blusa branca e um tênis da mesma cor. Prendi meus cabelos lisos em um rabo de cavalo.

— Por que está parada aqui fora em vez de entrar? — ela questionou.
— Vem, a banda já vai começar a tocar.

— Estou esperando a Lúcia.

— Espera lá dentro, ué. Anda, vem logo.

Sem aguardar por respostas, ela me puxou para dentro do local. A festa acontecia na parte externa do salão, uma área bem espaçosa e gramada. Havia um caminho central de pedrinhas, demarcado com dois canteiros estreitos de florzinhas coloridas, passando bem no meio da parte onde ficavam as mesas com os convidados. Ao final, tinha uma área aberta onde alguns adolescentes já dançavam as músicas tocadas por um DJ. Indo

por um lado, seguia-se para uma área coberta, onde estavam a mesa com o bolo e outras com doces e frios. De frente para a ‘pista de dança’ havia um palco onde a banda já começava a se posicionar para iniciar a apresentação ao vivo.

Olívia me levou até uma mesa vazia bem de frente para a área de dança e, conseqüentemente, para o palco. Estranhei que um lugar com uma vista tão privilegiada para a banda estivesse livre àquele momento da festa, que já começara há pelo menos umas duas horas.

— Vai começar o show, fique bem aqui! — Olívia informou logo que me sentei, correndo em seguida para a parte de trás do palco, que estava tampada com uma cortina branca.

A banda começou a tocar os acordes de uma música que eu não conhecia – talvez eu devesse atualizar minha cultura pop musical – e eu me distraí, observando a decoração do ambiente. Predominavam as cores preto e turquesa, que Olívia já tinha me contado terem sido as escolhidas por ela. Contudo, no palco, havia balões em formato de corações, vermelhos, destoando um pouco do restante da decoração, mas, ao mesmo tempo, dando um charme e um realce com os músicos que estavam todos vestidos de branco. O vocalista tinha uma voz lindíssima.

Enquanto observava a decoração, também percebi que não avistei Maurício em nenhum lugar e não pude deixar de me perguntar onde ele estaria. Provavelmente, resolvia alguma coisa, pois sabia que ele não perderia a festa da filha por nada nesse mundo.

Mas... que droga! Por que eu tinha que ficar pensando nele o tempo todo?

Com isso, tendo a mente embalada pela canção que era tocada, acabei mergulhando em lembranças. Do nosso primeiro encontro que foi de início delicioso e, ao final, desastroso. Do segundo, quando machuquei o pé e fui carregada nos braços por ele. De todas as nossas outras conversas desde então. Do dia em que ele me salvou de uma barata e tivemos nosso primeiro beijo... E da nossa noite de amor.

Amor? Doía pensar que essa palavra provavelmente era sentida apenas por mim. Porque as lembranças mais dolorosas eram da manhã

seguinte, quando ele praticamente me expulsou de sua casa e de sua vida.

Eu realmente não deveria ter ido àquela festa.

Já me sentindo prestes a cair no choro, levantei-me na intenção de ir embora, mas Olívia surgiu correndo em minha direção, praticamente trombando comigo. Ela trazia três daqueles balões de corações, e colocou a ponta das fitas amarradas a eles na minha mão. Então ela parou ao meu lado, olhando para a banda. A música que eles tocavam chegou ao fim, mas não iniciaram outra, porque alguém subiu no palco.

Lá estava ele... Tão lindo quanto sempre estive. Vestido de forma despojada com tênis, calça jeans e uma camisa – branca, como era praticamente uma mania – por baixo de uma jaqueta jeans.

Ele pegou o microfone, desejando boa noite aos convidados e agradecendo pelas presenças. A voz dele ainda era capaz de me trazer arrepios, e fazia crescer em meu peito aquele sentimento que eu sabia que não poderia nutrir.

Senti que não aguentaria continuar ali e dei meia volta, seguindo pela trilha em meio às mesas. Já devia ser algo em torno de cinco e meia da tarde, porque o sol começava a se pôr, trazendo ao céu um efeito alaranjado.

— Prometo ser breve no que tenho a dizer... — falava Maurício no palco. — Até porque, preciso ser, antes que a senhorita estressadinha vá embora, como parece estar pretendendo fazer.

Parei de andar, como se meus pés congelassem fixos ao chão. Mas ainda não fui capaz de me mover para olhá-lo. Temia que estivesse ouvindo coisas ou entendendo de forma errada. Ele continuou:

— Sei que quando, por anos a fio, mantemos uma decisão como certa em nossa vida, fica difícil reconhecer ou compreender que algo nos fez mudar de opinião. O mesmo aconteceu comigo. E, quando te ouvi dizer a outra pessoa que sua decisão permanecia a mesma, eu fui um covarde e tive medo de te contar como eu mesmo me sentia.

Ele tinha... ouvido? Mas... como?

Lembrei-me do telefonema da minha mãe e das palavras duras que eu disse a ela. Quis despejar contra ela tudo o que eu guardava já há tanto

tempo, ignorando o fato de que, naquele momento, eu não me sentia mais daquela forma.

Mas... como Maurício se sentia?

Tomando coragem, consegui me virar. Tentei ignorar o fato de que todos os olhares dos convidados estavam voltados para mim e só então percebi que ainda segurava os benditos balões de coração que me transformavam em um alvo ainda mais notório. Foquei-me, apenas, em Maurício. Ele olhava para mim com aquele sorriso lindo. Estava ainda com o microfone na mão e achei que fosse dizer mais alguma coisa, mas, em vez disso, foi até o vocalista da banda e falou algo em seu ouvido. Este assentiu e pareceu repassar o recado aos demais integrantes. Um silêncio inusitado invadiu o local, sendo cortado por um ou outro murmúrio abafado, na certa de pessoas se perguntando sobre o que estaria acontecendo. Após algum tempo o tecladista iniciou as notas daquela introdução que eu conhecia tão bem. Não tive controle sobre as lágrimas que inundaram os meus olhos, muito menos pelo tremor que dominou o meu corpo quando Maurício aproximou o microfone dos lábios e começou a cantar.

“Although loneliness has always been a friend of mine

(Embora a solidão sempre tenha sido minha amiga)

I’m leaving my life in your hands

(Estou deixando minha vida em suas mãos)

People say I’m crazy and that I am blind

(As pessoas dizem que eu sou louco e cego)

Risking it all in a glance

(Arriscando tudo num piscar de olhos)

And how you got me blind is still a Mystery

(E como você me cegou ainda é um mistério)

I can’t get you out of my head

(Eu não consigo te tirar da cabeça)

Don't care what is written in your history
(Não importa o que está escrito na sua história)
As long as you're here with me"
(Desde que você esteja aqui comigo)

Quando chegou ao refrão, ele desceu do palco, vindo em minha direção enquanto cantava olhando-me diretamente nos olhos.

"I don't care who you are
(Eu não me importo com quem você é)
Where you're from
(De onde você veio)
What you did
(O que você fez)
As long as you love me
(Contanto que você me ame)

Who you are
(Quem é você)
Where you're from
(De onde você veio)
Don't care what you did
(Não importa o que você fez)
As long as you love me
(Contanto que você me ame)

A partir desse momento, o vocalista da banda assumiu a música. Abaixando o microfone, Maurício parou diante de mim e tomou fôlego para

me dizer alguma coisa. Mas não permiti que dissesse nada. Todas as palavras... as melhores palavras possíveis... já tinham sido expostas naquela que era a música que eu sempre sonhei um dia ser cantada para mim. Então, avancei sobre ele e o beijei, deixando que sentisse toda a paixão que me consumia.

Ouvi aplausos ao nosso redor, e a música que continuava a ser cantada:

Every little thing that you have said and done
(Cada pequena coisa que você tenha dito e feito)
Feels like it's deep within me
(Parece ter ficado dentro de mim)
Doesn't really matter if you're on the run
(Não importa se você está só de passagem)
It seems like we're meant to be
(Parece que isso era pra acontecer)

Quando nossos lábios se afastaram, ainda mantemos nossos corpos colados um ao outro. Ele deslizou as mãos pela minha cintura e começamos a nos mover devagar, ao ritmo da música. Afundei meu rosto em seu peito, aspirando profundamente seu perfume masculino. Então ele enfim disse algo:

— O que eu ia fazer... antes de você me calar com esse beijo... era pedir desculpas pela forma como te tratei.

— Eu é que peço desculpas pelo que você ouviu. Estou sempre brigando com a minha mãe, e... Enfim, não era mais o que eu sentia. Não é mais o que eu sinto.

— Como eu ia descobrir, se você não me contasse?

— Refaço a você a mesma pergunta.

— O que eu sinto é que eu te amo.

Minha visão embaçou, porque, como se fosse possível, mais lágrimas brotaram dos meus olhos.

— Você me ama mesmo eu sendo uma estressadinha?

— Eu te amo *apesar de* você ser uma estressadinha. Quero que seja a *minha* estressadinha.

— Sou a *sua* estressadinha. Eu também te amo!

Voltei a beijá-lo e houve mais uma salva de palmas ao nosso redor.

I don't care who you are

(Eu não me importo com quem você é)

Where you're from

(De onde você veio)

What you did

(O que você fez)

As long as you love me

(Contanto que você me ame)

Who you are

(Quem você é)

Where you're from

(De onde você veio)

Don't care what you did

(Não importa o que você fez)

As long as you love me

(Contanto que você me ame)

Quando afastamos nossos lábios, voltei a olhá-lo nos olhos e trocamos um sorriso cúmplice. Pelo canto dos olhos, percebi uma figura familiar e virei a cabeça nessa direção, deparando-me com Lúcia, que,

sentada confortavelmente em uma cadeira, sorriu e ergueu para mim uma taça de algo que na certa devia ser guaraná.

— Me dá licença, só um minutinho? — pedi a Maurício, entregando a ele os balões que eu ainda segurava até então.

Fui até Lúcia, parando de pé diante dela.

— Onde a senhora estava? — questionei, fazendo-me de irritada.

— Bem aqui, assistindo ao show. Sofia e eu. — Ela levou a mão à barriga, e entendi aquilo como um pedido para eu pegar leve, já que ela estava grávida.

Certo... Sofia estava salvando a vida da mãe naquele momento.

— Combinou tudo isso com a Olívia, não é?

— É uma menina bem esperta. E de bom gosto musical, olha esse repertório! Agora anda, vai dar atenção ao seu príncipe.

— Eu vou, mas a gente vai ter uma conversa séria. Ainda hoje!

— Vai, sim. E você vai me contar todos os detalhes.

Rindo, voltei para perto de Maurício. Ele agora olhava para o palco, cantando a música junto com a banda.

I've tried to hide it so that no one knows
(Tentei esconder para que ninguém soubesse)

But I guess it shows
(Mas eu acho que dá pra perceber)

When you look into my eyes
(Quando você olha dentro dos meus olhos)

What you did and where you're coming from
(O que você fez e de onde você está vindo)

I don't care
(Eu não me importo)

As long as you love me, baby
(Contanto que você me ame, querida)

— Então... Não era você que odiava Backstreet boys? — impliquei.

— Olívia me convenceu de que, para te compreender melhor, eu precisava ouvir as músicas desses caras.

— E você fez esse grande sacrifício.

— Por você vale a pena. Ainda que você não esteja em busca de nada sério, não é?

— E você também não, segundo me contaram.

— Então, o que acha de buscarmos por esse nada sério juntos?

— Acho perfeito. A vida já é séria demais.

Voltamos a nos beijar. E tive certeza de que aquela era a coisa mais certa a ser feita.

I don't care who you are
(Eu não me importo quem você é)

Where you're from

(De onde você veio)

What you did

(O que você fez)

As long as you love me

(Contanto que você me ame)

Who you are

(Quem você é)

Where you're from

(De onde você veio)

Don't care what you did
(O que você fez)
As long as you love me
(Contanto que você me ame)

E, assim, seguimos por um início de caminho nada sério. A princípio, não rotulamos, não trocamos anéis de compromisso e não tive pressa alguma em apresentá-lo à minha mãe. Mas logo nosso lance se tornou um pouco sério e, quando nos demos conta, eu estava um pouco seriamente ganhando uma cópia das chaves da casa dele e passando mais do que apenas algumas noites por lá. Alguns dias seguidos, para começar, e passando a levar o Howie comigo, para a felicidade total de Olívia. Logo eu estava um tantinho mais séria, levando para a casa deles algumas roupas, e mais roupas, e outras coisas, e toda uma mudança.

Logo, nós cinco passeávamos juntos por uma feira de adoção, em busca de mais um membro peludo para aquela coisa que começou meio que nada séria, mas agora já era uma família.

Epílogo

**“You got me wide open (*Você me pegou desprevenido*)
wide open now I'm yours (*desprevenido, agora sou seu*)
You found me heartbroken (*Você me encontrou ferido*)
heartbroken, on the floor (*com o coração partido no chão*)**

Became my salvation, salvation through the war (*Tornou-se a minha salvação, no meio da guerra*)

You got me wide open, wide open now I'm sure (*Você me pegou desprevenido, desprevenido, agora eu sei*)

In a world like this where some back down (*Em um mundo como esse, em que alguns desistem*)

I, I know we're gonna make it (*Eu sei que vamos conseguir*)

In a time like this when love comes 'round (*Em uma época com essa, em que o amor muda*)

I, I know we gotta take it (*Eu sei que vamos agarrá-lo*)

In a world like this when people fall apart (*Em um mundo como esse, em que as pessoas se afastam*)

In a time like this when nothing comes from the heart (*Em uma época como essa, em que nada vem do coração*)

In a world like this, I've got you” (*Em um mundo como esse, eu tenho você*)

In a world like this – Backstreet Boys

Olívia

Dois anos se passaram desde o aniversário em que meu pai e Carina assumiram seu namoro despretenso. Com uma pequena, ou melhor, com

uma grande ajuda da minha parte. Se não fosse por mim, pela Panqueca e pelo Howie, nada disso teria sido possível.

Ah, e agora tínhamos também o Nick, o sexto membro da família: um filhote mestiço de vira-lata com pastor alemão.

Eu continuava a jogar futebol, agora em um time maior, e mantinha firme o meu sonho de um dia fazer parte da seleção brasileira. Carina também ainda trabalhava no mesmo lugar, mas agora tinha sido promovida e era chefe do setor dela. Meu pai conseguiu ampliar a clínica dele, e agora tinha outros dentistas que também atendiam lá. Panqueca voltou a subir no sofá, mas agora já estava mais velhinha, então suas festinhas quando chegávamos em casa já não eram mais tão elétricas assim. Howie ainda tinha o hábito de dormir em cima da geladeira.

Era meu aniversário de quinze anos e eu definitivamente não queria uma festa. Meu avô havia se mudado para a casa de campo, e eu amava passar as férias escolares lá, junto com toda a minha família. Meu pai e Carina tiravam férias no trabalho no mesmo período para também poderem ir.

Minha mala já estava pronta, em um canto do quarto, e sairíamos logo depois do café da manhã. Então desci e encontrei todo mundo na sala, dividindo o mesmo sofá: meu pai, Carina e nossos três peludos. Os humanos do grupo me olharam logo que terminei de descer as escadas, parecendo que esperavam por mim. Então se levantaram, vindo os dois me abraçar. Panqueca e Nick também vieram fazer festinha. Howie apenas aproveitou que estava sozinho para se esticar no sofá.

— Minha garotinha já está com quinze anos! — Lá vinha meu pai com aqueles comentários de velho. — Como tempo passa!

— Tá bom, pai... chega disso. Faz você parecer muito mais velho do que realmente é.

Carina riu e implicou enquanto ele se fazia de chateado.

— O que estão fazendo aqui ainda? Vamos logo tomar café.

— Espera, queremos antes de qualquer coisa te dar o seu presente — anunciou Carina, indo apanhar uma caixa que só agora eu tinha visto sobre a mesa de centro.

Eu tinha ganhado, há poucos dias, um celular e um notebook novos, e achei que isso já fosse um mais do que perfeito presente de aniversário. Sinceramente, não estava esperando por mais nada.

Carina me entregou a caixa e abraçou meu pai. Daí os dois ficaram me olhando, parecendo ansiosos.

— Vai abre logo! — meu pai me apressou.

Fiquei pensando em o que, de tão especial, poderia ter ali dentro. Então, puxei o laço verde-claro que fechava a caixa da mesma cor. Quando a abri, em um primeiro momento, fiquei confusa com o que avistei. Quando aquilo começou a fazer algum sentido, ainda fiquei sem reação, custando a acreditar que fosse realmente o que eu pensava que fosse.

Era um par de sapatinhos verdes, de tricô. No fundo da caixa, havia um envelope e eu senti que minhas mãos tremiam um pouco enquanto abria. Soltei um grito eufórico quando li o que estava escrito ali:

Parabéns!

Você foi promovida à irmã mais velha.

Tremendo ainda mais, soltei a caixa e levei as mãos à barriga de Carina.

— Meu Deus, é verdade? Verdade mesmo? — Eu ainda custava a acreditar.

— É sim, filha. Você vai ter um irmãozinho.

— Ou irmãzinha — Carina o corrigiu.

— Ou irmãzinha — ele repetiu. — Não importa. De qualquer maneira, será muito amado.

— Será! — confirmei. — E eu serei a irmã mais velha mais legal de todo o universo.

— Não temos dúvida disso, querida — Carina garantiu.

Eu os abracei mais uma vez.

E essa deveria ter sido a história do romance do meu pai, Maurício, e da Carina.

Ou poderia, também, ser só a história de um gato e de um cachorro fujões, que trocaram de casas por algum tempo.

Mas era muito mais do que isso. Era a história de como a minha família, que embora pequena sempre foi completa, agora estava mais completa ainda. E continuava a crescer cada vez mais.

Uma história de amor, enfim. Tão normal e, ao mesmo tempo, tão especial quanto todas as outras.

FIM